UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

ANA BEATRIZ CAMPEIZ

**A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes
sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade**

Ribeirão Preto

2018

ANA BEATRIZ CAMPEIZ

A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes
sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública.

Linha de pesquisa: Assistência à criança e ao adolescente

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Bomfim de Carvalho

Ribeirão Preto

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Campeiz, Ana Beatriz

A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade. Ribeirão Preto, 2018.

144 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP. Área de concentração: Enfermagem em Saúde Pública.

Orientador: Maria das Graças Bomfim de Carvalho

1. Relações íntimas. 2. Violência. 3. Adolescentes. 4. Complexidade.

CAMPEIZ, Ana Beatriz

A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública.

Aprovado em / /

Comissão Julgadora

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Agradecimentos

A Deus, pelo privilégio de poder desfrutar do meio acadêmico e adquirir e compartilhar conhecimentos.

Aos meus pais, Vera e Carlos, por todo apoio e amor que me foram dados, fundamentais para que eu estivesse aqui.

Às minhas irmãs, especialmente a Ana Flávia, por ter sido a primeira a acreditar em mim e me incentivar a ingressar no Programa de Pós-Graduação da EERP-USP.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria das Graças Bomfim de Carvalho, com a qual pude compartilhar questões acadêmicas e de fórum particular, e pela qual tenho profunda estima por ser uma mulher forte e resiliente. Agradeço por sua paciência, solicitude e disposição que me acompanharam desde o primeiro e-mail até a última versão deste trabalho.

À Profa. Dra. Diene Monique Carlos e ao Prof. Dr. Ailton de Souza Aragão, por toda atenção e disposição em me ajudar, e pela condução, instruções, sugestões e estímulos que foram de imprescindível importância para a realização deste trabalho.

A todos integrantes do núcleo de estudo e pesquisa PROASE, com os quais aprendi e cresci muito, tanto no âmbito pessoal quanto no acadêmico.

*“me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar esta montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além.”*

(Rupi Kaur, 2018, p.213)

*“Todas nós seguimos em frente
quando percebemos
como são fortes e admiráveis
as mulheres à nossa volta.”*

(Rupi Kaur, 2017, p.199)

RESUMO

CAMPEIZ, A. B. **A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

Na contemporaneidade, a violência é apontada e reconhecida como um problema social, relacional e de saúde, e se faz presente nas diversas formas de relações de intimidade entre os adolescentes, compreendidas por *crush*, “pegar”, “ficar” ou namorar. A violência é um tema prioritário de atenção, uma vez que representa um problema social grave e impacta negativamente a saúde dos adolescentes. O presente trabalho visa analisar o sentido da violência nas relações de intimidade sob a ótica dos adolescentes, ancorada na perspectiva epistemológica e metodológica do Paradigma da Complexidade, de modo a contemplar todos os aspectos e dimensões que envolvem o fenômeno da violência na relação de intimidade, sejam sociais, históricos, culturais, gênero, econômicos, poder e psicológicos. Este estudo foi delineado em uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa social estratégica, e teve como participantes 39 adolescentes, de ambos os sexos, frequentadores do ensino médio de duas escolas estaduais de um município do interior do estado de São Paulo. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, grupos focais e diários de campo, e analisados à luz do referido Paradigma. Os resultados indicaram (i) a aceitação da ocorrência de violência nos relacionamentos íntimos entre os adolescentes; (ii) a existência de questões relacionadas ao gênero e passividade frente à violência perpetrada por mulheres; (iii) a persistência de tabus na sociedade e a reprodução de questões estigmatizantes nos relatos dos participantes; (iv) a prevalência de violência psicológica e emocional entre os adolescentes, além da violência figurada bidirecional. Em suma, o Paradigma da Complexidade contribuiu de forma imprescindível para o desenvolvimento de um olhar integral sobre a temática, proporcionando maior clareza sobre os elementos que compõem o fenômeno, e principalmente, sobre a interdependência e interconectividade entre eles, de modo articulado e contextualizado.

Palavras- chave: Violência namoro entre adolescentes. Violência. Adolescente.

ABSTRACT

CAMPEIZ, A. B. **Intimate partner violence among adolescents from the perspective of the Paradigm of Complexity**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

In contemporary times, violence is identified and recognized as a social, relational and health problem, and it is present in the various forms of intimacy relations between adolescents, known as crush, "getting", "staying" or dating. Violence is a priority issue in care because it represents a severe social problem and negatively affects the adolescents' health. The aim in this study is to analyze the meaning of intimate partner violence from the adolescents' perspective, through the epistemological and methodological principles of the Paradigm of Complexity, so as to address all - such as social, historical, cultural, gender, economic, power and psychological - aspects and dimensions of the phenomenon of intimate partner violence. This study adopted a qualitative, social strategic research design, and its participants were 39 male and female adolescents who attended high school in two state schools located in an interior city in the state of São Paulo. Data were collected through semi-structured interviews, focus groups and field diaries, and further analyzed in the light of the aforementioned Paradigm. The results indicated (i) acceptance of the occurrence of intimate partner violence between adolescents; (ii) existence of gender issues and passivity towards violence perpetrated by women; (iii) persistence of taboos in society and reproduction of stigmatizing issues in the participants' reports; (iv) prevalence of psychological and emotional violence among the adolescents, in addition to the two-way figured violence. In summary, the Paradigm of Complexity offered essential contributions to develop a comprehensive view on the theme by shedding light on the elements that compose the phenomenon, and especially on the interdependence and interconnectivity between them, in an articulated and contextualized manner.

Keywords: Teendate violence. Violence. Adolescent.

RESUMEN

CAMPEIZ, A. B. **Violencia por pareja íntima entre los adolescentes bajo la perspectiva del Paradigma de la Complejidad**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

En la contemporaneidad, la violencia es apuntada y reconocida como un problema social, relacional y de salud y se hace presente en las diversas formas de relaciones de intimidad entre los adolescentes, conocidas como *crush*, "agarrar", "quedarse" y enamorarse. La violencia representa un tema prioritario de atención, visto que constituye un problema social grave y tiene impactos negativos sobre la salud de los adolescentes. Este trabajo busca analizar el sentido de la violencia en las relaciones de intimidad bajo la óptica de los adolescentes por el posicionamiento epistemológico y metodológico del Paradigma de la Complejidad, de manera a contemplar todos los aspectos y dimensiones que envuelven el fenómeno de la violencia en la relación de intimidad, sean sociales, históricos, culturales, género, económicos, poder y psicológicos. La presente investigación es delineada en una aproximación cualitativa del tipo investigación social estratégica, y tiene como participantes 39 adolescentes, de ambos sexos, frequentadores de la enseñanza media de dos escuelas estatales de un municipio del interior del estado de São Paulo. Los datos fueron recolectados por entrevistas semiestructuradas, grupos focales y diarios de campo, y analizados a la luz del Paradigma citado. Los resultados indicaron: (i) la aceptación de la ocurrencia de violencia en las relaciones íntimas entre los adolescentes; (ii) la existencia de cuestiones relacionadas al género y pasividad frente a la violencia perpetrada por mujeres; (iii) la persistencia de los tabúes en la sociedad y la reproducción de cuestiones estigmatizantes en los relatos de los participantes; (iv) la prevalencia de la violencia psicológica y emocional entre los adolescentes, además de la violencia figurada bidireccional. En suma, el Paradigma de la Complejidad contribuyó de forma imprescindible para el desarrollo de una mirada integral sobre la temática, proporcionando mayor claridad sobre los elementos que componen el fenómeno, y principalmente sobre la interdependencia y la interconectividad entre ellos, de modo articulado y contextualizado.

Palabras clave: Violencia entre los adolescentes. Violencia. Adolescente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Configuração dos elementos existentes nos relatos/perspectivas dos adolescentes sobre o fenômeno da violência nas relações de intimidade	63
Figura 2 - Características específicas do fenômeno da violência na relação de intimidade de adolescentes, perante sua autoria: parceiro/a como autor/a, participante como autor/a, bidirecionalidade/simetria de autoria	71
Figura 3 - Novos elementos, configurações e estratégias engendrados pelos adolescentes em torno das redes sociais digitais	76
Figura 4 - Aspectos associados e propiciadores de violência nas relações de intimidade, na perspectiva dos adolescentes.	79
Figura 5 - Fatores explanados pelos adolescentes para a reação e o sentimento de indiferença diante da violência vivida e a decisão de manutenção do relacionamento íntimo	84
Figura 6 - Interação entre três princípios da Teoria da Complexidade e os textos	87
Figura 7 - Interconexões dos elementos que potencializam e caracterizam a violência psicológica entre adolescentes com relacionamento íntimo, segundo o princípio hologramático	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos adolescentes participantes dos grupos focais e entrevistas semiestruturadas da escola E1 segundo idade, sexo, cor da pele, estado civil, trabalho e renda familiar. Batatais, São Paulo, Brasil, 2017	57
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica dos adolescentes participantes dos grupos focais e entrevistas semiestruturadas da escola E4 segundo idade, sexo, cor da pele, estado civil, trabalho e renda familiar. Batatais, São Paulo, Brasil, 2017	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTS	<i>Conflicts Tactics Scales</i>
ESF	Estratégia de Saúde da Família
OMS	Organização Mundial da Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS	23
2.1. Objetivo geral	24
2.2. Objetivos específicos	24
3. MARCO TEÓRICO E CONCEITUAL	25
3.1. O Paradigma da Complexidade	26
3.2. O amor romântico	31
3.3. Formas contemporâneas de relações de intimidade entre adolescentes	34
3.4. A violência nas relações de intimidade entre adolescentes	37
4. PRESSUPOSTOS.....	42
5. PERCURSO METODOLÓGICO	44
5.1. Delineamento do estudo	45
5.2. Caracterização do local da pesquisa <i>setting</i>	45
5.3. Participantes da pesquisa	48
5.4. Procedimentos para coleta de dados	49
5.5. Considerações éticas.....	53
5.6. Análise dos dados	54
6. RESULTADOS	55
6.1. Caracterização dos estudantes	56
6.2. “É normal”, “É aceitável” e “Acontece”	60
6.3. Violência: suas dimensões e experiências	63
6.3.1. Parceiro/a perpetrador/a.....	63
6.3.2. Participante perpetrador/a.....	66
6.3.3. Bidirecionalidade.....	68
6.4. Redes sociais digitais e tempo: motivadores para a violência.....	71
6.4.1. Nova prova de amor: senhas e redes sociais digitais.....	71
6.4.2. O tempo de relacionamento e os fatores para as violências	76
6.5. Reações e respostas à violência	79

7. DISCUSSÃO	85
7.1. Princípio dialógico.....	86
7.2. Princípio do recurso organizacional	93
7.3. Princípio hologramático	101
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	132
ANEXOS.....	141

1. Introdução

Na contemporaneidade, a violência é apontada e reconhecida como um problema social, relacional e de saúde pública, posto que suas formas e consequências demonstram a violação dos direitos humanos e afetam a saúde das pessoas envolvidas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010). A Organização Mundial da Saúde (OMS), por meio do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde publicado em 2002, define o fenômeno da violência como:

[...] uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p. 5).

Neste sentido, a palavra “poder” ou o termo “uso de poder” abarca os atos que sucedem de uma relação de poder, incluindo ameaça e intimidação, negligência ou atos de omissão, e todas as formas de abuso físico, sexual e psicológico, bem como prejuízos sociais e espirituais, o suicídio e outras ações autoinfligidas (MINAYO, 2004; DAHLBERG; KRUG, 2006).

O uso do “poder” se manifesta de variadas formas, tais como a força física, o poder econômico, o poder político, o poder bélico, e o poder ostensivo repressivo, as quais se compõem e recompõem, metamorfoseiam-se e manifestam-se diferentemente no tempo e no espaço das relações societárias. O poder se faz presente nas interações e relações de intimidade, mesmo que estas sejam compreendidas como a partilha de elementos intrínsecos e pessoais, envolvendo e ocasionando sentimentos positivos referentes a si próprio e ao outro (ALMEIDA; CALDAS, 2012). A experiência e o reconhecimento desse significado pelas pessoas envolvidas na díade relacional são fundamentais para a existência da intimidade (COSTA, 2005).

As relações de intimidade atuais figuram-se através do *crush*, do “pegar”, do “ficar” e do namorar, que são formas de relacionamento caracterizadas por níveis hierárquicos crescentes de comprometimento e decrescentes de superficialidade e flexibilidade. Alinhada às constatações de relações de intimidade, nota-se a presença da violência, que é considerada um problema social grave devido ao seu impacto negativo sobre a saúde dos adolescentes, e constitui um tema prioritário de atenção por ser precursor da violência conjugal e intrafamiliar (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010).

Nesse contexto, entende-se a violência por parceiro íntimo ou dentro de uma relação íntima como aquela que gera detrimento físico, sexual ou psicológico, figurando entre atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores (CUNHA;

GONÇALVES, 2014). A violência em um relacionamento de intimidade se manifesta quando um indivíduo objetiva ter mais poder do que o outro, e pode ser perpetrada e perpetuada por um dos parceiros ou por ambos. Esse fenômeno independe da orientação sexual dos indivíduos, ou seja, pode se manifestar em relações homossexuais ou heterossexuais, e também pode se expressar como um ato pontual ou contínuo.

Diversos autores (MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003; KERMAN; POWERS, 2006; CARIDADE; MACHADO, 2006, 2013) discorrem sobre a existência de três perspectivas sobre a violência no relacionamento íntimo:

- i) A primeira apresenta a simetria na violência no relacionamento, em que tanto o homem quanto a mulher praticam e sofrem a violência, mas com formas e dinâmicas diferentes. A violência acontece pelo anseio de dominação manifesto por um dos parceiros, mas resulta em consequências mais graves às mulheres do que aos homens.
- ii) A segunda objetiva entender os elementos que colaboram para a invisibilidade da violência no relacionamento íntimo e para a manutenção da relação. O ciúme é associado à demonstração de amor para ambos os sexos e a violência é interpretada de modo dual: pelos homens como resposta a provocações (das mulheres) e pelas mulheres como intimidação (aos homens).
- iii) A terceira expõe a violência como resultado da relação de gênero e sua assimetria. Segundo Scott (1990) e Saffioti (2001), a assimetria é mantida pelo modelo patriarcal que atribui posições sociais desiguais e hierarquizadas para homens e mulheres, estabelecendo sua raiz na historicidade das próprias relações entre homens e mulheres. A violência é um elemento constituinte de tais relações, que invalida a relação entre dois sujeitos e reduz uma das partes à posição de objeto.

A análise da violência no relacionamento íntimo à luz das perspectivas citadas acima permite identificar a expansão da noção de violência para os aspectos que constituem as práticas sociais e atuam inter-relacionados ao gênero, tais como os marcadores de diferenças e desigualdades de classe, etnia e idade (GOMES; CORDEIRO, 2010). Assim, defende-se o cuidado de não cometer o equívoco de considerar sempre o homem como autor da violência e a mulher como vítima, pois na situação de intimidade os sujeitos não sofrem os mesmos padrões e dimensões de violência.

Para refletir sobre a violência nas relações de intimidade entre adolescentes, o presente estudo considera o conceito de adolescência proposto pela OMS (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010) como uma etapa da infância para a vida adulta, identificada por

mudanças e desenvolvimento físico, emocional, mental e social, e estruturação da personalidade, correspondente à faixa etária de 10 a 19 anos. A adolescência é o período de maior vulnerabilidade para o ser humano desenvolver conflitos em relacionamentos íntimos devido a diversos fatores, incluindo imaturidade emocional, desejo de independência e idealização do parceiro/a (GOMES, 2011; SÁ; VERÍSSIMO, 2013).

A literatura nacional e internacional tem discutido as preocupações sobre violência nas relações de intimidade (ALDRIGHI, 2004; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; STRAUS, 2011; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; FLAKE et al., 2013; FOSHEE et al., 2013; STRAUS; GOZJOLKO, 2014; BESERRA et al., 2015, 2016). Uma pesquisa realizada em 2013 em Portugal pela União de Mulheres: Alternativa e Resposta, em escolas das cidades de Porto e Braga, constatou que 885 alunos de 11 a 18 anos de idade consideraram legítimos os comportamentos abusivos com os/as namorados/as (COELHO, 2013). Mais da metade dos pesquisados responderam que era normal proibir o/a namorado/a de sair com determinados/as amigos/as e de vestir certas roupas. Cinco por cento dos garotos consideraram que agredir a namorada ao ponto de deixar marcas não era ser violento. Um quarto (25,0%) dos garotos e 13,3% das garotas relataram que humilhar o/a namorado/a era legítimo, enquanto 15,6% dos garotos e 5% das garotas consideraram que ameaçar seu/ua companheiro/a era algo normal (COELHO, 2013).

Um estudo realizado na cidade de Recife, estado de Pernambuco, Brasil (BESERRA et al., 2015) com estudantes de ambos os sexos e com idades compreendidas entre 12 e 18 anos, frequentadores de seis escolas estaduais, constatou que 22,7% dos 260 adolescentes que possuíam alguma experiência de namoro afirmaram já ter agredido o/a companheiro/a, com predomínio de violência verbal/moral (69,5%) e física (40,7%). Estes dados corroboram os relatos de adolescentes que se declararam vítimas de agressão pelo/a companheiro/a (19,2%), com prevalência de violência verbal/moral (64,0%) e física (30,0%), as quais podem ter ocorrido concomitantemente.

Em um estudo sobre a violência no namoro realizado com 3.200 adolescentes oriundos de várias regiões do Brasil (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011), diversos adolescentes ressaltaram que a violência psicológica, manifestada nas agressões verbais, nas tentativas do parceiro de controlar a vida, nas chantagens emocionais e nas pressões que sofriam para realizar certos atos ou adotar determinadas condutas, era mais nociva e tinha efeitos muito mais duradouros e graves do que a violência física e sexual já sofridas durante o namoro. A predominância de violência psicológica e a coerção sexual (21,1%) também foi relatada em um estudo pioneiro e de grande relevância realizado com uma amostra de 456 jovens

universitários de São Paulo (ALDRIGHI, 2004). Um estudo sobre os efeitos da violência do namoro na vida dos adolescentes, realizado com 3328 adolescentes no Estado Carolina do Norte, Estados Unidos da América, constatou uma prevalência de vitimização para a violência psicológica (38,3%) duas vezes maior do que para a violência física (19,9%) (FOSHEE et al., 2013).

Os relatos acima destacam níveis alarmantes de violência nos relacionamentos íntimos e a existência de pelo menos um aspecto de violência nas relações de intimidade dos jovens e adolescentes brasileiros, sendo comumente apontada como corrente e corriqueira, como algo pertencente e natural à relação amorosa (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; FLAKE et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2014; BESERRA et al., 2015). A naturalização da violência nas relações de intimidade emerge nas questões que dizem respeito aos sentimentos dos adolescentes e à decisão tomada após a agressão sofrida (BESERRA et al., 2015). No estudo de Beserra et al. (2015), dentre os 19,2% dos estudantes que já tinham sido agredidos pelo companheiro/a, a maioria (40%) afirmou não ter desenvolvido nenhum sentimento acerca da agressão: 28% acharam normal, 40% se mostraram indiferentes e 36% terminaram o namoro.

A violência na relação de intimidade entre os jovens pode impactar de modo considerável e significativo na vida da vítima, causando danos diversos, a curto e a longo prazo, tais como ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, transtorno de estresse pós-traumático, práticas antissociais, e uso do tabaco, álcool e drogas, os quais podem acarretar consequências também para os seus futuros filhos (RANDLE; GRAHMAN, 2011; MATOS, 2011; FOSHEE et al., 2013; CARIDADE; MACHADO, 2013; BARREIRA et al., 2014; OLIVEIRA et al., 2014; ANACONA, 2015).

Um estudo realizado em Portugal (BESERRA et al., 2016) analisou a relação entre a incidência de violência, a idade do adolescente e o tempo de namoro, e constatou que conforme a idade e o tempo de namoro aumentam, eleva-se também percentual de garotas vítimas da violência e de indivíduos de ambos os sexos autores da violência. A probabilidade de ocorrência de violência psicológica (5,8%) aumenta expressivamente em relacionamentos que perduram mais de um ano (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013).

A maioria (72,4%) das agressões físicas de maior gravidade são praticadas por adolescentes de ambos os sexos, que mutuamente se agredem e são agredidos (ALDRIGHI, 2004), ou seja, há simetria ou bidirecionalidade da violência (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; OLIVEIRA et al., 2011; FLAKE et al., 2013). Embora escassos, estudos recentes indicam a prevalência de mulheres como autoras de violência nas relações íntimas entre adolescentes (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2014; OLIVEIRA et

al., 2014). Nesse contexto, Beserra et al. (2015) relataram que 14,3% das autoras de violência eram do sexo feminino, e 7,6% eram do sexo masculino. A divergência dos dados destes estudos perante a maioria da literatura justifica-se pela falta de contextualização da violência ao apontar a mulher como autora, e pelo uso corriqueiro do instrumento *Conflicts Tactics Scales* (CTS)¹, que apresenta grandes limitações metodológicas (CASIMIRO, 2008; MATOS, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; OLIVEIRA et al., 2016).

Embora muitos pesquisadores divirjam quanto à existência de simetria na autoria da violência nas relações de intimidade, eles concordam que os danos, sejam eles de ordem psicológica, física, emocional e/ou financeira são mais significativos para as mulheres do que para os homens. A incidência de morte e medo entre as mulheres vítimas das agressões também é maior (HICKMAN; JAYCOX; ARONOFF, 2004; MATOS, 2011; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; GOMES et al., 2012; PEIXOTO; MATOS; MACHADO, 2013; MACHADO; MARTINS; CARIDADE, 2014).

A construção da identidade de gênero e a subalternidade de geração podem ser associadas a considerável vulnerabilidade à experiência de vitimização ou perpetração da violência nas relações íntimas entre parceiros adolescentes (OLIVEIRA et al., 2016). A violência entre parceiros íntimos não se limita a nenhuma idade, é considerada como violência de gênero, e tem sido mantida pelo modelo patriarcal (SCOTT, 1990; D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 1999; SAFFIOTI, 2001). As questões de gênero podem favorecer a rotulação e a classificação das próprias mulheres em diferentes grupos estigmatizados, resultando na naturalização da violência e alimentando a subordinação das mulheres aos homens (THONGPRIWAN; McELMURRY, 2009; PRADUBMOOK-SHERER, 2011).

Quando os estudos acerca da prevenção da violência tratam esse fenômeno inferindo que ele ocorre de forma semelhante em grupos de diferentes sexos, classes sociais e etnias, pode-se sujeitar à falácia e à conclusão perigosa de que não há necessidade de englobar os recortes sociais da violência (OLIVEIRA et al., 2016). Acredita-se que há um diferencial nas pesquisas sobre violência ao reconhecer a existência de alguns condicionantes sociais que são

¹ O instrumento *Conflict Tactics Scales* (CTS) possui duas versões. A primeira, CTS1, desenvolvida em inglês no final da década de 70 por Straus (1979), e busca medir e verificar as estratégias utilizadas e identificar a violência na família por meio de três táticas para lidar com conflitos: argumentação, agressão verbal, e agressão física (HASSELMANN; REICHENHEIM, 2003). A segunda versão, CTS2, foi concebida em inglês por Straus et al. (1996), com uma versão síntese em português para ser utilizada no Brasil. CTS2 foi produzida para identificar a violência entre indivíduos que vivenciam uma relação afetivo-amorosa, como casamentos e namoros, sendo estruturada e multidimensional (MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002). CTS2 possui 78 itens que descrevem possíveis ações do autor da violência e do seu parceiro, gerando cinco escalas que constituem diferentes dimensões: “Três delas são abordadas por itens abarcando táticas de resolução de conflitos através de negociação, agressão psicológica e violência física. As outras duas informam sobre as possíveis consequências da violência na saúde individual do respondente e de seu companheiro(a) e a existência de coerção sexual no relacionamento do casal”. (MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002, p.164).

territorializados pela insuficiência, subdimensionamento ou inexistência de políticas públicas, configurando, assim, uma violência estrutural. Tais necessidades são sentidas, percebidas, apreendidas e reproduzidas de acordo com a classe social, a escolaridade, o tipo de vulnerabilidade (acesso à informação, mobilização social e investimentos em políticas públicas), gênero, etnia e orientação sexual (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Deve-se, então, ter cautela com as leituras de corte positivista-funcionalista, que atribuem às famílias e às suas formas de socialização primária a reprodução da violência como forma de educar, que depois são reproduzidas pelas escolas e outras instituições; a solução para a violência relacional seria a alteração de comportamento.

Considerando as pontuações realizadas até o momento, o presente estudo tem como foco a abordagem inter- e transdisciplinar, apoiada na noção de Edgar Morin (2002, 2005), que compreende a primeira como o contato e a conversa entre as disciplinas ao passo que determinam seus territórios e, assim, uma “troca e cooperação e, desse modo, transformar-se em algo orgânico” (MORIN, 2002, p.48), buscando um conhecimento multidimensional (MORIN, 2005). A segunda, compreendida como anulação das fronteiras das disciplinas, “geralmente por esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas, às vezes com uma tal virulência que as coloca em transe” (MORIN, 2002, p.49), sem produzir a redução (MORIN, 2005). Essa abordagem inter- e transdisciplinar leva à necessidade da contextualização:

[...] a produzir a emergência de um pensamento “ecologizante” no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural. Não só leva a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica de outra maneira. (MORIN, 2002, p.24).

Destarte, permite-se olhar as intersecções e vivências ao analisar as estruturas de violência e dominação na situação de violência na relação de intimidade, bem como os sujeitos atingidos por ela. Assim, busca-se um olhar ampliado, fundamentado no Paradigma da Complexidade, que contempla todos os aspectos e dimensões do fenômeno da violência na relação de intimidade, sejam sociais, históricos, culturais, de gênero, econômicos, poder e psicológicos, abarcando e ultrapassando os aspectos que se limitam apenas às questões de gênero.

Na tentativa de compreender a violência íntima entre adolescentes, estudiosos discutem os fatores de risco nas relações de intimidade, dentre os quais podem se destacar:

- i) Duração do relacionamento (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2014; BESERRA et al., 2016);

- ii) Vivência de namoros violentos (ABRANCHES; ASSIS, 2011; OLIVEIRA et al., 2014; BESERRA et al., 2016);
- iii) Fatores psicológicos e emocionais como déficits em habilidades de manejo da raiva e autocontrole emocional (CARIDADE; MACHADO, 2013; ANACONA, 2015);
- iv) Abuso sexual, sendo o autor da violência conhecido ou desconhecido (MESSMAN-MOORE; WALSH; DILILLO, 2010);
- v) Violência intrafamiliar, como ser testemunha de violência entre os pais ou ser vítima direta de violência pelos pais (HICKMAN; JAYCOX; ARONOFF, 2004; SIMON; FURMAN, 2010; ABRANCHES; ASSIS, 2011; OLIVEIRA et al., 2014);
- vi) *Stalking*², comportamento persistente, repetitivo e invasivo de importunar insistentemente a vítima após o término de uma relação amorosa (FERREIRA, 2013; FERREIRA; MATOS, 2013; NELAS, 2016);
- vii) Abuso de álcool e drogas (ZALESKI et al., 2010; PEIXOTO; MATOS; MACHADO, 2013);
- viii) Ter crenças sexistas e aceitar a violência como meio natural de resolução de conflitos (LEASE et al., 2010; GOMES et al., 2012; McDERMOTT; LOPEZ, 2013; CARIDADE; MACHADO, 2013; ANACONA, 2015);
- ix) Conviver com amigos que são violentos com seus parceiros íntimos (ARRIAGA; FOSHEE, 2010).

Nestas condições, a violência no namoro é um significativo fator prenunciador da violência conjugal e intrafamiliar. Um estudo realizado na Espanha com mulheres vítimas da violência evidenciou que as agressões se iniciaram antes de existir coabitação em 18,2% dos casos (GÓMEZ, 2007), ressaltando a importância da prevenção da violência em fases iniciais dos relacionamentos, principalmente nas relações de namoro entre adolescentes.

Diante da complexidade e das multifacetadas do fenômeno da violência na relação íntima, o posicionamento epistemológico do presente estudo está fundamentado no Paradigma da Complexidade proposto por Morin (2007), que compreende o fenômeno nas interações entre seus elementos e em contexto, e que auxilia a entender a violência sustentada na relação

² *Stalking* é hoje visto como crime e problema de saúde pública (MATOS et al., 2011). Nos anos 80, foi destacado como problema social pelos norte-americanos e, nessa época, o termo surgiu como definição de perseguição e de condutas violentas contra celebridades. Depois, passou a abranger diferentes contextos sociais e foi caracterizado como violência interpessoal, por exemplo a vitimização contra a mulher, a perseguição destas por seus ex-maridos ou algum parceiro íntimo que buscavam intimidá-las e assediá-las, querendo o contato ao enviar mensagens indesejáveis, ocasionando medo, mal-estar e ansiedade nelas (CARVALHO, 2011; FERREIRA, 2013; GRANGEIA; MATOS, 2011; MATOS et al., 2011; NELAS et al., 2016; PAIVA, 2007).

de intimidade entre adolescentes, considerando os elementos pessoais, sociais, processuais e contextuais de maneira articulada.

Estudos nacionais e internacionais embasados no Paradigma da Complexidade vêm sendo desenvolvidos por diversos autores do campo das ciências humanas e das ciências da saúde sobre diversos temas, como: a violência contra a mulher (SCHRAIBER et al., 2012; GUIMARÃES, 2014; LETTIERE; NAKANO, 2015); a violência familiar e intrafamiliar (BACKES et al., 2011; SCHMIDT et al., 2011); a violência contra crianças e adolescentes (AMARO, 2003; SANTOS et al., 2009; PIETRO; YUNES, 2011; CARLOS, 2014); violência nas afetividades (ALLEGRO, 2011); competitividade e violência estrutural (MARIOTTI, 2000); a integralidade no cuidado da enfermagem (BAGGIO; ERDMANN, 2010; CARVALHO et al., 2011; PIEXAK et al., 2014). Entretanto, ainda há lacunas que precisam ser investigadas, algumas das quais pretende-se preencher com as seguintes questões de pesquisa:

- i) Qual o sentido da violência nas relações de intimidade para os adolescentes?
- ii) Como se constroem as relações de intimidade entre adolescentes e como esses sujeitos estabelecem as relações de intimidade permeadas pela violência, sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade?

O presente estudo se justifica principalmente pela inovação do olhar para o fenômeno, a partir de uma mudança do modelo de perspectiva. São escassos os trabalhos na literatura sobre a temática com a metodologia qualitativa, e raros os que contemplam olhar ampliado, contextual e compreensivo para a violência nas relações de intimidade, cujos resultados auxiliem na compreensão ampliada e na proposição de ações que promovam relações de intimidade saudáveis entre adolescentes. Justifica-se, ainda, pela relevância dos altos e crescentes índices da violência social presente nas fases iniciais dos relacionamentos, considerando as dinâmicas e a qualidade dessas relações interpessoais. Portanto, este estudo não só cobre uma lacuna de conhecimento, mas também se propõe a subsidiar a atuação preventiva sobre o problema estudado.

Para pensar em prevenção da violência na relação de intimidade sob o viés da Enfermagem em Saúde Pública, urge a compreensão do conceito de saúde para a OMS (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010) que é amplo e definido como o bem-estar dos indivíduos de modo integral: físico, social, mental e espiritual. Dessa forma, o fenômeno violência estaria associado à saúde pelas reivindicações de atenção e cuidados dos serviços

médico-hospitalares decorrentes de lesões físicas, psíquicas e morais e, portanto, diretamente relacionado à qualidade de vida (MINAYO, 2004). Em síntese, buscou-se enfatizar que:

A complexidade incita a construção do conhecimento na Enfermagem/Saúde, para a prática de inter-relação, de interdisciplinaridade e interação, articulando os conhecimentos das diferentes áreas. [...] Concernente aos princípios de Morin, defende-se a necessidade de discussão sobre a diversidade humana, o diálogo entre parceiros ou atores sociais, reconhecendo-se as semelhanças e diferenças instituídas biológica, social, política e culturalmente. O agir individual também traz a expressão dos aspectos culturais, sociais, afetivos e políticos que estão inter-relacionados na complexidade do ser humano e nas relações de saúde e de cuidado de enfermagem (SANTOS; HAMMERSCHMIDT, 2012, p.5).

O desenvolvimento de um olhar para o fenômeno da violência na intimidade sob a ótica do Paradigma da Complexidade e no campo da Enfermagem em Saúde Pública, possibilita o entendimento do cuidado como um sistema/processo complexo. Mediante esse novo referencial, busca-se colaborar com a superação, a dialética da visão tradicional e reducionista que fragmentava o cuidado ao ser humano, viabilizando uma compreensão nova, dinâmica e dialógica, das concepções do social e de saúde vigentes (SANTOS; HAMMERSCHMIDT, 2012).

O tema é considerado de grande relevância atual sob a visão internacional, tanto para melhorar as experiências afetivo-sexuais entre os jovens quanto para prevenir a violência conjugal (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). A investigação sobre as diversas expressões e manifestações da violência nas relações afetivas é um meio de fornecer subsídios para trabalhos de intervenção com a proposta de aperfeiçoar as experiências afetivas, fomentar a equidade de gênero e prevenir a violência entre parceiros íntimos. Nesse ínterim, é crucial captar e compreender o tipo de violência no namoro de adolescentes para determinar o melhor momento para planejar ações de intervenção que produzam resultados positivos no combate à violência (BESERRA et al., 2016).

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Analisar o sentido da violência nas relações de intimidade sob a ótica dos adolescentes, pela perspectiva do Paradigma da Complexidade.

2.2. Objetivos específicos

- iii) Caracterizar os adolescentes inseridos no ensino médio em duas escolas públicas.
- iv) Identificar como ocorrem as relações de intimidade entre adolescentes, considerando-se os diferentes elementos individuais, sociais e interpessoais, de maneira articulada e contextualizada.
- v) Identificar as diferentes dimensões da violência que se materializam nas relações de intimidade.

3. Marco Teórico e Conceitual

3.1. O Paradigma da Complexidade

O posicionamento epistemológico que orienta e fundamenta a produção do conhecimento e a sustentação metodológica do presente trabalho estão apoiados no Pensamento Complexo, proposto por Edgar Morin. Este referencial foi escolhido devido à sua implicação na interdependência entre os elementos da violência nas relações de intimidade entre os adolescentes e sua contextualização.

O termo “complexidade” surgiu na obra de Edgar Morin no final da década de 1960, sendo fundamentado pela teoria da cibernética e dos sistemas, pela teoria da informação e da organização, e pelo conceito de auto-organização (MORIN, 2008, 2011). Na teoria da cibernética e dos sistemas, a sociedade pode ser desenvolvida como fusão de diversos fatores, na forma de sistemas abertos ou fechados. Na teoria da informação, a informação exprime fatores limitados e superficiais, lacunas e incertezas, de um fenômeno inseparável da organização. A auto-organização não é um conceito fechado, mas é um sistema em desenvolvimento sendo realizado (LETTIERE, 2014; MORIN, 2008, 2011).

Para entender o Pensamento Complexo, é necessário desconstruir algumas ideias como a de que a complexidade leva ao fim da simplicidade, que complexidade é sinônimo de complicado, e a ausência de clareza entre complexidade e completude (MORIN, 2011). Segundo Morin (2008, p.8): “[...] é complexo o que não pode resumir-se numa palavra mestra, o que não pode reduzir-se a uma lei [...]. A complexidade não poderia ser qualquer coisa que se definisse de maneira simples e tomasse o lugar da simplicidade”. Assim, entende-se por complexidade – do latim *complexus* – “tecido junto”; de fato, é o tecido de ações, acasos, acontecimentos, determinações, interações e retroações que formam o nosso mundo fenomênico (MORIN, 2005, 2007).

Morin (2003) opõe-se à fragmentação do mundo e das ciências e busca uma reforma do pensamento possibilitando a aplicação absoluta da inteligência para contestar as contradições sociais e viabilizar a (re)ligação de duas ou mais culturas dissociadas (BACKES et al., 2011; MORIN, 2003). Em suma, refere-se a uma modificação paradigmática da organização do conhecimento (MORIN, 2001), e busca ultrapassar o paradigma vigente, que é fragmentário, reducionista e intitulado “pensamento simplificador” (MORIN, 2008). O paradigma cartesiano, positivista, separa os objetos de seus contextos, elimina as singularidades, não dispõe de conexões, interações e noção do todo, busca a causalidade linear e a total separação entre objeto e observador (MORIN, 2003; LETTIERI; NAKANO, 2015).

O pensamento reducionista continua a procurar de modo míope *a* causa e *o* efeito, a determinar *o* Bem e *o* Mal, a nomear *o* culpado e *o* salvador, a eliminar toda ambiguidade e toda incerteza, e a acreditar que a solução econômica resolverá todos os problemas (MORIN, 2002). A realidade é constituída de interações e esse novo modo de conceber o conhecimento pelo Pensamento Complexo torna-se cada vez mais necessário por incorporar um contexto mais global e sensibilizar para as falhas, equívocos, limites e déficits do modelo fragmentado, entendendo que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes (MORIN, 2002, 2006, 2011). Segundo Morin:

Precisamos de um pensamento apto a apreender a multidimensionalidade das realidades, a reconhecer o jogo das interações e retroações, a afrontar as complexidades mais do que ceder a maniqueísmos ideológicos ou às mutilações tecnocráticas – que só reconhecem realidades arbitrariamente compartimentadas e são cegas ao que não é quantificável (MORIN, 2010, p. 112).

O Paradigma da Complexidade emergiu em busca da compreensão dos fenômenos complexos, onde os distintos elementos do fenômeno convivem com a incerteza e a mudança e permanecem em constante interação, sendo ao mesmo tempo uno e múltiplo (MORIN, 2007). Assim, os elementos do fenômeno interconectados mantêm vínculos, dos quais podem surgir propriedades desconhecidas e informações adicionais.

O Pensamento Complexo considera as contradições, a instabilidade, a imprevisibilidade e a incontornabilidade dos fenômenos, entendendo-os como em constante transformação, sempre em processo de devir e de tornar-se; desse modo, viabiliza a abordagem multidimensional, transdisciplinar, dinâmica e contextual da realidade (MORIN, 2007; CARLOS, 2014). Assim, o Pensamento Complexo faculta acessar, articular e organizar os elementos e informações da realidade de modo a perceber e inter-relacionar o local, o global e as múltiplas relações entre partes-todo-contexto (MORIN, 2007; CARLOS, 2014). Segundo Morin (2002, p.14): “[...] existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes”.

O Paradigma da Complexidade respalda uma epistemologia que não procura verdades únicas, atemporais e universais, mas uma epistemologia que desafia as incertezas apontadas como mais importantes, e que faz as incertezas dialogarem e se corrigirem, sem esperar, porém, determiná-las a uma resposta e solução final, única e ideológica (MORIN, 2006; GUIMARÃES, 2014).

A compreensão da complexidade como inerente ao fenômeno humano articula a teoria à metodologia, à epistemologia e à própria ontologia (MORIN, 2006; GUIMARÃES, 2014). Assim, a construção do conhecimento do presente estudo, ancorada na construção de uma nova ciência, um novo método, um novo modo de pensar tem que o Método proposto por Morin (2002, 2007) se refere à atividade pensante e consciente do sujeito e o reconhecimento da presença e participação do sujeito em todo o processo de conhecer. A relação entre sujeito e objeto é estruturada pelo Pensamento Complexo, que traz “[...] consubstancialmente um princípio de incerteza e de autorreferência, ele traz em si um princípio autocrítico e auto reflexivo; através destes dois traços, ele já traz em si mesmo sua própria potencialidade epistemológica (MORIN, 2007; p. 45). O método comporta técnicas e estratégias, iniciativas, invenções e artes, com o propósito de construir um vínculo acessível com as teorias, gerá-las e regenerá-las, ou seja, o Método é uma estratégia que requer uma visão poliocular e multidimensional do real (MORIN, 2002; PÁDUA, 2014). Dessa forma, a teoria e o método são indissociáveis em todo o processo de pesquisa histórico, complexo e repleto de contradições (MORIN, 2007; PÁDUA, 2014).

Destarte, o Paradigma da Complexidade tem contribuído com resultados e diagnósticos que contemplam a integralidade do fenômeno da violência nas diversas formas em que se materializa (SANTOS et al., 2009; BACKES et al., 2011; BAGGIO; ERDMANN, 2010; CARVALHO et al., 2011; PIETRO; YUNES, 2011; SCHMIDT et al., 2011; CARLOS, 2014; GUIMARÃES, 2014; PIEXAK et al., 2014; LETTIERE; NAKANO, 2015). Por meio do Pensamento Complexo, o fenômeno da violência pode ser visto de modo sistêmico e complexo (MORIN, 2002), superando a causalidade linear dos fenômenos sociais emergentes e apreendendo a causalidade circular que envolve a dimensão individual, social, cultural, histórica, econômica e global do fenômeno "violência" (BACKES et al., 2011; MORIN, 2006).

O campo de interação entre o Paradigma da Complexidade e a violência nas relações de intimidade possibilita o desenvolvimento de uma perspectiva integral, inter- e transdisciplinar, e uma atuação intersetorial, que requer que o fenômeno violência ultrapasse as causalidades lineares dos fenômenos biopsicossociais (SCHRAIBER et al., 2012; LETTIERE; NAKANO, 2015).

O Paradigma da Complexidade apresenta sete princípios: Sistêmico ou Organizacional, Recurso Organizacional, Hologramático, Círculo Retroativo, Conhecimento do Movimento Circular, Auto(eco)organização e Dialógico. Os princípios do Pensamento Complexo que fundamentarão o presente trabalho de pesquisa e que serão utilizados como

apoio para obtenção e análise dos dados são o Dialógico, o Recurso Organizacional e o Hologramático. Cabe ressaltar que os outros princípios também poderão ser implicados e aplicados como suporte para o desenvolvimento da pesquisa, caso sejam necessários.

O princípio *Dialógico* (MORIN, 2005, 2007) reivindica a conjugação e a associação de elementos contraditórios na análise de um determinado fenômeno, conserva a tensão entre a ordem e a desordem, relacionando-as ao mesmo tempo como complementares e antagônicas, produzindo reorganização e complexidade. Por meio deste princípio, pode-se analisar lógicas como o afeto e a agressão, e a codependência existente nessa relação, pois mesmo contraditórias, elas são complementares nesse fenômeno. Este princípio permite observar como o/a autor/a da violência ou a vítima lida com esse conflito, com as incertezas e as instabilidades no relacionamento.

O segundo princípio, *Recurso Organizacional*, atua diferentemente da relação causa/efeito; é um processo não linear nas relações causais, que evidencia os produtos e os efeitos como causas e produtores daquilo que os produziu, ou seja, o indivíduo é produto e produtor dos processos interacionais (MORIN, 2002, 2007). Assim, esse princípio propicia a interconexão que caracteriza o fenômeno. Como o/a autor/a da violência e a vítima são produtos e produtores dos seus processos interacionais, faz-se necessário repensarem o processo do relacionamento e suas estratégias para lidar com a situação e, assim, a interação entre ação e resultado estabelece a dinâmica de mudanças que constituem o processo.

E o último princípio, o *Hologramático*, proporciona a distinção entre as partes e a constatação do todo ao estudar um fenômeno, incorporando as partes sem que estas se dissolvam e percam suas diferenças. Cada ponto de um holograma contém quase a totalidade da informação sobre o fenômeno representado, no modo que não apenas a parte está num todo, mas o todo está constante, de certa maneira, na parte (MORIN, 2005, 2007). Este princípio possibilita analisar a violência em sua totalidade, mas desmembrada em dimensões distintas, sem que percam suas especificidades. Dessa forma, considera-se que os vínculos entre os diferentes aspectos e dimensões estão articulados de modo a distinguir o fenômeno do contexto, de forma complementar, sem o isolar.

Por conseguinte, Morin (1975 apud DI CIOMMO, 2003) aponta para o que ele denomina de características biossocioculturais que:

[...] aproximam na generalidade, mas que enraizadas no plano biológico comportam a diversidade psicológica, emocional e espiritual, com graus diversos de experiências, conhecimento e sabedoria. Cada mulher, na sua identidade individual, expressa a capacidade única de cada ser humano e conserva um elo incontestável que a liga a uma experiência feminina, o elo de um anel recorrente, unindo a dimensão biológica construída

historicamente na sociedade humana, reforçada e inserida novamente pela inscrição genética, que encontra na “práxis” as condições para sua reiteração, o que é característica da complexidade da constituição da espécie humana (MORIN, 1975 apud DI CIOMMO, 2003, p. 436).

Nesse contexto, ressalta-se a necessidade de abordar a violência nas relações de intimidade a partir de um olhar inter- e transdisciplinar, que transpasse pelas questões de gênero, de etnia, classe e sexualidade, assim como é contemplado pelo Paradigma da Complexidade, para que seja possível romper com valores patriarcais estruturados em nossa sociedade e compreender, reconhecer, consentir e vivenciar o antagonismo e a diferença sem conflito, hierarquização e subordinação (DI CIOMMO, 2003).

A autora do presente trabalho de pesquisa se firma na convicção de que: “[...] o pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento” (MORIN, 2011, p.7). Ou seja, a pesquisadora não tem a pretensão explicar todos os elementos do fenômeno da violência nas relações de intimidade entre os adolescentes à luz do Paradigma da Complexidade, pois nem o próprio Paradigma se propõe a tal missão, mas visa considerar as múltiplas dimensões dos fios associativos e interativos para a compreensão da violência nas relações de intimidade.

No decorrer deste estudo serão utilizados, além do Pensamento Complexo e dos seus princípios que norteiam esta pesquisa, outros aportes conceituais para subsidiar reflexões sobre os múltiplos fatores envolvidos na violência nas relações de intimidade entre os adolescentes. Os conceitos se cruzam o tempo todo, tecendo tramas e contribuindo para uma visão mais ampliada do fenômeno de pesquisa.

Os aportes conceituais que dialogam com o Pensamento Complexo e que serão trazidos a uma maior clareza são o ideal de amor romântico, a violência nos relacionamentos dos adolescentes, e as formas contemporâneas de relações de intimidade. Desse modo, busca-se apontar elementos que poderiam constituir um todo do fenômeno da violência nas relações de intimidade em contexto e não mais isolado dele, possibilitando a articulação das dimensões múltiplas que compõem o fenômeno e um maior grau de compreensão e conhecimento sobre o mesmo.

3.2. O amor romântico

A ideia de um amor romantizado, puro e capaz de enfrentar todas as dificuldades para que dois apaixonados possam ser felizes para sempre tem sido perpetuada ao longo do tempo. Essa ideia é um mito e, como tal, composto por diversos elementos incluindo o ciúme, a relação amor-sofrimento, o amor eterno e a honra. Em nome desse ideal de amor, os indivíduos suportam situações adversas para estarem juntos a/ao amada/o, não construindo uma percepção de que cada elemento desejado funciona como instrumento de dominação e pode funcionar como estopim para episódios de violência nos relacionamentos de intimidade (GARCÍA; CASADO, 2010; LAGARDE, 2010; HERRERA, 2011; LOW; MELO, 2012).

O amor romântico é profundamente distorcido em termos de poder, e representa não só a ferramenta mais poderosa para o controle social e a subjugação de outrem, mas também um anestésico (GIDDENS, 2008; GÓMEZ, 2012). Essa utopia é vendida como se fosse realizável, mas na realidade cada passo dado em direção à “relação perfeita” é cercado de atos de renúncia e perda de liberdade interpretados como sacrifícios necessários para a felicidade e a harmonia do casal (GÓMEZ, 2012).

As desigualdades entre os papéis dos gêneros podem ser agravadas na adolescência, que é uma fase favorável à aderência a alguns mitos incertos sobre as relações que se dizem românticas. Nessa fase da vida podem se firmar a permissão e o consentimento da violência como uma interpretação do amor ou como aceitação em algumas situações e contextos, que acentuam o risco de envolvimento numa relação abusiva (WEISZ; BLACK, 2009; LEASEET al., 2010; McDERMOTT; LOPEZ, 2013). Os jovens, no imaginário do amor romântico ou em busca da defesa do que apreendem por “amor romântico”, no qual idealizam um parceiro, acreditam que o verdadeiro amor ultrapassa o limite da razão, e que tudo pode ser desculpado para proteger esse amor. Assim, no relacionamento de intimidade entre adolescentes a presença da violência manifestada de diversos modos é interpretada como uma forma de amor, sendo aceita e naturalizada (NAVARRO, 2004; GOMES, 2011).

Estudos na área da História e da Sociologia relatam que durante a revolução industrial ocorreram profundas modificações na unidade familiar, a qual se simplificou e restringiu os laços de afinidade a um número reduzido de pessoas, pais e filhos; ou seja, deixou de existir aquela família alargada do século XVIII que operava profundo controle sobre os jovens. Assim, o ideal de amor romantizado começou a ser propagado na primeira parte do século XIX (COSTA, 1998; MENEZES, 2007). Mesmo durante o período do Iluminismo, em que o ideal de amor romântico era ridicularizado e ainda havia muitos casamentos por interesse –

pois ninguém queria ser “escravo” das emoções –, o casamento por amor passou a ser uma possibilidade. O ideal de “casar por amor” atingiu o auge no século XIX e início do século XX, e a união entre casamento e amor acabou engendrando expectativas diferentes, passando-se a desejar que o parceiro também trouxesse realização afetiva e prazer sexual (COSTA, 1998; MENEZES, 2007).

O psicanalista Jurandir Freire Costa, em seu livro “Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico”, publicado em 1998, versou sobre o assunto denunciando a naturalização de invenções culturais, o que fomenta a aceitação de modelos e padrões construídos sem a chance de questioná-los. Costa discorreu sobre as três alegações fundamentais que perpetuam o credo amoroso dominante: “i) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; ii) o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade; e iii) o amor é a condição *sinequa non* da máxima felicidade a que podemos aspirar” (COSTA, 1998, p.13).

Alguns estudos realizados nas primeiras décadas do século passado ressaltavam que a intimidade entre marido e mulher era essencial em um casamento e garantia a sobrevivência do casamento/família; todo o resto, até mesmo os filhos, ficavam em segundo plano (GOLDENBERG, 2010). Esse pensamento sobre a intimidade ou “companheirismo íntimo” implicou “que a sociedade moderna gerasse uma maior necessidade de afeto intenso e romance, e transformou-se a família no meio mais importante para a expressão emocional” (GOLDENBERG, 2003, p.3).

Ainda é vigente em nossa sociedade a ideia de que nada substitui a felicidade erótica e o amor-paixão romântico correspondido (COSTA, 1998). O amor fica, assim, cada vez mais circunscrito numa atmosfera nostálgica, onde se busca uma referência amorosa que, na realidade, nunca foi experimentada. A cultura romântica, interligada aos interesses individualistas, propaga o amor como a principal fonte de realização, contido na idealização do outro, na alma gêmea, no único interesse do companheiro. Contudo, mesmo com o forte peso cultural, a discrepância entre o ideal e a realidade gera sofrimento. Esse amor e encanto não duram ou não entusiasma, gerando a associação do amor ao sofrimento e da inexistência de um sem o outro (COSTA, 1998). No dia-a-dia, por diversas razões esse amor ideal não se sustenta, resultando em desencanto, ressentimento e mágoa.

Reforçando esta ideia, o amor romântico tem sido apontado “como ideia de perfeição ética e estética, promete um tipo de felicidade na qual o indivíduo encontra plenitude numa perfeição de adequação física e espiritual ao outro” (MENEZES, 2007, p.561), e também como:

[...] essa crença que torna o grande amor como verdadeiro, vem da qualidade sagrada do mito que é dada pelos seres sobrenaturais, seus criadores. [...] quando se encontra este grande amor, há muito a se festejar, mas sua perda irá ser festejada às avessas, ou seja, amaldiçoando-o e assim chorando aquilo que deveria ser, mas não foi. Vem daí o sentimento de melancolia. [...] No mito do amor romântico, quando dois amantes se separam ou não conseguem se achar, perdem toda a razão de viver, reforçando a tristeza da perda sofrida. (MENEZES, 2007, p.565).

Um estudo sobre as mudanças dos papéis de gênero, sexualidade e conjugalidade, realizado com populações de camadas médias urbanas no ano de 2000, demonstrou o quanto muitos homens e mulheres ainda alimentam o ideal do amor romântico. Quando questionados sobre como imaginavam o modelo ideal de vida de um casal, 83% das mulheres e 76% dos homens responderam elementos associados aos ideais de amor romântico; 40% das mulheres e 31,5% dos homens responderam valores e comportamentos relacionados aos ideais românticos da “cara metade”, cumplicidade e dedicação. Além disso, 61,5% dos homens e 61% das mulheres disseram viver ou ter vivido problemas relacionados ao amor romântico, sendo esses diretamente associados às dificuldades para a realização do amor romântico (GOLDENBERG, 2003).

Segundo Costa (1998), o amor foi inventado como o fogo, o computador, o casamento e a roda, sendo uma crença emocional que pode ser mantida, alterada ou abolida como qualquer outra crença. Este autor afirma que “nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza” (COSTA, 1998, p.12). Dessa forma, refuta-se a ideia de que o amor seja algo dado pela natureza ou um sentimento incontrolável, para que não se negue o caráter histórico-cultural desse sentimento.

A forma de amar que se estabeleceu no Ocidente é uma construção decorrente de transformações sociais, interesses econômicos e produções filosóficas. Aprender a amar desde criança, amar romanticamente, valorizando o amor acima de todos os outros sentimentos, é uma norma/regra da nossa cultura, que também exige permanente reciprocidade e exclusividade nas relações que daí derivam. Os hábitos familiares desempenham importante papel na produção de afetos voltados para o ideal romântico (SLATER, 1991); este, por sua vez, é sustentado pelos laços afetivos entre pais e filhos, os quais são construídos com base na intensidade e exclusividade próprias da paixão. O lugar central, privilegiado, da vida dos pais é ocupado pela criança, originando um modelo de satisfação pessoal que faz com que ela, a criança, busque incansavelmente uma relação semelhante.

Para indivíduos de ambos os sexos, os ideais tradicionais do amor romântico aparecem ao lado dos ideais mais modernos, que valorizam a igualdade, a liberdade e a individualidade

nos relacionamentos, evidenciando a contradição existente nesses valores (GOLDENBERG, 2003, 2010). Essa incongruência, da insistência do amor romântico como ideal de felicidade, de fusão efetiva permanente, num mundo que busca prazeres ilimitados baseados na cultura do consumo, o investimento na individualidade e na satisfação erotizada da paixão amorosa, constituem o paradoxo da atualidade e um dos principais problemas para os relacionamentos de intimidade atuais (COSTA, 1998; ABOIM, 2009; GOLDENBERG, 2010).

A autora do presente trabalho de pesquisa compartilha a ideia de muitos autores de que se faz necessário criticar a idealização do amor-paixão romântico, assumindo um posicionamento questionador e reflexivo, na tentativa de ajudar a desconstruir alguns aspectos desse ideal que atuam de forma opressora. Um desses aspectos é a violência existente nas relações de intimidade, seja em fases iniciais de relacionamentos ou não.

3.3. Formas contemporâneas de relações de intimidade entre adolescentes

Historicamente, ocorreram muitas transformações sociais, incluindo aquelas que reconstruíram a intimidade e a forma das pessoas estabelecerem relações entre si: dos casamentos arranjados, no Brasil Colonial; à endogamia, em função da propriedade; às fugas empreendidas pelos casais apaixonados; ao *footing* nas praças das cidades; aos encontros nos bailes e festas religiosas. A atualidade produz e evidencia novas formas de relacionamentos, entre elas *crush*, “pegar”, “ficar” e namorar.

Alguns autores buscaram a definição dos conceitos das formas de relacionamentos, como as práticas do “ficar”, “pegar” e namorar, mesmo considerando não haver uma única norma para a reprodução dessas práticas, que podem se desenrolar de modo concomitante (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; JUSTO, 2005; OLIVEIRA et al., 2007; BRUM; SINIAK, 2011; SOUSA; NUNES; MACHADO, 2012; CASSAB, 2013; SANTOS et al., 2015; SARTORI, 2015; COSTA, 2016; NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2017). Essas definições são transversais, dispensam categorizações e não podem ser tratadas como práticas estanques (RIBEIRO et al., 2011).

O termo *crush* é uma expressão em inglês que tem sido bastante utilizada nas redes sociais digitais, principalmente por adolescentes e jovens. *Crush* significa que uma pessoa tem uma “queda” por alguém, é o indivíduo que a pessoa está paquerando, pela qual até está apaixonada, ou com a qual tem um flerte, um romance (NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2017); em suma, *crush* significa “experimentar” uma atração pelo outro (COSTA, 2016). Diferentemente de *crush*, em que não necessariamente as pessoas envolvidas tenham algum

contato (já que pode ser apenas uma paquera), os termos “pegar” e “ficar” implicam uma relação amorosa sem vínculo emocional ou sentimental, caracterizada como eventual, casual e momentânea (BRUM; SINIAK, 2011).

A prática do “pegar” se desenvolve no interesse do jovem pela beleza ou sensualidade, ou seja, pelo aspecto físico do outro, além de ser considerado um ato espontâneo, sem intenção de compromisso e repetições (OLIVEIRA et al., 2007; BRUM; SINIAK, 2011). Alguns adolescentes qualificam o ato de “pegar” como liberdade completa, podendo incluir desde o beijo até a prática sexual, e relacionando a sexualidade na relação apenas enquanto ato sexual, ou seja, sem que haja um compromisso entre os indivíduos (OLIVEIRA et al., 2007). Nos próximos anos, as discussões provavelmente dar-se-ão somente sobre o termo “pegar”, ao considerar a efemeridade das/nas relações interpessoais, principalmente entre os jovens, e que o “ficar” já pareceria estar “fora de moda” (SARTORI, 2015).

A expressão “ficar” surgiu entre a juventude brasileira no final da década de 80, com o sentido de “[...] falta de compromisso, a ética do desejo, a busca de prazer, o distanciamento entre norma/compromisso e prazer, a comutatividade do objeto, a negação da alteridade e a ausência da obrigatoriedade da transcendência (MESSEDER, 2002, p.8)”. Este tipo de relacionamento tornou-se possível pelas transformações dos princípios que orientam a sociedade moderna (MESSEDER, 2002; GIDDENS, 2008).

O “ficar”, com a roupagem da modernidade, destaca-se como uma forma alternativa ao namoro que nem sempre é compreendida e assimilada por todos ao caracterizar-se por ser um relacionamento superficial, passageiro e sem compromisso, com curto tempo de existência comparado às relações mais tradicionais, com flexibilidade em relação às regras existentes no namoro e à necessidade de fidelidade, regras próprias desvinculadas do namoro (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; JUSTO, 2005; SOUSA; NUNES; MACHADO, 2012; CASSAB, 2013; SILVA et al., 2014; SANTOS et al., 2015; SARTORI, 2015). Em outras palavras, “a prática do ‘ficar’ constitui o resultado de um jogo social e cultural que implica uma aprendizagem amorosa, podendo ser vista como um tipo de testagem para o namoro com o/a parceiro/a com quem se ‘fica’, ou não” (RIBEIRO et al., 2011, p.57).

Ora a prática do “ficar” é vista como uma etapa que antecede o namoro, ou seja, etapa que desenvolve a possibilidade da realização do namoro, e ora apenas como a busca do prazer descompromissado, em uma relação superficial (ABRAMOVAY, CASTRO; SILVA, 2004; SOUSA; NUNES; MACHADO, 2012; SILVA et al., 2014; SANTOS et al., 2015). O “ficar” é para aqueles que buscam obter prazer num jogo de sedução que varia em infinidade de graus, desde um simples beijo até uma relação sexual. Essa prática é conhecida como

fastfood, por configurar um relacionamento utilitarista, relacionado ao uso e consumo, e onde não há comprometimento com o parceiro (ROSSI, 2003; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES; ZIVIANI, 2006; SOUSA; NUNES; MACHADO, 2012; CASSAB, 2013).

Embora novas formas de relacionamento evidenciem total liberdade na escolha de parceiros, demonstrada no “pegar” e no “ficar”, o namoro ainda representa uma importante prática de relacionamento afetivo entre os jovens (SOUSA; NUNES; MACHADO, 2012; CASSAB, 2013; SARTORI, 2015). É importante salientar que essas novas formas e configurações de relacionamentos surgiram recentemente, e foram adotadas não só por adolescentes e jovens, mas também por alguns adultos.

O ato repetitivo e contínuo do “ficar” pode resultar no namoro, configurado através de compromisso sério e de oficialidade perante a família e amigos, e muitas vezes com o uso de alianças de compromissos entre os parceiros (OLIVEIRA et al., 2007; SILVA et al., 2014). No que tange o controle exercido pela família sobre a relação de namoro dos jovens nos dias atuais, há evidências de que esta relação:

[...] não é tão controlada pela família, perdendo o vínculo obrigatório com o casamento, mas requerendo exclusividade, respeito, responsabilidade na promoção do bem-estar do outro. Em outros termos, o namoro apresenta os fundamentos das representações compartilhadas e, mesmo que homens e mulheres cultivem papéis sociais peculiares de sua cultura, sustentam a idealização do namoro relacionada à parceria, à amizade, mostrando, deste modo, um pacto de mutualidade que se mantém enquanto a relação for satisfatória para ambos. (CASSAB, 2013, p.84).

A diferenciação entre o “ficar” e o namorar remete à separação propagada pelo modelo patriarcal e machista que divide as mulheres entre aquelas para “namorar”, para se ter uma relação mais séria e respeitosa, e aquelas para “ficar”, para se ter uma relação sem vínculos, de liberdade total. Mesmo com o recente empoderamento das mulheres, principalmente as mais jovens, por meio do forte destaque ao feminismo que se deu nos últimos tempos, ainda se faz necessária a crítica a esses juízos machistas em nossa sociedade, de forma intensa, para a desconstrução desses e de outros elementos que atuam de forma opressora, principalmente contra a mulher.

O diálogo entre o Pensamento Complexo, o amor romântico, a violência nas relações de intimidade e as formas contemporâneas de relacionamento, contribui para o desenvolvimento de um olhar integral sobre o fenômeno em estudo – violência nas relações de intimidade entre adolescentes –, com maior clareza sobre os elementos que o compõem e, principalmente, sobre a interdependência e interconectividade entre eles.

3.4. A violência nas relações de intimidade entre adolescentes

Alguns estudos (GLASS et al., 2003; JONHSON et al., 2005; VIDAL, 2008) validam a hipótese de que os adolescentes percebem a violência como um ato de amor, associando o ciúme e a violência ao amor e transformando-os em atos aceitáveis nas relações afetivas. Tais estudos ressaltam que os adolescentes têm dificuldades em diferenciar os atos violentos das formas de expressão de amor ou de brincadeiras amorosas.

A aceitação da existência da violência se dá por fatores específicos, incluindo gênero, situação de pobreza, e dependência de álcool, entre outros (MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003). O amor idealizado buscado por muitos adolescentes é o pilar para a violência de gênero, com maior ênfase nos relacionamentos afetivo-sexuais entre casais heterossexuais, nos quais a diferença de dominação de poder entre os gêneros é uma das causas de violência (AFFONSO, 2008; LOW; MELO, 2012; HERRERA, 2011).

O presente trabalho de pesquisa parte do entendimento de que gênero é uma construção sociocultural que emerge de uma complexa estrutura econômica e política permeada por relações de poder (AFFONSO, 2008); ou seja, é um conceito complexo, que abarca o conjunto de características sociais, culturais e psicológicas, consideradas atributos e qualidades de determinado sexo biológico. Assim, o perfil ou configuração de gênero são papéis estereotipados para homens e mulheres, tornando algo em feminino ou masculino; tais papéis são construídos socioculturalmente e variam ao longo da história da humanidade.

É importante ressaltar que nunca se discutiu tanto sobre a violência de gênero no relacionamento de intimidade como na última década:

[...] nos últimos tempos, [...] o Brasil descobriu que namoro, violência e juventude se entrecruzam na dinâmica de diferentes casais de namorados, uma vez que notícias sobre violência cometidas por ex-namorados ou namorados têm sido amplamente exploradas na mídia impressa e televisiva (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011, p.516).

Adolescentes que sofrem alguma forma de violência no relacionamento íntimo tendem a ficar indiferentes ou a normalizar o acontecimento (BESERRA et al., 2015). Dessa forma, as vítimas de violência no relacionamento íntimo na adolescência tendem a aceitá-la e a reproduzir comportamentos violentos nos seus relacionamentos futuros, além de permitir certos comportamentos violentos no contexto de outras relações (MCDONELL; OTT; MITCHELL, 2010).

A literatura sobre violência nos relacionamentos entre adolescentes tem apontado alguns fatores facilitadores para o fenômeno. Por exemplo, quanto mais jovem o adolescente, maior é a sua probabilidade de vivenciar violência na relação amorosa, pois é na fase da adolescência que o ser humano é mais suscetível a danos físicos e psicológicos, por configurar-se em um estado de: carência; desejo de independência; aliança com e confiança em pares às vezes tão inexperientes e inábeis quanto eles para responder à violência; crença na violência como forma de expressão do amor, naturalizando-a, o que leva ao risco de permanecer em namoros violentos sem reconhecê-lo (HICKMAN; JAYCOX; ARONOFF, 2004; KERMAN; POWERS, 2006; MATOS, 2006; MATOS et al., 2006; MEDEIROS; STRAUS, 2006; CARIDADE; MACHADO, 2013; PEIXOTO; MATOS; MACHADO, 2013).

A banalização de atos de violência vivenciados nos relacionamentos íntimos pode resultar da convivência diária com atos dos mais diversos tipos, tais como apalpões, toques, beliscões, apertões nos braços, ciúmes e o próprio ato sexual, que frequentemente não são entendidos como forma de violência. Na realidade, estes atos são estratégias românticas regidas por valores de dominação e subjugação:

[...] muitos meninos fazem uso de estratégias românticas para transar com suas parceiras, com o argumento de que isso é prova de amor. E, muitas meninas, em tais circunstâncias, reproduzem valores de subjugação. [...] A pressão para transar costuma acontecer já no ‘ficar’ em alguns casos e se torna comum na situação de namoro que representa, para os jovens de hoje, um compromisso bastante forte, embora informal (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011, p. 208).

[...] o fenômeno é ainda mais preocupante nas novas gerações, que começam a agredir-se cada vez mais cedo, no ensino secundário e profissional. Chegando a tolerar a violência sexual, pois, para eles, relações sexuais forçadas não são o mesmo que violação, nem sequer são crime (BRISSOS-LINO, 2008, p.1).

Destaca-se ainda a existência de crenças que ajudam a perpetuar a violência numa relação de intimidade, tais como: de que é algo normal e socialmente aceita; é quase invisível, por ser muitas vezes disfarçada de amor e confundida com afeto e cuidado; a esperança de que o parceiro/a mudará seu comportamento ou que a relação que se inicia violenta melhorará com o tempo (DE LA ROSA, 2005; LEASE et al., 2010; MCDERMOTT; LOPEZ, 2013).

Tendo ciência da pluralidade dos arranjos familiares presentes nas diversas culturas e na sociedade, muitos autores (KINSFOGEL; GRYCH, 2004; SANI, 2006; BALDRY, 2007; GUIMARÃES; CAMPOS, 2007; XAVIER, 2008) apresentam o ambiente da família como

cenário para demonstrações de amor e violência, que se materializam de diversas maneiras nas relações entre os membros familiares e possibilitam a ocorrência de violência nas relações de intimidade dos integrantes mais jovens.

Sob esse prisma e baseado nos estudos de Guareschi (1999) e Bourdieu (1996), Neves e Romanelli (2006) afirmam que a família é o grupo chave para o desenvolvimento e a saúde mental de todo indivíduo, atuando sobre a formação ideológica de todos os seus integrantes e perpetuando valores como justiça e ética ou relações de assimetria e dominação. Portanto, a família atua não só na reprodução biológica, mas também na reprodução social, na formação e transformação dos padrões/normas/modelos culturais e afetivos.

No seio familiar, onde há profunda intimidade e proximidade entre os membros, a violência pode ocorrer entre qualquer um deles, como resultado da inabilidade dos pais ou responsáveis em fornecer um ambiente de equilíbrio emocional e afetivo. Dessa forma, quando há violência entre os cônjuges há, ao mesmo tempo, o envolvimento direto ou indireto dos filhos (XAVIER, 2008; ALMEIDA, 2012). A violência doméstica contra crianças e adolescentes é caracterizada pelo abuso do poder, usado como disciplinador e coercitivo por parte dos pais ou responsáveis. Estudos revelam que quanto mais jovem e independente for a vítima, mais se prolongará o processo de vitimização, gerado de diversas formas, tais como maus-tratos psicológicos ou emocionais, negligência, abuso sexual, e humilhações verbais (GUERRA, 1998; CANHA, 2003; COSTA, 2012).

O crescente interesse por estudos sobre violência doméstica a partir da década de 1970 evidenciou os graves efeitos da exposição de crianças e jovens à violência interparental, denunciando o quanto a violência contra crianças e jovens é socialmente aceita. A vivência dentro de um seio familiar marcado pela violência, onde os pais e responsáveis, que deveriam proporcionar segurança aos filhos, são os principais atores da violência, produz na criança e no adolescente graves consequências como o sentimento de insegurança, sintomas de ansiedade, agressividade e adoecimento psíquico, além de alguns desvios no processo de construção da imagem que o indivíduo tem de si, do outro e do mundo em sua volta (XAVIER, 2008; ALMEIDA, 2012; SOUZA, 2015).

O modo como a família se relaciona é um elemento essencial para a formação do comportamento das próximas gerações (SOUZA, 2015). Diversos autores estudaram a continuidade das experiências de violência ao longo das gerações, concluindo que existe um ciclo intergeracional da violência (SANI, 2006; GUIMARÃES; CAMPOS, 2007; XAVIER, 2008; ALMEIDA, 2012). As crianças e adolescentes expostos à violência parental ou em situação de conflito intrafamiliar tendem a aprender algo sobre as condições em que a

agressão é usada com o intuito de atingir determinados fins. Ao apreender os modelos violentos, as crianças e adolescentes interiorizam um conjunto de mensagens negativas e disfuncionais acerca da aceitabilidade dos atos violentos como meio de resposta aos conflitos ou como essenciais em condições de estresse (ALMEIDA, 2012). Esta aprendizagem refletir-se-á nos seus relacionamentos íntimos futuros, influenciando significativamente suas relações interpessoais (XAVIER, 2008).

Outros estudos reforçam a ideia de que as relações familiares influenciam na capacidade da criança de autocontrolar as suas emoções e o seu comportamento. Ao estar exposta à violência entre os pais, a criança apreende que esta é uma forma aceitável e eficaz de resolução de conflitos. Há grande probabilidade de que ela reproduza esse comportamento no futuro, frequentemente diagnosticado como modo de sobrevivência e de defesa, e também engendre relações que estimulem a violência (EHRENSAFT et al., 2003; SOUZA, 2015).

Existe uma relação direta da violência intrafamiliar com comportamentos e atos agressivos/violentos dos adolescentes, os quais são vítimas diretas ou indiretas da violência perpetrada pelo pai e/ou pela mãe (KINSFOGEL; GRYCH, 2004; BALDRY, 2007; COSTA, 2012; SOUZA, 2015). Os adolescentes vítimas da violência intrafamiliar cometem altos índices de abuso verbal e físico contra os/as seus/uas namorados/as. A coocorrência de vitimização direta e indireta caracteriza-se como grande fator de risco para o impacto da violência nos problemas de conduta (BALDRY, 2007; COSTA, 2012).

Uma revisão na literatura evidencia a existência de distintos pontos de vista sobre a influência direta e determinante ou indireta e não-determinante da violência intrafamiliar associada ao relacionamento de intimidade (CARIDADE; MACHADO, 2006; MATOS et al., 2006). Há ainda o risco da estigmatização dos indivíduos que vivenciam a violência intrafamiliar como propícios a gerar violência (MÉNDEZ; HERNÁNDEZ, 2001).

Nesse contexto, consideram-se necessárias as ações dos serviços de assistência, educação e saúde, em todos os níveis sociais, assim como atuações de intervenções interseccionais, multiprofissionais e inter- e transdisciplinares, que possibilitem um olhar amplo e integralizado para a prevenção, diagnóstico e tratamento da violência intergeracional.

Fugindo de uma conduta reducionista, a autora do presente trabalho tem ciência de que os estudos apresentados constituem apenas parte de uma vasta literatura sobre o assunto, em diversas vertentes, sejam psicanalistas, comportamentais, ambientalistas, entre outras. Na busca pela compreensão do fenômeno da violência nos relacionamentos afetivos dos adolescentes em sua complexidade, torna-se imprescindível contextualizar o fenômeno e todos os seus aspectos. Assim, no âmbito da violência doméstica e intrafamiliar, consideram-

se tanto as características individuais e sociais de cada um de seus membros quanto os elementos externos que influenciam na qualidade de suas vidas.

4. Pressupostos

A partir do referencial teórico apresentado, conjectura-se que, dadas as dimensões da violência serem intensamente disseminadas nos diversos espaços de sociabilidade cotidiana, e mesmo pelos meios de comunicação de massa, muitos adolescentes não se visualizam em situações de violência ou se reconhecem como autores e vítimas de violência por considerá-las naturais em seu contexto. Infere-se que vários tipos/dimensões de violência são encobertos quando o adolescente desconhece sua situação, não a reconhece ou não a revela.

O mito do amor romântico desempenharia um forte papel na legitimidade da violência pois, se fora idealizado pelos participantes, poderia atuar como mecanismo de geração e aceitação da violência presente na relação de intimidade, seja pela crença de que (i) atitudes impulsionadas por um grande ciúme são provas de amor, (ii) a mudança do parceiro é possível, e (iii) um amor verdadeiro a tudo suporta.

Se houver a crença de que as muitas formas de violência são provas de amor, por serem corriqueiras e, logo, banalizadas, não haveria, assim, a percepção de que um beijo forçado ou a insistência em acessar as redes sociais digitais sem o consentimento da/o outra/o são manifestações de violência advindas de um dos envolvidos no relacionamento íntimo.

Por fim, fundamentando-se no Paradigma da Complexidade, pondera-se que a relação autor da violência *versus* vítima ultrapassa o que é tratado nas relações públicas, no que tange as esferas da segurança e saúde, considerando a violência em sua complexidade e múltiplas facetas.

5. Percurso Metodológico

5.1. Delineamento do estudo

A presente pesquisa é delineada em uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa social estratégica, na medida em que visa compreender os sujeitos em seus próprios contextos onde se desenvolvem os fenômenos sociais e os aspectos subjetivos da ação social e o processo que ocorre nas inter-relações complexas e dinâmicas, relacionadas ao contexto no qual os participantes da pesquisa estão inseridos (MINAYO et al., 2013). A interpretação baseada em análise qualitativa centra-se na compreensão e explicações (posto que muitas são possíveis) da dinâmica das relações sociais. Sendo assim, é concebida como a base da pesquisa qualitativa, não a interpretação dos fatos em si, mas a interpretação da interpretação que os sujeitos fazem dos fenômenos que vivenciam (MALTERUD, 2001; MINAYO et al., 2013).

A abordagem se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões que os seres humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2012). A escolha por essa abordagem efetivou-se por permitir o trabalho conjunto das relações, processos e fenômenos que requerem o seu estudo integral e não fragmentado (MINAYO et al., 2013).

5.2. Caracterização do local da pesquisa e *setting*

A pesquisa foi realizada no município de Batatais, situado no interior do estado de São Paulo, à noroeste da capital estadual, e pertencente à mesorregião de Ribeirão Preto e à microrregião de Batatais, composta por seis municípios: Altinópolis, Batatais, Cajuru, Cássia dos Coqueiros, Santa Cruz da Esperança e Santo Antônio da Alegria. Batatais abriga uma população de 61.040 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016), sendo assim o mais populoso de sua microrregião e o 114º mais populoso do estado de São Paulo.

Por ser de porte pequeno dentre os municípios do interior, Batatais se destaca pelo alto índice de procura pela Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher. Em um documento discutido pelo Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, no período de agosto de 2015 a abril de 2016, ou seja, oito meses, a delegacia registrou 240 boletins de ocorrência de crimes contra a mulher, sendo 31% correspondentes a casais de namorados que não coabitavam juntos e 50% a casais de namorados que coabitavam juntos. Nesse mesmo período, foram registrados 80 boletins de ocorrência de crimes contra crianças e adolescentes,

sendo 37,5% destes registrados por mulheres adolescentes contra seus namorados (CONSELHO MUNICIPAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2016).

No que concerne à área da Saúde, no município de Batatais havia, no ano de 2017, nove unidades de apoio ao Programa Estratégia de Saúde da Família (ESF), dois centros de saúde, oito unidades básicas de saúde (UBS), uma unidade de pronto atendimento e um hospital. Os serviços oferecidos pelas ESFs e UBS incluíam administração e dispensação de medicamentos; aferição de pressão arterial; acompanhamento pré-natal e puerpério, acolhimento mãe-bebê após alta na maternidade; atendimento de fisioterapia (somente nas ESF II, ESF III e Centro de Saúde I), fonoaudiologia, inaloterapia, psicologia, e serviço social; consultas médicas individuais e coletivas; coleta de sangue, urina e fezes para exames laboratoriais; distribuição gratuita de preservativos; desenvolvimento de ações para controle da dengue, promoção da saúde e proteção social na comunidade; prestação de serviços em Saúde Bucal (exceto no Centro de Saúde Escola); programa de controle do tabagismo (somente na ESF III e UBS II); realização de eletrocardiograma, curativo, teste de glicemia capilar, teste rápido para sífilis e vírus da imunodeficiência adquirida; rastreamento de câncer de colo uterino (preventivo) e câncer de mama; serviço de esterilização voluntária (somente no Centro de Saúde I); tratamento e acompanhamento de pacientes diabéticos e hipertensos e portadores de outras doenças crônicas; vacinação; visita domiciliar (somente nas ESFs).

Na área da Educação, no ano de 2017 o município contava com onze escolas municipais exclusivas para o Ensino Infantil e Fundamental, e nove unidades escolares estaduais, dentre as quais seis ofereciam o Ensino Médio e tinham horário de funcionamento variado. Para proporcionar uma visualização contextualizada do fenômeno em estudo no município, conforme requer o Paradigma da Complexidade, segue abaixo uma breve descrição dessas seis escolas em relação aos ciclos de ensino oferecidos, aos períodos de aulas, e à presença de alguma unidade de atendimento em saúde no território. As unidades escolares foram denominadas com a letra E e numeradas de acordo com a sequência em que foram sendo descritas, a fim de manter a sua identidade sob sigilo:

- **E1:** única escola da cidade que oferecia aulas em período integral, abarcando o diurno e o vespertino, para os ensinos Fundamental e Médio; havia apenas uma ESF nas imediações da escola, que era responsável pelo atendimento dos moradores de mais dois bairros vizinhos.
- **E2:** funcionava nos períodos diurno e vespertino, oferecendo os ensinos Médio e Fundamental, respectivamente; havia uma ESF e um centro de saúde no bairro e próximo à escola.

- **E3:** oferecia Ensino Médio no período diurno e noturno, Ensino Fundamental apenas no período vespertino, e Educação de Jovens e Adultos no programa supletivo no período diurno; era a escola com melhor estrutura física; foi selecionada para receber estudantes com alguma deficiência para inclusão social; havia um centro de saúde próximo a escola, e uma ESF que atendia as famílias do bairro e do bairro vizinho.
- **E4:** oferecia Ensino Médio no período diurno e noturno, e Ensino Fundamental no período vespertino; era responsável pelo acolhimento de alunos da zona rural da cidade; havia apenas uma UBS nas mediações da escola, que era responsável pelo atendimento dos moradores de outros cinco bairros e da zona rural.
- **E5:** oferecia Ensino Médio no período diurno e Ensino Técnico para jovens e adultos nos períodos vespertino e noturno; a única unidade de pronto atendimento da cidade se localizava próximo à escola; havia uma ESF para atender às famílias do bairro e de mais dois bairros vizinhos.
- **E6:** oferecia Ensino Médio nos períodos diurno e noturno, e Ensino Fundamental apenas no período vespertino; havia uma ESF próxima a escola, que era responsável por atender as famílias do bairro e de mais dois vizinhos, e uma UBS que atendia também outros seis bairros.

Considerando-se que o *setting* da entrevista semiestruturada e do grupo focal deva proporcionar a fidedignidade dos dados, ser familiar ao entrevistado, e possibilitar a observação de situações cotidianas e reais, em um ambiente não modificado pelo pesquisador (MALTERUD, 2001), o local da pesquisa foi a própria escola do participante.

A pesquisadora enviou a proposta de pesquisa devidamente documentada, junto com as autorizações e os termos de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices A e B), para as seis escolas que ofereciam o Ensino Médio. O critério de seleção foi a disponibilidade e a autorização das escolas para a realização da pesquisa.

Foram selecionadas duas escolas estaduais com contextos sociais, políticos e culturais amplos, que proporcionassem uma visão ampliada do fenômeno em estudo, situando-o em sistemas mais amplos que interagissem com outros sistemas em uma rede de padrões interconectados. Uma das escolas (E1) destacava-se pela alta frequência de registros de cenas de violência entre os alunos dentro da unidade, tais como ameaça, lesão corporal, atos obscenos, assédio, e situações de vulnerabilidade e risco, resultando em grande número de

ocorrências escolares registradas nos sistemas da Secretaria da Educação e de Boletim de Ocorrência no Distrito Policial. A outra escola (E4) possuía uma realidade completamente diferente, sendo os seus maiores problemas o comportamento inadequado dos alunos em sala de aula, incluindo o desrespeito aos professores, o uso de celulares e pequenos furtos; havia poucos registros de Boletim de Ocorrência no Distrito Policial e de ocorrência escolar nos sistemas da Secretaria da Educação. Nos Projetos Pedagógicos de ambas as escolas não havia evidência para a criação de ações ou programas para prevenção primária de violência nas relações de intimidade entre adolescentes. A cada dois anos, o Conselho Tutelar da cidade convidava profissionais da área de serviço social, enfermagem e saúde para ministrarem palestras nas escolas sobre drogas, conscientização do uso de preservativos, anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis.

Com a intenção de desenvolver um olhar mais sensível ao fenômeno em estudo, a pesquisadora realizou os primeiros contatos com as escolas participantes da pesquisa. Nestas ocasiões, a pesquisadora procurou fazer observações participativas e aproveitá-las ao máximo nos momentos de sua apresentação pessoal e da pesquisa, nas falas dos participantes sobre o tema, e nas rodas de conversa. Os primeiros contatos também tiveram como objetivo elaborar roteiros refinados para os instrumentos metodológicos, com questões e dinâmicas claras e objetivas, a fim de manter, de forma precisa, a qualidade requerida tanto pelo fenômeno em estudo quanto pelo Paradigma da Complexidade.

5.3. Participantes da pesquisa

Utilizou-se como parâmetro o limite cronológico da adolescência definido pela OMS, que compreende as idades entre dez e dezenove anos. Foram selecionados como participantes deste trabalho adolescentes, com idades entre 15 e 18 anos, de ambos os sexos, independentemente de sua orientação sexual e de já terem ou não vivenciado um relacionamento íntimo. Os participantes eram alunos regularmente matriculados e frequentadores do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Batatais, estado de São Paulo, e pertenciam a três turmas do segundo ano e a uma turma do terceiro ano. A escolha desses grupos foi proposta pelos dirigentes das escolas de modo a viabilizar uma melhor organização interna das instituições, e foi respeitada pela pesquisadora.

5.4. Procedimentos para coleta de dados

Após a definição das escolas e dos participantes, baseada na disponibilidade e organização das unidades escolares, os dados foram coletados no período compreendido entre outubro de 2016 e abril de 2017, por meio da realização de grupos focais, de entrevistas semiestruturadas, e do registro das atividades em um diário de campo. As três técnicas propiciaram a validação e qualidade da metodologia utilizada, ou seja, a triangulação de dados. A triangulação de métodos propõe a junção de diversas técnicas, observadores e métodos a fim de fornecer outras perspectivas para o fenômeno que se pretende estudar (MINAYO et al., 2013).

A pesquisadora realizou um aprofundamento teórico e conceitual acerca do debate sobre violência, intimidade e Paradigma da Complexidade utilizando levantamentos bibliográficos. Tais levantamentos consistem na concessão e distribuição do conhecimento em determinada área, proporcionando ao pesquisador explorar as teorias fornecidas e contribuir para a compreensão e explicação do fenômeno em investigação (MINAYO et al., 2013). De modo semelhante, uma revisão da literatura baseada no referencial teórico e conceitual da Complexidade é um procedimento metodológico que possibilita a constituição de redes de conhecimento que colaboram para a contextualização do problema, em suas possíveis relações e conexões com outras áreas do conhecimento (PÁDUA, 2014).

Tendo em vista a necessidade da compreensão de uma realidade inserida em um contexto amplo e dinâmico ao se estudar um fenômeno multideterminado e multifacetado como a violência nas relações de intimidade entre adolescentes, neste estudo foram realizados grupos focais (Apêndices C e D), também chamados de grupos de diálogo, como estratégia de coleta de dados. Essa técnica parte do reconhecimento de que é preciso construir espaços que propiciem a fala/escuta (OLIVEIRA, 2011) para (i) possibilitar o processo de fala e escuta qualificada e o registro pormenorizado das percepções de adolescentes sobre a violência na relação de intimidade; (ii) investigar as diferentes significações dadas à violência e sua legitimidade; e (iii) o modo como as diferentes dimensões da violência se materializam nessas relações amorosas.

O grupo focal envolve a interação entre um grupo de indivíduos, a captação e a comparação das distintas e semelhantes percepções e experiências partilhadas, possibilitando a aquisição de novas ideias a partir de discussões planejadas (BACKES et al., 2011). Assim, segundo Bloor et al. (2001, p.16):

[...] os grupos focais são por vezes ambientes ideais para a pesquisa de temas sensíveis. Os participantes podem sentir-se mais relaxados e menos inibidos na co-presença de amigos e colegas. E eles podem sentir-se mais capacitados e apoiados na co-presença daqueles com situação semelhante a si mesmos.

No processo de realização do grupo focal, Backes et al. (2011) recomendam que:

- i) O pesquisador realize uma sensibilização sobre o tema com os participantes, por meio de exposição de vídeos, fotos ou dinâmicas visando promover a reflexão crítica e criativa;
- ii) As cadeiras sejam posicionadas em forma de círculo para propiciar a interação dos participantes;
- iii) Sejam realizados dois encontros para cada tópico do tema, com duração aproximada de uma hora e meia a duas horas cada;
- iv) Os grupos tenham de seis a quinze participantes, os quais devem ter pelo menos uma característica em comum que os ligue ao tema;

No presente trabalho, foram realizados cinco grupos focais de duas etapas; cada sessão contou com a participação de sete a onze adolescentes, e durou entre 40 e 60 minutos. Todos os sujeitos que participaram dos grupos focais entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Na primeira etapa do grupo focal (Apêndice C), realizou-se a sensibilização do tema por meio da apresentação de figuras impressas que representavam situações que ocorrem entre casais, como casais abraçados, mensagens de amor, um casal discutindo e redes sociais. Um roteiro pré-estabelecido norteava a discussão, problematizando-as, a saber:

- i) O que é um relacionamento íntimo/namoro (ideal)?
- ii) Quais comportamentos são positivos e quais são prejudiciais numa relação de namoro?
- iii) O que é violência?
- iv) Quais as formas de violência no namoro?

Na segunda etapa do grupo focal (Apêndice D), realizou-se uma atividade para discussão de crenças a respeito de violência e relações de intimidade dos adolescentes, na qual a pesquisadora apresentou aos participantes um roteiro com frases afirmativas tais como:

- i) O álcool ou a droga é responsável pela violência das pessoas, por isso quem usa não tem culpa de ser violento;

- ii) O namorado/a tem o direito de controlar onde a/o namorada/o vai ou com quem conversa;
- iii) Em briga de casal ninguém pode se intrometer.

Os adolescentes foram convidados a se manifestar quando identificavam suas crenças, seguindo o parâmetro de resposta estabelecido como 1- não concordo; 2- concordo pouco (talvez); 3- concordo; e 4- concordo muito. Posteriormente, foram estimulados a discorrer mais sobre suas convicções.

A escola E1, que foi a primeira a autorizar o início das atividades, possuía apenas uma sala de aula referente a cada ano do Ensino Médio por oferecer aulas em período integral. A diretora desta escola considerou que os adolescentes do primeiro e do segundo ano não eram maduros o suficiente para participar da pesquisa, e autorizou apenas a participação dos alunos do terceiro ano. Dentre os 19 alunos que frequentavam o terceiro ano, somente sete entregaram as autorizações devidamente preenchidas e participaram da primeira etapa dos grupos focais; dois deles se retiraram e somente cinco alunos participaram da segunda etapa dos grupos focais.

A escola E4 possuía três salas de aula para cada ano escolar do Ensino Médio. A direção desta escola consentiu a realização da pesquisa apenas com alunos do segundo ano do Ensino Médio, justificando que os alunos do primeiro ano eram imaturos e os do terceiro ano estavam focados na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio e o vestibular. As três salas do segundo ano, denominadas na escola como 2ºA, 2ºB e 2ºC, contavam com 33, 35 e 31 alunos matriculados, respectivamente; dentre estes, 10, 11 e 11 alunos, respectivamente, entregaram as autorizações devidamente preenchidas e participaram dos grupos focais.

Por orientação da direção da escola E4, e para evitar uma grande evasão dos alunos da sala de aula, foram realizados três grupos focais, com três ou quatro alunos de cada sala; portanto, cada grupo focal contou com a participação de alunos das três salas do segundo ano do Ensino Médio. No primeiro grupo focal, 11 e 9 alunos participaram da primeira e segunda etapas, respectivamente; no segundo grupo focal, 11 alunos participaram das duas etapas; no terceiro grupo focal, 10 e 9 alunos participaram da primeira e segunda etapas, respectivamente. O número menor de participações na segunda etapa foi decorrente da ausência do aluno naquele dia na escola.

Outra estratégia utilizada para complementar o grupo focal na coleta de dados foi a realização de entrevistas semiestruturadas, que contemplaram questões relativas à idade, ano escolar, núcleo familiar, testemunho de violência entre os pais, e experiências amorosas

positivas e negativas, visando a caracterização dos participantes (Apêndice E). As entrevistas semiestruturadas favorecem a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado e “[...] por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais” (FRASER; GONDIM, 2004, p.140).

Foram realizadas três entrevistas na escola E1 e doze entrevistas na escola E4, totalizando quinze entrevistas, com seis participantes do sexo masculino e nove participantes do sexo feminino, e com duração média de 20 a 35 minutos. Os critérios para escolha dos entrevistados foram:

- i) Ter participado de pelo menos uma das etapas do grupo focal.
- ii) Demonstrar livre interesse e disponibilidade.
- iii) Ter chamado a atenção da pesquisadora de algum modo durante a realização do grupo focal, seja por iniciar o relato de algo mas não completá-lo, desistir do relato, demonstrar incômodo frente à alguma pergunta ou ao relato de outro participante.

O roteiro das entrevistas abrangeu três questões abertas e norteadoras, que permitiram obter um olhar específico do participante sobre o fenômeno em estudo:

- i) O que é namorar ou estar em um relacionamento íntimo para você?
- ii) Pode existir violência em uma relação de intimidade? Como?
- iii) Você já vivenciou alguma situação de violência?

Este procedimento permitiu identificar: o que os adolescentes compreendem por violência; se eles se enxergam em situação de violência e em que nível; se já viveram alguma situação de violência no namoro; o que a experiência de violência significou para eles e como reagiram ao acontecido. Além disso, possibilitou evidenciar as singularidades envolvidas no fenômeno, ou seja, a compreensão singular de cada participante, tais como o seu desenvolvimento emocional, a trama relacional afetiva e social por ela construída, e os valores socioculturais do contexto no qual a violência acontece.

Para manter a identidade dos participantes sob sigilo, adotou-se a codificação associando o sexo (H para homem; M para mulher) e a ordem do grupo focal (G1, G2, ...), dos participantes (P1, P2, ...), e das entrevistas (E1, E2, ...), numerados de acordo com a sequência em que foram realizados. As gravações dos grupos focais e entrevistas junto aos

adolescentes foi autorizada, sob garantia de anonimato, e posteriormente transcritas na íntegra.

Na avaliação da pesquisadora, os dados obtidos apresentaram redundância e repetição após o 4º grupo focal e 15ª entrevista, o que a levou a finalizar a inclusão de novos participantes no estudo. A pesquisadora seguiu a orientação de Glaser e Strauss (1997), que leva em consideração os limites empíricos dos dados, a integração dos dados com a teoria e a sensibilidade teórica dos pesquisadores que analisam os dados, para a confiabilidade da saturação.

Após analisar os dados dos grupos focais e entrevistas semiestruturadas, a pesquisadora realizou o *member-check* (MALTERUD, 2001), isto é, consultou novamente os participantes para confirmar se seus achados correspondiam ao que eles realmente disseram, sentiam e pensavam sobre a violência na relação de intimidade. Por fim, os registros no caderno de campo foram efetuados em todos os momentos da pesquisa, nos grupos focais, nas entrevistas semiestruturadas e nas observações. Esta estratégia foi fundamental para que a pesquisadora pudesse (i) acompanhar com detalhes as percepções dos adolescentes e os momentos de consenso e divergência de opiniões; (ii) identificar posturas, atitudes e questões que geraram desconforto ou polêmica; (iii) realizar o *member-check*.

5.5. Considerações éticas

O projeto do presente trabalho de pesquisa segue as normas para pesquisas envolvendo seres humanos estabelecidas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo em 31 de agosto de 2016, sob o protocolo de número CAEE 56894116.0.0000.5393 (Anexo A).

Os participantes assinaram duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B); uma das vias foi entregue ao participante e a outra foi devolvida ao pesquisador. Esses documentos, que eram destinados aos adolescentes com até 18 anos e seus pais ou responsáveis, continham explicações detalhadas sobre os procedimentos que seriam realizados e asseguravam o sigilo das informações e o anonimato dos participantes.

5.6. Análise dos dados

Os dados foram analisados mediante o Paradigma da Complexidade, seguindo-se o roteiro com três fases proposto por Pádua (2013):

- i) Classificação e organização das informações coletadas, demarcando os pontos relevantes das entrevistas semiestruturadas e dos grupos focais, para obter um olhar do conjunto da pesquisa e a visão de questões específicas conexas à totalidade do pesquisado. Os relatos foram transcritos na íntegra, identificando cada participante, e fazendo associações com as anotações do diário de campo. Após a leitura, foram elencados os pontos mais citados, mais relevantes, e específicos ao fenômeno em estudo.
- ii) Organização de quadros referenciais com os significativos elementos das respostas dos participantes, de modo a se ter um olhar ampliado do conjunto das informações que viabilize categorizá-las.
- iii) Concentração dos relatos, noções, entendimentos, ideias que se conversavam e eram implicados/compreendidos por conceitos, para estabelecer relações entre os dados por meio da organização destes em categorias.

Como modo de exemplificação, identificaram-se nos relatos as diferentes formas de violência vividas pelos participantes, mas organizadas em três núcleos: (i) padrões de violências quando o participante é o autor desta (associação ao ciúme e vontade de controle); (ii) dimensões da violência quando o participante sofre esta (associação ao amor – romantizado); e (iii) padrões de violência quando esta é bidirecional (associação à autodefesa, alternativa encontrada e demarcação de território).

Por último, os dados encontrados foram relacionados ao Paradigma da Complexidade e à literatura científica existente. Com o intuito de alcançar o objetivo da pesquisa e ser fiel às interpretações dos participantes, alcançando credibilidade e validade na análise dos dados, ancorou-se na noção de contextualização constituinte do Paradigma proposto e na elucidação de alguns relatos dos participantes.

6. Resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados relativos à caracterização geral dos estudantes das escolas que foram cenários da pesquisa, bem como dos grupos de participantes dos grupos focais e entrevistas semiestruturadas. Posteriormente, será apresentada a análise dos relatos dos participantes.

6.1. Caracterização dos estudantes

A pesquisa contou com a participação de 39 adolescentes que cursavam o Ensino Médio, sendo 7 da escola E1 (18%) e 32 da escola E4 (82%) (Tabelas 1 e 2). Nas escolas E1 e E4, respectivamente 28,5% e 37,5% dos participantes eram do sexo masculino, enquanto que 71,5% e 62,5% dos participantes eram do sexo feminino. Até o momento da pesquisa, duas participantes do sexo feminino da escola E1 e três participantes da escola E4 (duas do sexo feminino e um do sexo masculino) relataram não ter vivenciado nenhum relacionamento íntimo. Nesta pesquisa, a orientação sexual dos participantes não foi considerada elemento importante na obtenção dos dados, pois apenas dois participantes da escola E4 declararam de forma espontânea que eram homossexuais e bissexuais.

Todos os 39 adolescentes participaram do grupo focal e das entrevistas semiestruturadas. Os adolescentes da escola E1 cursavam o terceiro ano do Ensino Médio. Os adolescentes da escola E4 participaram dos grupos focais no final do ano letivo de 2016, enquanto cursavam o final do segundo ano do Ensino Médio, e das entrevistas semiestruturadas no início do ano letivo de 2017, quando já se encontravam no terceiro ano.

A seguir, serão apresentadas as informações sobre a população dos participantes de cada uma das duas escolas pesquisadas. A escola E1 era a única escola estadual do município de Batatais com período letivo integral, das 08:00 às 15:00 horas. Apenas um participante dessa escola declarou que exercia atividade remunerada no período noturno, com jornada de quatro horas. Na escola E4, todos os participantes frequentavam o período matutino e o percentual de participantes que exerciam atividade remunerada foi significativamente maior, incluindo empacotadores (15,6%) e repositores (9,3%) de supermercados, babás (6,2%) e ajudantes de cuidadores de crianças (3,1%).

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos adolescentes participantes dos grupos focais e entrevistas semiestruturadas da escola E1 segundo idade, sexo, cor da pele, estado civil, trabalho e renda familiar. Batatais, São Paulo, Brasil, 2017.

Índices	Total de adolescentes (n = 7)	(%)
Geral	7	100
Idade		
15 a18	7	100
19 ou mais	0	0
Sexo		
Masculino	2	28,5
Feminino	5	71,5
Cor da pele		
Parda	4	57,2
Branca	2	28,5
Preta	1	14,2
Amarela	0	0
Indígena	0	0
Estado Civil		
Solteiro/a	7	100
Casado/União Estável	0	0
Trabalho		
Atividade remunerada	1	14,2
A procura	3	42,8
Renda familiar (salário mínimo)		
Até 01	3	42,8
Entre 02 e 04	4	57,2
Mais que 05	0	0

Fonte: Banco de dados da pesquisadora, 2017.

Tabela 2. Caracterização sociodemográfica dos adolescentes participantes dos grupos focais e entrevistas semiestruturadas da escola E4 segundo idade, sexo, cor da pele, estado civil, trabalho e renda familiar. Batatais, São Paulo, Brasil, 2017.

Índices	Total de adolescentes (n = 32)	(%)
Geral	32	100
Idade		
15 a18	32	100
19 ou mais	0	0
Sexo		
Masculino	12	37,5
Feminino	20	62,5
Cor da pele		
Parda	14	43,7
Branca	8	25
Preta	9	28,1
Amarela	1	3,1
Indígena	0	0
Estado Civil		
Solteiro/a	28	87,5
Casado/União Estável	4	22,5
Trabalho		
Atividade remunerada	11	34,3
A procura	13	40,6
Renda familiar (salário mínimo)		
Até 01	11	34,3
Entre 02 e 04	4	50,0
Mais que 05	5	15,6

Fonte: Banco de dados da pesquisadora, 2017.

A busca pelo exercício de atividades remuneradas foi percebida pelos participantes de ambas as escolas como constituinte da construção do perfil desses adolescentes. Algumas reações foram constatadas e frequentes, como comentários sobre a dificuldade em encontrar empregos de meio período, sobretudo o vespertino ou noturno, além das expressões: “É o que tem né, só o que a gente arruma”, referindo-se às atividades exercidas (Diário de campo).

No percurso das estratégias de grupos focais e entrevistas semiestruturadas, a pesquisadora também realizou o *member-check*, a fim de averiguar se seus achados reproduziam o que os adolescentes realmente disseram, sentiam e pensavam sobre a violência na relação de intimidade. Durante o *member-check*, ao verem seus relatos dos grupos focais impressos e os ouvirem, os adolescentes concordavam com a cabeça a maior parte do tempo, mas demonstravam certo desconforto aos relatos referentes à manutenção do relacionamento íntimo quando este era permeado por violência. As falas centravam-se em sentimentos de amor, medo, baixa autoestima, dependência emocional e ‘gosto’ por apanhar como fatores que estimulavam a permanência na relação, mas os apontamentos que causaram maiores incômodos foram os dois últimos (*member-check*; caderno de campo).

Quando a pesquisadora solicitou aos participantes que se expressassem sobre o motivo do incômodo/desconforto ao ouvirem/lerem as falas, dois adolescentes reformularam suas opiniões sobre o tema, enquanto que alguns adolescentes admitiram que se sensibilizaram ao ouvir os próprios relatos e aprenderam com as opiniões dos outros (*member-check*; caderno de campo).

Nos resultados das explanações dos grupos focais e das entrevistas semiestruturadas pode-se apreender as percepções dos adolescentes sobre o sentido da violência nas relações de intimidade por meio de quatro categorias, a saber: (i) “É normal”, “É aceitável” e “Acontece”; (ii) Violência: suas dimensões e experiências; (iii) Redes sociais digitais e tempo: motivadores para a violência; e, (iv) Reações e respostas à violência.

6.2. “É normal”, “É aceitável” e “Acontece”

Quando os adolescentes participantes foram questionados sobre a ocorrência de violência no relacionamento íntimo, a passividade e a aceitação foram identificadas como fenômenos comuns:

É normal, porque faz parte de um relacionamento. (P9/H-G3)

Eu acho que é normal, você tá nervoso. Acontece. Às vezes aperta o braço, segura o pescoço, na hora da raiva acontece, todo mundo sabe. (P4/H-G3)

Um beliscão faz parte, xingar faz parte [...] (E13/H)

As explicações acima indicam que “normalizar” algumas manifestações de violência, aparentemente, podem ser justificadas pelo estado emocional de quem a proferiu. Assim, a violência física e a violência verbal integraram-se às relações de intimidade entre os participantes, haja vista que o nervosismo ou a raiva estavam presentes.

Dentre as estratégias que podem ser adotadas para garantir a fidelidade da relação de intimidade, a aceitação se mostrou naturalizada, tendendo à banalização:

Chantagem emocional, é besteira a mulher cair nisso. (P4/H-G1)

Xingar, um apertozinho, beliscão, não forte, acontece, vai. (P10/H-G1)

O uso de chantagem emocional por parte das adolescentes foi interpretado como demonstração de fraqueza, que poderia gerar maior desgaste na relação ou abrir uma brecha para que fossem perpetradas outras formas de violência. Essas explicações desqualificaram o sofrimento da mulher, pois sua penalização ocorreu sem que acontecesse o mesmo com o autor da violência:

Mandar foto pelada pra qualquer coisa. Isso já é falta de vergonha na cara, a mulher manda porque quer, não tem essa de chantagem. (P5/H-G1)

Percebe-se que para os adolescentes do sexo masculino, a mulher será alvo de um estigma social, sendo desqualificada ou menos valorizada e sempre será julgada, enquanto que o homem que pede e recebe a foto de nudez, sendo por meio de chantagem emocional ou não, não será penalizado. Ademais, notou-se um jogo nessa relação que inclui fotos, fidelidade, incitação, julgamento moral de senso comum, expiação, valorização de uma parte mas não da outra, e elementos que devem ser considerados para a uma análise posterior.

Os relatos também evidenciaram questões relativas ao gênero e à passividade frente à violência perpetrada pela mulher, denotando um tabu ainda existente na sociedade e a reprodução de questões estigmatizantes:

Acho que quando é o homem o violento, xingar pode, bater não. Pois a diferença tá na força. Se a gente der um soco nele vai sentir macio, agora se ele der, a gente vai ficar roxa. (P5/M-G3)

No meu caso o problema não é o soco, são as unhas. Olha aqui meu braço, já apanhei todo, muito, tá todo marcado. Ela faz de propósito. (P2/H-G3)

Na maioria sempre é o homem né, porque as mulheres não batem de verdade, tipo de dar soco no olho e quebrar nariz, igual minha tia ficou. Mulher faz coisa mais leve, se a unha tá grande arranha, dá unhada (risos), belisca, tenta puxar cabelo também, isso quando o cara tem (risos). Mas tipo, o homem é com mais força. (E13/H)

A possibilidade do homem ser a vítima e não o autor da violência na relação foi menor. Além disso, verificou-se uma associação da violência praticada contra as mulheres com a Lei Maria da Penha como forma de punição unilateral. Estas ideias apresentaram-se explicitamente em muitos relatos semelhantes aos transcritos a seguir:

É muito raro mulher bater em homem né? (P11/H-G2)

Eu acho que não, antes não tinha mulher batendo em homem, difícil, e se tem agora, é pouco. (P8M-G3)

A mulher apanha muito mais do que o homem. Mas quando o homem apanha, o homem nunca vai atrás dos seus direitos, até porque hoje em dia não tem a lei 'José da Penha', ele pode ir preso, então elas aproveitam. O homem não pede ajuda por vergonha. (E11/H)

Minha vizinha batia no marido dela, você escutava os gritos. Perguntamos por que ele nunca vai na delegacia e ele falou assim: 'Eu? Pra quê? Como que eu vou lá assim falar que apanhei da minha mulher? Onde que vai a minha cara?' Ele ficava assim falando. (P1/M-G4)

Uma proporção pequena dos relatos apresentaram a mulher como possível autora da violência, os quais enfatizaram o pretexto e a alegação de que o homem sofreu a violência por não possuir o respaldo judicial proporcionado à mulher pela Lei Maria da Penha. Inferiu-se, desse modo, a forte presença de um imaginário social e simbólico sobre o que se entendia por honra, considerada tão importante para os homens. Porém, o tabu de que o homem não sofre agressão de uma mulher, na perspectiva dos/as adolescentes participantes, refletiu a ausência do debate sobre educação de gênero e o conhecimento das leis que os/as protegem no país.

No que tange à coação sexual, os adolescentes não compreenderam o beijo forçado como forma de violência. Essa percepção transpareceu nos relatos a seguir:

Não acho que isso [beijar na boca forçado] é violência. A gente tá namorando, você tem noção de que ele vai querer te beijar sempre, você querendo ou não. Se você não quiser, mesmo na briga, aí já pode largar. Porque mesmo eu brava, triste, e eu não beijar, ele vai achar que eu tô com outro. E eu achar dele. (P7/M-G2)

Eu nunca vou negar um beijo pra ela, aí ela não pode me impedir também não, se eu quiser tem que beijar e eu também. (P9/H-G4)

Se tentar me beijar de modo forçado, sabe, por um estranho, é violência né. Mas do namorado não, é meu namorado né? (P9/M-G3)

A existência de um relacionamento implicou em ceder aos desejos/vontades do namorado/a. Logo, os estados emocionais do/a adolescente deixaram de determinar o seu próprio desejo: negar um beijo indicaria uma possível traição de um lado ou de outro. Numa outra perspectiva, ceder um beijo a um desconhecido foi considerado violência, mas ceder a/o namorada/o não.

Para os participantes, mesmo que o/a parceiro/a não respeitasse os limites ou desejos da/o parceira/o, o ideal seria que houvesse consentimento, como se fosse uma cláusula escrita em um contrato; porém, tais atitudes não foram identificadas como coação sexual por eles/as. Ademais, houve uma relativização por parte dos adolescentes do que consideraram ser coação sexual, pois notou-se uma certa permissividade, como se existisse um contrato invisível que primasse pela aceitação do beijo forçado, como um pacto no qual a violência fosse externa ao relacionamento.

Diante disso, tem-se uma sistematização das crenças e tabus levantados/encontrados nos enunciados dos adolescentes, ilustrada na Figura 1. Em suma, constatou-se que as relações dos adolescentes foram construídas com base em tabus, crenças, e senso comum propagados ao longo dos tempos, os quais foram elementos propiciadores para a aceitação/banalização de algumas dimensões da violência por esta não ser reconhecida como tal.

Figura 1. Configuração dos elementos existentes nos relatos/perspectivas dos adolescentes sobre o fenômeno da violência nas relações de intimidade. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

6.3. Violência: suas dimensões e experiências

Primeiramente, muitos participantes hesitaram e até negaram relatar experiências pessoais de violência, mencionando apenas situações com conhecidos, familiares e amigos; ao longo da discussão, os relatos foram surgindo (diário de campo).

6.3.1. Parceiro/a perpetrador/a

Quando o outro, o/a parceiro/a era o/a perpetrador/a da violência, muitos adolescentes atribuíram a violência ao amor que o companheiro/a sentia por ele/a, não distinguindo violência de amor:

Eu larguei da minha namorada [...] Teve uma vez que ela pediu pra eu tirar foto pra mostrar pra ela que eu ia tomar banho, que tava no quarto. Me ligava tempo todo pra saber onde tava, o que tava fazendo. Muito melosa sabe, muito amorosa, amorosa demais, aí não dava não. [...] Se fosse sair tinha que levar ela onde quer que eu fosse, se eu ia na minha vó tinha que levar ela, se eu fosse na minha tia, tinha que levar ela. Ela era pegajosa demais, isso pra mim foi o fim [...]. (E2/H)

O comportamento “meloso” ou demasiado amoroso da namorada representava vigilância sobre o namorado, seja pelo celular ou presencial, que o sufocava e desencadeou como resposta o rompimento da relação. Neste contexto, muitas formas de violências acabam sendo veladas, como por exemplo, a violência psicológica que, ao se disfarçar de cuidado, justifica a violência:

Mas ele não tá querendo controlar, ele está querendo prevenir a namorada dele de acontecer alguma coisa, pra evitar briga ou qualquer outra coisa. (P1/M-G1)

Às vezes é por causa do ciúme, é estranho um namorado estar com a namorada e não ter ciúme, aí insiste na senha, mas porque gosta né, porque gosta muito. (P4/H-G4)

O controle excessivo que previne brigas ou o ciúme como demonstração de zelo são paradoxais na trama das relações de intimidade. Constatou-se a existência da crença e da idealização de um amor romantizado, de que o outro é a “metade da laranja” ou a car metade, e de que a felicidade completa reside ao estar junto do outro. Essa idealização foi expressa de inúmeras formas, algumas mais sutis e outras mais explícitas:

[...] Nós, mulheres ou os homens, todo mundo precisa se sentir amado, se sentir importante para alguém. Na terra a gente veio para a terra foi para fazer parte da vida de alguém, e quando a gente tem esse alguém, a gente quer se sentir importante, a gente quer saber que está fazendo ele feliz, porque de um modo ou de outro pode ter as brigas, verbal de tudo quanto é tipo, mas, a gente se importa com aquela pessoa, a gente gosta dela, quer fazer ela se sentir importante, como a gente que se sentir. (E1/M)

Ele canta, e eu não gosto que ele vai. Eu já impedi ele de cantar. [...] Ele acha que fez uma prova de amor tatuando meu nome. Prova de amor é ter um filho dele, era um sonho dele, agora será realizado. Já fiz várias coisas como prova de amor, agora realizei o sonho dele de ser pai. (E13/M)

A explicação sobre o “destino” de todos/as revelou a crença em uma missão na vida: ser e fazer alguém feliz. Assim, brigas e discussões eventuais seriam superadas, pois não passariam de demonstrações do amor na busca de fazer com que o/a outro/a se sinta importante, reciprocamente. Assim, tatuar o nome, impedir que o outro saia para tocar numa banda, e “dar” um filho seriam provas de um amor que almeja a felicidade de ambos.

Os/as adolescentes relataram a existência do amor idealizado como justificativa para violência nas vivências relacionadas ao amor romântico:

Tipo quando você começa a namorar cria um vínculo, tipo você é um corpo só. O que você pode, pode, o que não pode, não pode. (P6/M-G2)

É por que ela gosta dele, e quando a mulher tem sentimento pelo homem ela aguenta qualquer coisa. Não é só a mulher, o homem também quando gosta. (P1/M-G1)

Verificou-se que a privação de algo, o controle, a mágoa, o sofrimento, tudo foi suportado, aceito, em nome desse amor e sem que houvesse a percepção desses elementos como demonstrações de violência. Poucos participantes demonstraram ter consciência e conhecimento das diferentes manifestações de violência física, verbal e sexual perpetuadas

pelos/as parceiros/as na relação de intimidade, e do não consentimento deles/as para sua perpetuação:

Ela me unha bastante... mas eu não faço nada, nunca fiz nada. Falo uns palavrões, xingo, mas não relo nela, mas olha as minhas costas, meus braços, tô tudo unhado, tô cansando disso. (P4-G3)

A namorada que tive de seis meses, tipo ela me chamou de criança e babaca e pra mim isso foi um xingamento eu não gostei. [...] Aí tipo junto com os parentes dela, eu não conversava porque estava com vergonha e ela me chamava de criança, de babaca, de gordo. (E2/H)

Uma vez esse mesmo namorado, queria dar o próximo passo no relacionamento, e ele me levou para um lugar perto da casa da minha avó e tentou fazer a relação sexual comigo à força, só que eu comecei a gritar, falei um monte de coisas e me “saí”, saí, consegui. Depois disso eu peguei nojo dele, larguei dele, não quis mais ele [...] (E1/M).

A ocorrência de violência física, cuja devolutiva foi uma violência verbal, a violência verbal acompanhada da violência psicológica diante de parentes, e a coação do/a parceiro/a para uma relação sexual foram experienciadas e desencaderam muitas respostas. Quando o/a companheiro/a foi o/a autor/a da violência, a violência psicológica foi perpetrada mais frequentemente através de coibição e chantagem emocional:

No começo do relacionamento ele controlava a minha roupa, onde ia, com quem falava, [...] aí eu bati o pé, ele parou... Mas não tenho amigos homens, ele não aceita. (P7/M-G1)

Eu [...] passei na prova do Industrial e [...] falava que se eu fosse pra outra escola ela ia largar de mim, e me arrependi muito. (E4/H)

Ele ficava sabendo algumas coisas e ficava jogando isso na minha cara ou querer me por pra baixo. Ele queria [...] ser meu dono, e aí usar umas coisas para poder me humilhar, para eu ver que ninguém vai querer eu, que só ele quer eu e mais ninguém. (E1/M)

No meu namoro, se eu não deixar ele ir pra onde ele quer, aí eu não posso ir nem pro trabalho, e aí como eu vou fazer? Acho chato pra caramba isso, ele joga bola todo dia e quando tem festa ele tem que ir, se não, sem trabalho, eu vou fazer o que da minha vida? (P11/M-G1)

Ele fazia chantagem emocional, ‘se você largar de mim eu vou morrer’, ‘ai eu não sei viver sem você’, ‘porque se você largar de mim eu vou te matar’, só dizia isso. (P2/M-G4)

Os participantes experimentaram situações de violência psicológica nas relações de intimidade expressas de muitas formas, tais como cercear com quem conversa, com quem sai, quais roupas usar; impedir projetos de vida; ter a posse do outro e o depreciar; determinar quem pode fazer o quê e quando; e ameaçar de morte a si e a outra pessoa. Essa forma de

violência foi encontrada não só nos relacionamentos íntimos mais duradouros, caracterizados como namoro, mas também em relações de intimidade mais superficiais, sem muito tempo de duração e compromisso, como hoje são conhecidos os “*crushs*” e “*ficantes*”. Outra forma que se destacou foi a chantagem emocional:

Tem até violência quando é só crush também. Tipo, ‘ele é meu crush e não pode ‘ficar’ com mais ninguém, só comigo, senão eu largo’. Isso é uma violência porque quem fala isso as vezes nem gosta da pessoa. Muito crush faz, já fizeram isso comigo. (P5/M-G3)

Aconteceu comigo, tipo agressão psicológica. Meu namorado, que na época era crush e ‘ficante’ ficava me enrolando, enrolando, e eu sofrendo, aí só depois de 5 meses que ele veio falar que ele queria realmente ser meu namorado. E hoje em dia a gente tá namorando já vai fazer um ano. Eu tive que falar: ‘Se você não me assumir, eu não quero mais nada, não tem mais essa de só ‘ficar’ e você fica com mais tantas’, porque eu me humilhava por ele. (P7/M-G4)

A constatação da presença da violência nos primeiros encontros de uma relação de intimidade se mostrou como uma “tomada de consciência” para o/a adolescente, ressaltando a importância de se estabelecer regras que, acordadas mutuamente, garantissem a fidelidade. No entanto, paradoxalmente, tais regras tenderiam a manter um certo controle mútuo: coibir o/a parceiro/a a beijar ou se relacionar com outra pessoa, e chantageá-lo/a com a possibilidade do rompimento da relação, mesmo que não quisesse assumir compromisso.

6.3.2. Participante perpetrador/a

Quando o/a participante era o/a autor/a da violência, os relatos se concentraram no sentimento de querer controlar o outro e na expressão de ciúme:

Pra minha namorada ir num lugar, eu tenho que saber, se não, não vai. (P8/H-G3)

Se você gostar, vai ter ciúmes, é normal... Eu sei que eu sou ciumento, tento não ser obsessivo. Se a pessoa já olha pro lado, fico com aquilo na cabeça. Ai faço coisas aí, sem pensar... Mas se não tiver ciúmes você pensa que a pessoa não te ama, não gosta de você. (P3/H-G4)

Eu já tenho ciúmes psicótico possessivo, eu tenho esse tipo de problema. A pessoa tem que aceitar como sou. (P1/M-G1)

Ah tipo, no caso de outro homem já falo: ‘Quê que você tá olhando, ela é minha’.(P1/H-G3)

Os participantes relataram que também podiam ser possessivos em relação ao outro. A demonstração do ciúme se comportou como um importante elemento na construção e no estabelecimento das relações de intimidade dos e pelos adolescentes. Logo, saber onde o/a

parceiro/a vai e autorizá-lo/a; mostrar-se obsessivo/a e agir sem pensar; obter a aceitação da pessoa amada; e afirmar quem é o/a “dono/a” seriam demonstrações de amor, de provas de amor.

A maioria dos relatos dos adolescentes evidenciou que eles/as compreenderam que o ciúme é um sentimento que detém dois polos: o saudável e o exacerbado. O ciúme saudável foi interpretado como algo importante no relacionamento, sendo de intensidade menor, gostoso de sentir e de saber que o outro também o sente, representando o gostar e algo que não faz mal ao outro. O ciúme exacerbado, interpretado como “possessivo” pelos participantes, foi predominantemente visto como um sentimento de grande intensidade, incontrolável, responsável pelas atitudes impulsivas e que motiva a coação ao outro; consequentemente, seria um ciúme não saudável.

Os relatos elucidaram a sensação saudável de expressar o ciúme e ressaltaram que qualquer manifestação de posse obsessiva se torna agressiva e mesmo uma doença, que requer tratamento psicoterápico. Entre os 39 participantes, 10,2% assumiram um posicionamento contrário ao ciúme excessivo como algo normalizado e costumeiro:

Mas tem que ter um ciúme saudável né, mas não esse ciúme possessivo: ‘você é meu, meu e de mais ninguém’. (P9/M-G1)

Se você gosta porque você vai agredir? Não tem essa de ter ciúmes exagerado, tem que ter confiança. É doença não é? Acho que ciumento obsessivo é uma doença. Será que tem tratamento? Será que se fizer aquelas terapias de casal tem tratamento? Eu acho que é doença. (P3/M-G4)

Outro elemento importante manifesto pelas explicações foi a importância da confiança. Nos relacionamentos íntimos onde esse pilar estava ausente ou ofuscado pelo ciúme exacerbado, os adolescentes tenderam a buscar sua consolidação por outras estratégias no relacionamento, como se fossem testes.

Confiança é só quando a pessoa vai até a casa da avó ou da mãe. Se sair pra rua, aí já é diferente. Não confio na minha namorada e nem nos caras da rua, nos dois. Ou eu vô ou ela fica. Já namorei um ano uma menina e foi tipo assim, eu ia e ela ia ou nós dois ficava em casa. (P1/H-G4).

Um relacionamento íntimo no qual as relações de vizinhança foram afetadas e mesmo cerceadas poderia ter efeitos nocivos, como expusemos anteriormente: o ciúme exacerbado. O desejo de controle sobre o outro pode ser considerado como violência psicológica, e foi apontado inúmeras vezes nas explicações dos participantes, sendo qualificado como algo trivial e corriqueiro:

Pra minha namorada ir num lugar, ela tem que tá em um lugar que eu saiba, eu tenho que deixar, senão, não vai. (P7/H-G3)

Se meu namorado sair com o irmão dele, eu também já fico assim desconfiada. Eu tenho que saber onde ele está e se pode ir. E nem há a possibilidade de ele sair com outra mulher, não tem essa de sair com sexo oposto. (P7/H-G4)

Ademais, para os participantes autores da violência, o sentimento de orgulho também foi citado como forma de justificar a violência exercida por eles:

Você tá numa festa e começa a discutir com a pessoa na frente de todo mundo. E aí o que você faz? Na hora da raiva, nervosismo, o orgulho pesa e muito. (P4/H-G2)

Este sentimento alude ao *status* que o/a participante mantinha no relacionamento e sua preocupação com a imagem que era transmitida aos outros a respeito de sua posição na relação perante o/a companheiro/a. Inferiu-se que o *status*, por comportar a posição ou estado que alguém ocupava no relacionamento, revelou o anseio de estar na condição de prestígio e assim obter determinado poder sobre o outro e para a manutenção da relação. Nesta conjuntura, o sentimento de orgulho e a busca pelo *status* refletiram uma sociedade patriarcal e uma cultura de machismo que o participante mantinha na relação para nunca transmitir a sensação de que ele era o dominado da relação, mas sempre o dominante.

6.3.3. Bidirecionalidade

Alguns participantes relataram a violência como algo recíproco no relacionamento, manifestada em agressão tanto física quanto verbal e psicológica.

Eu bato, xingo, bato na cara, depois vou pra casa chorar. Ele faz algo, me bate, me xinga e eu retorno também. Eu já cheguei até a desmaiar em casa, fiquei muito nervosa. Foi humilhação, mas eu não consigo guardar. (P1/M-G1)

Nos últimos dois namoros que tive, ocorreram violência físicas e verbais da minha parte e da deles também, eu unhava, dava soco, era briga todo dia, além da tentativa sexual por parte de um deles, forçando transar. (P8/M-G2)

A violência em sua manifestação bidirecional, seja física, psicológica ou sexual, ou seja, provenientes de ambas as partes, demonstraram a existência de uma possível demarcação de território de um sobre o outro. A violência adquiriu contornos de previsibilidade ou mesmo de aceitação pelas partes envolvidas na relação de intimidade, pois o que estava em jogo era a manutenção do relacionamento. Conforme aludido anteriormente, um dos envolvidos na relação abria mão de projetos pessoais em função desse relacionamento, como mudar de escola, ou de outras formas:

Eu tocava em uma banda de rock e o meu namorado pediu para eu largar. E para evitar conflito, eu abri mão para ter um relacionamento saudável, então deixei de fazer uma coisa que eu gostava para poder deixar ele um pouco mais alegre, porque ele abria mão de muitas coisas por mim, de sair, de ver seus amigos. (P7/M-G1)

Houve predominância da violência física – socos, tapas, beliscões e arranhões com as unhas – nos relatos das adolescentes que discorreram sobre sua autoria nas situações de violência e nas explicações dos adolescentes ao descreverem as ações das companheiras. Quando a violência foi exercida pelos adolescentes do sexo masculino, destacou-se a violência psicológica, expressada por meio do ciúme possessivo, do controle do acesso a lugares e do uso de roupas, e da chantagem emocional. De modo geral, estes padrões de violência se apresentaram em todos os relacionamentos relatados, independentemente da bidirecionalidade e da simetria em sua autoria.

Ademais, nos relacionamentos íntimos em que houve bidirecionalidade, as adolescentes demonstraram maior vulnerabilidade à violência e às suas consequências, principalmente danos e prejuízos a longo prazo nas esferas emocional e psicológica, do que os participantes do sexo masculino.

No último namoro aconteceu todos os dias, a gente brigava, ele não colocava a mão em mim, eu que colocava porque ele ficava zombando da minha cara e isso me tirava do sério. Eu batia nele, eu dava soco nele, derrubava, estrangulava, eu xingava, eu largava, mas depois voltava, porque eu não sei se isso vai justificar, mas, é uma máscara que eu uso para ser agressiva, pra não acontecer o que aconteceu comigo no primeiro relacionamento, e aconteceu de novo... me ameaçava 'vou te matar se você largar de mim', isso tempo todo. Depois, o outro me xingava também, falava que ia me proibir de ir na casa da minha mãe, ele falava que ia largar de mim se eu fosse lá. Aí foi desgastando, só que aí antes da gente largar, a gente estava bem, aí ele chegou em mim e largou, aí eu entrei em depressão, porque eu gostava dele... eu gosto muito dele só que agora eu tô pegando raiva, e vamo vê o que que vira. Mas agora ele fica me xingando de tudo quanto é nome. (E1/M)

Já tentaram me abusar duas vezes. Meu pai e meu ex-namorado. A gente brigava muito, porque os dois não deixava eu fazer nada, a gente se xingava, se batia, tapa, soco, eu não deixava quieto. Depois de ele tentar aquilo, demorou muito para eu poder namorar, fiquei com sérios problemas mentais em questão disso. Me senti muito frágil e depois disso, eu peguei nojo de todos os homens, raiva, eu me imaginava matando alguns homens que eu via, fiquei com muita raiva, fiquei muito revoltada, tive vários problemas psicológicos e pensei que nunca mais ia conseguir namorar. (P1/M-G2)

Os depoimentos demonstraram a complexidade dos relacionamentos íntimos na adolescência permeados por muitas formas de violência, e das dificuldades enfrentadas pelas vítimas em lidar com os efeitos da violência: bater, arranhar, sufocar, coibir sair para ver

familiares, ameaçar de morte, largar e reatar o relacionamento, sofrer tudo de novo, desenvolver raiva, desejar matar os homens, e não conseguir se relacionar novamente. O relato denotou que os efeitos das violências sofridas se desdobraram no tempo, e que, sem auxílio profissional, reverberariam quando adultas.

A partir do contexto exposto sobre as experiências e dimensões da violência vividas pelos adolescentes nas relações de intimidade, pode-se observar as características específicas do fenômeno perante a autoria deste (Figura 2). Em suma, constatou-se que a ação violenta advinda do/a parceiro/a foi interpretada pelos adolescentes como amor, sendo reflexo de crenças que idealizavam um amor romântico e justificavam o fenômeno. A violência emergente na ação de um participante foi interpretada como uma estratégia para a consolidação da confiança, resultante de um sentimento de orgulho e preocupação com o *status* do indivíduo no relacionamento perante à sociedade. Em ambos os casos de autoria, o ciúme e o controle foram vistos como demonstrações de amor na construção e no estabelecimento da relação íntima; na realidade, estas representaram as formas de expressão da violência psicológica mais recorrentes entre os adolescentes.

Nos relacionamentos caracterizados pela bidirecionalidade da autoria da violência, houve uma demarcação de território aceita e desejada por ambos, mesmo que os aspectos de violência física tivessem sido mais associados às mulheres e os elementos de violência psicológicas tivessem sido mais associados aos homens. Inferiu-se que os motivos mais prováveis para que as mulheres exercessem a violência no relacionamento íntimo fossem a autodefesa e o revide à violência sofrida, como forma de reposta e alternativa ao que enfrentaram e ao contexto na qual estavam inseridas.

Figura 2. Características específicas do fenômeno da violência na relação de intimidade de adolescentes, perante sua autoria: parceiro/a como autor/a, participante como autor/a, bidirecionalidade/simetria de autoria. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

6.4. Redes sociais digitais e tempo: motivadores para a violência

Diversos fatores como mentira, falta de confiança, traição, uso de álcool e drogas, e questão social e econômica foram apontados como motivadores para a ocorrência da violência. As redes sociais e o tempo de duração do relacionamento foram os elementos mais citados pelos adolescentes, e serão apresentados separadamente a seguir.

6.4.1. Nova prova de amor: senhas e redes sociais digitais

Por meio das redes sociais, a violência se manifestou através da insistência do/a parceiro/a em querer os acessos ao celular e às redes sociais digitais do outro, e obter a senha

dos mesmos, ocasionando manipulação e controle sobre a outra pessoa; ou seja, a ausência da privacidade de uma das partes.

Quando fica insistindo muito é tipo violência né, por causa da senha... tem gente que quebra até o celular por causa de Facebook e mensagem de WhatsApp... aí eu acho violência, você está tirando espaço da pessoa e tirando a privacidade dela. (E5/M)

O que gera a violência é ciúmes por causa de celular, WhatsApp, Facebook e internet... todos os tipos de redes sociais que existe na vida, porque sempre tem coisa que um ou outro não gosta, ou que alguém faz, aí quer “ficar” controlando celular do outro, olhando senha e o que faz. (P5/H-G4)

Meu ex era de outra cidade. Ele chegava a ligar pra minha mãe meia-noite, pra perguntar por que eu não estava respondendo mais ele. Ele não confiava e desgastava muito. Nossa, ele era muito doido, acho que possessivo. A gente se via de final de semana, a primeira coisa que ele fazia quando ia lá em casa, era pedir pra ver meu celular. E isso pra mim é a pior coisa num relacionamento. (P5/M-G1)

Curiosamente, a pesquisa evidenciou que as formas de controle sobre o outro incidiram no controle sobre os acessos às redes sociais e aplicativos de troca de mensagens instantâneas. Contudo, nem todos os/as participantes compreenderam esse desejo de controle como forma de violência; ao contrário, interpretaram-no como prova de confiança, que foi um dos pilares dos relacionamentos desejados por muitos participantes. Em contrapartida, aqueles que se negaram a compartilhar as senhas e os aparelhos de celular para acesso irrestrito levantaram suspeição.

Pra mim não, não é violência, é normal isso, eu não tenho nada pra esconder. Eu tive que ficar insistindo muito pra ter, pra poder mexer no celular. Eu pego o celular dele e vejo e ele também pega meu celular e vê, Facebook fica aberto, sem senha. (P/M-G4)

Não acho que é violência (insistir), se a pessoa não passar a senha, ela vai começar a desconfiar que tem algo ali, que tá conversando com outro, que tá traindo. (P3/M-G1)

Não tem que obrigar, você pede. Se ele não quer dar, alguma coisa tem. Eu espero ele dormir e vou mexer no WhatsApp dele, sem ele acordar. (P7/M-G3)

Dessa forma, o acesso às redes sociais, seja pela posse da senha de acesso ou do aparelho celular, foi relacionado à ocorrência de violência, manifestada de diferentes modos.

Meu namorado pediu a senha do meu face e fica mexendo no meu Whats. Era pra eu ter o dele também, mas ele não deu de jeito nenhum. Acho que ele fica mais no meu face do que no dele. A gente tá junto 2 anos e 8 meses e a gente briga por tudo, tudo. Tem vez que ele fica muito estressado, aí ele começa a dar soco na parede e eu começo a rir, rir de medo. Ele é obsessivo, ele é doente. Chega a dar medo. (P6/M-G4)

Querem controlar tudo, até celular... aí os dois vão ficando estressado, perde a noção das coisas, tem cara aqui da escola que bate na namorada porque ela aceitou um homem no Facebook ou seguiu no Instagram, e a namorada fica louca quando ele curte foto de outra garota e acaba atacando ele também. (P3/H-G4)

Embora as expressões de ciúmes dentro de certos limites fossem consideradas pelos/as adolescentes como demonstrações de amor, algumas vieram acompanhadas de manifestações de violência amedrontadoras que evidenciaram um amor obsessivo, doentio. Nessa dimensão relacional, as redes sociais digitais têm se caracterizado como um possível e novo fator de risco para o desencadeamento da violência no relacionamento íntimo entre adolescentes, sendo utilizada como um canal para obter saber-poder e, logo, controle sobre o/a companheiro/a.

A insistência para conseguir a senha do celular e ter acesso às redes sociais digitais como *Instagram*[®], *Facebook*[®], *WhatsApp*[®] e muitas outras, podem ser consideradas como uma nova modalidade de atingir a autoconfiança e a autoestima e influenciar o estado emocional do/a parceiro/a íntimo/a, na tentativa de ter o domínio sobre a vida da pessoa. O ato de conceder a senha e consentir o acesso às redes sociais digitais a/ao parceira/o foi interpretado como uma nova forma de prova de amor pelos adolescentes, conforme os relatos a seguir:

Sim, já me pediram uma prova de amor: a senha do Facebook, WhatsApp, para ver quantos contatos, quantas meninas, o que eu conversava e com quem conversava. (E2/H)

Porque é amor né, você não dá a senha se não amar ele, porque ele vai saber da minha vida tudo ali, e se ele ama, também tem que dá. (E14/M)

Para os/as adolescentes participantes da pesquisa, as provas de amor não consistiram em dar a vida, como em Shakespeare, ou em escrever cartas, elaborar poesias e canções para a pessoa amada, mas em oferecer a senha do aparelho celular ou das redes sociais. Assim, a ideia de prova de amor foi transformada no tempo e no espaço, e novas formas foram engendradas e atualizadas, conforme o contexto social, principalmente pelos adolescentes imersos nas redes digitais. A senha de um aparelho eletrônico que possibilita o acesso às redes sociais digitais do outro tem se tornado uma das principais ferramentas que viabiliza uma nova forma e um novo canal para uma forma sutil de violência, e uma nova forma de demonstração de amor na contemporaneidade.

Uma das estratégias utilizadas pelos adolescentes para lidar com possíveis brigas decorrentes do acesso às redes sociais digitais foi a criação de um perfil em comum em tais

redes. Pressupõe-se que esta seria não só uma alternativa para a resolução dos conflitos e das desconfianças, mas também a manifestação de um contrato estabelecido e desejado, em que ambos se permitem, para terem um controle mútuo de si mesmos, conforme ilustrado pelas seguintes falas:

É... quando a gente começou a namorar sério mesmo, eu e ele fizemos um Facebook junto sabe. Ainda mais, se eu te falar que acho ruim é mentira, porque acho muito melhor desse jeito. Porque não tem esse negócio, se ele tiver fazendo aquilo ou isso e nem ele comigo, entendeu? Então foi um jeito de a gente ter uma rede social, usar a vontade, fazer o que quiser, sem ter esse problema de desconfiança. A gente fez e deu certo! (P8-G1)

Nós fizemos o perfil junto no Facebook, porque, tipo assim, eu não quero que meu namorado converse com outra menina. Eu não converso. Eu conversava antes, mas namorando não. Só tenho amigos homens dentro da sala, tenho colegas né. Nem tem esse negócio de 'ficar' no face conversando com os outros, ele não tem esse negócio de amigas né. (P5-G3)

A díade relacional público $\times$ privado se encontrou nesse aspecto de criação de um perfil de utilização comum entre os parceiros, possibilitando um certo controle do outro e a exclusão de assuntos de foro íntimo neste meio de comunicação.

As relações de amizade também se caracterizaram como um elemento propiciador de brigas e conflitos na perspectiva dos/as adolescentes. Eles refutaram a noção de que cada um pode ter sua vida particular e seus/uas próprios/as amigos/as, principalmente os/as pertencentes ao sexo oposto ao do/a parceiro/a. Esta ideia aludiu a uma violência emocional velada e não reconhecida pelos adolescentes, configurada na perpetuação e aceitação do afastamento de amigos e familiares:

Eu vejo as conversas do celular dela todo dia, não tem essa de ter senha. Eu não confio em amigos, em amigas. Tem o lance de que se você é o único que namora e o resto é tudo solteiro, vai por na cabeça: "só você aí namorando, vai curtir a vida, vai sair!". Eu sei porque já fiz isso com amigos também (P6/H-G3).

Se ele já tem a namorada dele, ele não tem que ter outra amiga. A gente já é amiga. Não tem essa de ter amiguinha. Eu sou a amiga. Isso mesmo se já era amiga dele antes de me conhecer. Uma vez eu apaguei um monte de garotas do Face dele, porque eu não posso adicionar amigos homens (P9/M-G3).

O controle compulsivo das mídias sociais expõe a fragilidade das relações de intimidade, haja vista a falta de confiança mútua, que pode representar ameaça ou má influência. Assim, para anular essa influência, amigos e amigas são literalmente "apagados/as" da rede social pelo/a outro/a, partindo do entendimento de que se há um

namorado/a, este/a deve ser o/a amigo/a também. Os relatos dos participantes demonstraram o entendimento de que na vivência em um relacionamento íntimo, nada poderia estar oculto aos olhos do outro; caso contrário, seria considerada uma forma de traição, como exposto a seguir:

Namoro para mim tem que unir os dois porque senão, não adianta nada namorar e 'ficar' um pro lado e outro pro outro. Tem que tá junto e saber de tudo o tempo todo. Essa história de só 'ficar' em chat, Facebook, WhatsApp, também não vira nada isso aí. (P8/H-G2)

O perfil sempre foi em conjunto, porque pra mim esconder algo é uma traição. Traição não é só 'ficar' com outra pessoa, traição é mentir, você esconde algo muito importante da outra pessoa. Porque você está ali com a pessoa em um relacionamento para dividir uma vida, pra você ter seu momento com ela, não é pra ficar escondendo, ter medo das coisas que você vai falar pra ela, afinal de contas o que você não fala pro seus pais, aquela pessoa que você está confiando a sua vida, é o que você pode contar o que você fez, como é que foi seu dia, contar o que está acontecendo com você, você deve que contar tudo pra ela. (P1/M-G1)

Neste cenário, diferentes tramas foram tecidas pelos adolescentes em torno das redes sociais digitais na atualidade. As novas configurações e estratégias engendradas por eles estão sistematizadas na Figura 3. Ter conhecimento sobre os passos da outra pessoa e acompanhá-los, seguir seus rastros digitais, dividir a vida e os momentos de intimidade, e contar segredos foram sinônimos de alto grau de confiança e, portanto, da possibilidade de dividir uma vida, juntos. Logo, restringir pessoas dos círculos de convívio, real ou virtual, e até de familiares, sinalizou uma certa maturidade quanto ao namoro, ao passo que, paradoxalmente, sucumbiu reciprocamente a determinadas formas de violência.

Vislumbrou-se, ainda, a presença do mito do amor romantizado, na percepção de que para ter um amor ideal a vida dos dois se mistura, tornando-se uma só. Isto aludiu a concepção de que há um contrato para a vivência de um relacionamento íntimo, seja para demarcação de território, seja para assegurar o acesso e o conhecimento da vida do outro, como garantia de lealdade e fidelidade.

Figura 3. Novos elementos, configurações e estratégias engendrados pelos adolescentes em torno das redes sociais digitais. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

6.4.2. O tempo de relacionamento e os fatores para as violências

Diversos relatos dos participantes expressaram que o tempo de relacionamento foi um fator propício à violência. Para os participantes, a probabilidade de ocorrer a violência aumenta com o tempo de relacionamento, pois este proporciona não só uma maior convivência e intimidade, mas também o desgaste da relação e a perda de calma de ambos.

Conforme [o] tempo que tá junto cansa, desgasta, vai estressando...dá nisso. (P3 -G1)

No começo de namoro não tem briga séria, agora no meu caso, que namoramos já faz mais de um ano, que poso na casa dele, que convivi muito tempo junto, não tem como, a gente briga direto, ataca mais o psicológico sabe, sabe manipular o outro. (P11-G1)

Vai ficando chato o namoro com o tempo e a pessoa resolve largar de você por causa disso ou acontece isso [violência]. (P5-G3)

Mas no começo o homem sempre concorda, o meu namorado falava: 'concordo amor, você está certa'. Mas vai passando um ano, dois, três, aí ele já não concorda mais. Aí retruca. Aí começa os beliscões, os puxões, nele, nos dois. (P5-G4)

Inferiu-se que, com o passar do tempo, houve confusão entre as noções de liberdade, relação íntima e ações violentas em muitos relacionamentos dos adolescentes. A violência ocorreu em função da maior convivência e tempo juntos; algumas ações foram meramente reativas, impulsivas, mecânicas e se manifestaram de forma violenta porque o indivíduo identificou uma liberdade, um espaço no relacionamento, uma ideia de que tudo seria possível por estarem juntos há algum tempo. Ademais, o tempo de relacionamento foi um elemento para a ocorrência da bidirecionalidade da violência. Em muitos relatos, somente após algum tempo de relacionamento um dos sujeitos do relacionamento utilizou-se da agressão física e psicológica como forma de revidar a violência sofrida, como autodefesa, ou como uma alternativa para finalizar a violência por ele/a vivida.

Os relatos indicaram também a noção da aproximação entre o fator tempo e o uso de drogas, principalmente o álcool, cujo consumo foi maior por ser lícito. Entretanto, não houve relatos de relacionamentos íntimos dos adolescentes envolvendo um dos parceiros da relação com uso de álcool e violência. Nesse contexto, os relatos dos participantes se concentraram em situações vividas por seus pais e familiares, nos quais tanto o uso de droga e o tempo foram citados como os viabilizadores da violência, como ilustrado nas falas a seguir:

Se ele tem problema dentro de casa, com o tempo ela cansa e ele vai querer voltar de alguma forma, ele vai procurar droga, bebida, pra não demonstrar em casa, então não tem como julgar ela na hora H, entende? SE tá violento é por causa da bebida e brigas dentro de casa. Igual foi com meu primo. (P4-G1)

Tem gente que bebe e chora. Mas a pessoa que já é agressiva, com a bebida alcoólica ela fica pior, igual meu pai que batia na minha mãe e bate na amante. E agora minha irmã apanha do namorado, só que ele usa droga também, só que ela tá grávida e é nova. (E7-GA)

Eu entrei no meio muitas vezes nas brigas dos meus pais. Tem uma coisa que aconteceu que é... eu vi que meu pai tentou estuprar minha mãe e eu vi, eu tinha 10 pra 11 anos, antes deles se separarem eu vi tudo isso, presenciei, meu pai tentou se matar, tentou matar minha mãe. Ele não muda, bebe muito, pinga mesmo, ele cheira pinga. No começo do ano meu pai me agrediu, meu último namorado que conseguiu me consolar, ele era muito meu amigo, então eu contei pra ele e ele me ajudou. [...] Eu estava deitada já era mais de três horas da manhã e ele do nada deitou na minha cama, com aquele cheiro (pinga) e começou a fazer carinho na minha cabeça, como ele sempre fez, falou: 'eu tô fazendo carinho, tudo bem'. Depois levantou meu edredom e colocou a mão no meu bumbum e nisso eu comecei a gritar. Ele dizia: 'fala baixo comigo!', deixa eu ver uma coisa'. Eu falei: 'vê nada! some daqui!' [...] ele fechou a minha boca para eu não gritar. (E1/M)

A adolescente E1/M ficou muito emocionada e chorou constantemente ao expor as situações vividas no relacionamento entre os pais e dela com o pai. A pesquisadora ofereceu todo o suporte necessário para que a participante se sentisse à vontade e acolhida, e lhe informou sobre uma rede de apoio que poderia oferecer respaldo à adolescente (Diário de campo).

Os relatos acima aludiram a uma premissa: o desgaste das relações e a ausência de ajuda podem ocasionar experiências de violência intrafamiliar. Logo, quanto mais essas situações se perpetuarem no tempo, maior a disposição de um, ou outro ou ambos fazerem uso abusivo de álcool ou outras drogas e, conseqüentemente, praticarem e/ou sofrerem violência. As experiências dos adolescentes ainda minimizaram o uso crônico ou abusivo das drogas como elemento facilitador para a violência na sua própria relação de intimidade. Desse modo, pressupôs-se aqui a existência de um tabu ou o não reconhecimento do uso de álcool e outras drogas em seus próprios relacionamentos íntimos como um motivador para a ocorrência da violência, sob a perspectiva dos adolescentes.

O tempo de convivência vinculado à violência intergeracional foi citado em muitos dos relatos. A concepção de que presenciar ou vivenciar a violência quando criança ou adolescente influenciou seus atos foi fortemente discorrida como resultante de uma causalidade linear, como exposto abaixo:

Acho que outra coisa é, o cara crescer revoltado, tipo, quando um pai agride um menino, aí ele cresce revoltado, ou se o pai batia na mãe, aí ele vai crescer com esse tipo. Ao passar o tempo ele vai matutando aquilo. Na cabeça dele é certo ele bater na namorada e na mulher depois. Ele cresceu com essa imagem. (P4/H-G4)

Meu padrasto também. Ele bate na minha mãe porque ele cresceu vendo o pai bater na mãe dele. A mãe dele que falou pra minha mãe. Então, depois de um tempo, aí ele bateu na minha mãe. Aí quando eles largam, ele vai pra onde ela tá e briga. Uma vez ele cortou a cabeça dela. Mas eles ainda estão juntos. Mas não tem só isso, minha tia batia no meu tio quando ele bebia e a filha dela bate no namorado também. (P2/M-G3)

As muitas experiências de violência no espaço das relações de intimidade domésticas presenciadas ou não pelos/as adolescentes evidenciaram sua perpetuação acrítica por quem a sofreu, pois a ausência de auxílio profissional em tempo hábil poderia representar uma naturalização da mesma, como uma explicação plausível para os comportamentos violentos manifestos no presente das relações de intimidade.

Em suma, averiguou-se que, na perspectiva dos adolescentes, alguns elementos estavam em conectividade e viabilizaram a incidência do fenômeno, conforme expresso na Figura 4. Essas explicações presentes no senso comum terminaram por minimizar os

elementos processuais (aspectos individuais e sociais) que desencadearam as formas de violência sofridas pela criança e pelo/a adolescente. Essa mesma explicação projetou uma identidade estigmatizada às vítimas da violência como possíveis autores de violência futura, que demandariam maior vigilância.

Figura 4. Aspectos associados e propiciadores de violência nas relações de intimidade, na perspectiva dos adolescentes. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

6.5. Reações e respostas à violência

Os/as adolescentes tomaram diferentes atitudes diante das experiências de violência nos relacionamentos íntimos. Dentre os 39 participantes, 10,2% romperam o relacionamento com o/a parceiro/a e outros 12,8% tomaram alguma atitude para tentar solucionar a violência existente. Os relatos evidenciaram a decisão de rompimento da relação frente à manutenção do comportamento violento do/a parceiro/a ou pela inflexibilidade dele/a, bem como a decisão de se posicionar contra alguma atitude do/a parceiro/a quando estas se configuravam como violências psicológicas, ilustradas nos seguintes relatos:

“Ele era muito possessivo, ficava muito em cima, não deixava eu fazer nada, só queria que eu ficava na casa dele, que eu fosse morar com ele, e eu já não era assim, eu penso no meu futuro sabe e ele não aceitava, foi por isso que terminamos. (P1-G2)”

“No começo do relacionamento ele controlava a minha roupa, onde ia, com quem falava, tive muito esse problema, mas aí eu bati o pé, ele parou. Mas não tenho amigos homens, ele não aceita.” (P8-G1)”

Os relatos destacam como mesmo os projetos futuros poderiam ser afetados em função do controle excessivo, o qual ia além da proibição de usar certas roupas ou ter amigos do sexo oposto. Assim, as adolescentes afirmaram tentar acabar com a violência; no entanto, mesmo quando elas se posicionaram contra a violência vivida, as estratégias que elas utilizaram tiveram resultados diretos em apenas alguns aspectos, como o controle das roupas usadas e dos lugares frequentados, mas não solucionaram totalmente a situação e não conseguiram acabar com a violência por completo.

Diante da situação de violência, 35,8% dos adolescentes demonstraram o sentimento e a reação de indiferença. A percepção de que a violência no relacionamento íntimo era algo normal e pequena quando comparada aos momentos bons vividos pelos casais predominou nos relatos, como exposto abaixo:

Se ele me bater hoje não importa, vai passar. (E7/M)

Acho que é normal. Porque ele faz isso, mas acontece com todo mundo, e sempre nos entendemos, porque eu gosto dele e ele de mim. (E6/M-CA)

Eu continuei, não fez diferença no nosso namoro, porque vivemos muitas coisas boas também. (P1/M-G4)

Deste modo, inferiu-se que a violência teve seus efeitos minimizados, a ponto de ser naturalizada como parte constituinte do relacionamento; contudo, a médio e longo prazo essas manifestações menores cederam espaço para outras mais intensas. Esse elevado índice (35,8%) pressupôs a falta de conhecimento e de informação dos adolescentes para as consequências futuras ante a violência sofrida no presente.

O maior índice (41%) foi o de participantes que mantiveram o relacionamento íntimo e utilizaram da própria violência como meio de resposta à situação, ao invés de se manterem indiferentes ou tentarem se posicionar perante o autor da violência com a finalidade de interromper a violência vivida. Essa bidirecionalidade ou simetria da violência no relacionamento íntimo foi compreendida como forma de autodefesa.

Às vezes é só essa forma de defesa dela. Se ele tá agindo de forma violenta com ela, xingando tudo ela, ela também vai criar uma barreira dela. Então tipo, ela vai ser violenta também, ela vai xingar ele. Por isso eu não fico quieta, eu discuto e xingo. (P2/M-G1).

Eu batia nele, eu dava soco nele, derrubava, estrangulava, eu xingava, eu largava, mas depois voltava, porque eu não sei se isso vai justificar, mas, é uma máscara que eu uso para ser agressiva, pra não acontecer o que aconteceu comigo no primeiro relacionamento. (P10/M-G2)

A gente só briga quando estamos nervosos, a gente xinga, bate, mas nos amamos, não vamos largar por isso. (E12/M)

As explicações ilustraram a violência recíproca mas consentida, como forma de dar vazão aos estados emocionais de raiva e nervosismo. O relato de P10/M-G2 evidencia um “amadurecimento”, um desejo de não ser vítima da violência do parceiro. Curiosamente, as experiências de violência não justificariam o rompimento da relação íntima.

Os relatos ilustraram compreensões das violências fundamentadas no senso comum, como nos ditados populares “ruim com ele, pior sem ele” e “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, conforme ilustrado a seguir:

Ainda estamos juntos, preferi perdoar do que ficar sofrendo sem ele e ele sem mim (E7/M)

Eu prefiro guardar as coisas pra mim do que ele largar de mim né. Vai que eu falo para os outros e piora a coisa, ninguém tem nada a ver com isso, só piora. (E9/M)

Os ditados populares não foram citados, mas as ideias centrais das falas foram as mesmas, denotando, assim, como a cultura da aceitação da violência estava estruturada, possuía raízes profundas e, assim, perpetuou-se na sociedade até hoje. Denota-se aqui a imediata necessidade de romper com esse senso comum e oferecer informações e pedagogia para todos, reforçando a ideia de que “ruim com ele, melhor sem ele” e que em “briga de marido e mulher, se mete a colher sim”.

Os depoimentos também aludiram a um mecanismo de negação social que pode ser desenvolvido pelos adolescentes ou por quaisquer pessoas que vivenciem a violência e não tenham coragem de contar, de pedir ajuda, seja por medo da reação da outra pessoa, do julgamento ou da piora da situação, seja pelo risco das pessoas serem despreparadas e desinformadas sobre o fenômeno da violência no relacionamento íntimo. Nesse sentido, muitos adolescentes relataram ter a crença de não encontrar apoio na sociedade, principalmente quando esta ainda reproduz juízos machistas e incompreensão da situação.

Tem um menino aqui na escola que bate na namorada dele. Aí ela largou dele, só que aí ela voltou com ele, mesmo com ele batendo nela. Ela apanha, larga e volta. Ela gosta dele e de apanhar também, porque tem medo de perder ele. Porque quando ele vai embora, ela sente a falta dele e acha que ninguém nunca vai preencher aquele lugar. Prefere apanhar do que perder a pessoa. Mas tem muita mulher que gosta de apanhar, eu conheço. Aqui na escola também tem. (P9/H-G2)

Acho que é falta de amor próprio. (P2/M-G3)

Notou-se que os relatos citados acima corroboravam a compreensão do participante que estava como espectador do relacionamento íntimo de outro adolescente da mesma escola: é preferível perdoar a ter que romper com o/a parceiro/a. Desse modo, pressupôs-se que os

adolescentes se concentraram nas violências mais explícitas, como a física, e não reconheceram ou deram a devida atenção à violência emocional e psicológica.

As violências que se configuraram como emocionais e psicológicas foram as principais fontes que levaram os adolescentes a protelarem uma possível ruptura do relacionamento íntimo. Alguns relatos também evidenciaram que os sentimentos de medo e esperança justificaram a continuidade de um relacionamento íntimo atravessado pela violência.

Medo ou o amor, aí junta com a esperança de ele mudar. Ela gosta da pessoa e não larga por medo dele arrumar outra, ou tipo, já tem uma mulher encima, se largar, ele vai com outra pessoa e ele vai fazer a mesma coisa que fez com ela e a outra pessoa aceitar. Ai ela vai ficar falando: “porque não aceitei? agora perdi”. (P9/M-G1)

Eu acho que às vezes você sempre tem a esperança de a pessoa mudar, por que você senta com a pessoa, conversa: “vamos tentar isso?”, você tenta, “vamos tentar aquilo?” sabe, acho que sempre tem aquela esperança. Então você se acolhe ali e espera a pessoa mudar. Você gosta da pessoa e ela te promete aquilo, então pensa, ele vai mudar. E nem sempre é assim. (P4/M-G1)

O sentimento de medo citado pelos adolescentes foi sempre referente ao rompimento, focado na situação e no medo a perda do/a parceiro/a, e não na violência sofrida pela outra pessoa. Ou seja, os adolescentes apenas se concentraram na dor e no sofrimento de não terem a pessoa amada por perto, explicitando assim uma forte dependência emocional. Em outros relatos, o sentimento de medo também surgiu quando o/a autor/a da violência, ao perceber que estava em risco o seu controle sobre a vida do outro, acabou agindo com mais violência ainda. Desse modo, muitos adolescentes que vivenciaram a violência permaneceram no relacionamento íntimo por medo da reação do/a parceiro/a caso decidissem pelo rompimento.

O sentimento de esperança surgiu no momento em que o/a autor/a da violência pediu desculpas, fez juras de amor e promessas, e até se mostrou disposto/a a procurar ajuda psicológica. Assim, por amar o/a parceiro/a, a vítima da violência acreditava na mudança de comportamento do autor/a, que a situação melhoraria, e aceitavam o autor/a de volta.

Sabe-se que a instabilidade é a principal consequência de um rompimento, principalmente no que se refere à relação de intimidade. Quando o/a autor/a da violência percebeu que o/a parceiro/a estava preste a romper o relacionamento íntimo, ele/a poderia tentar interferir e atrapalhar em várias esferas de sua vida. Algumas estratégias para tal foram comumente utilizadas, como atitudes de colocar amigos e familiares contra o/a ex-parceiro/a; provocar situações vexatórias na escola ou no trabalho do/a outro/a, fazendo com que este/a se tornasse dependente dele/a e da relação:

Às vezes é por que ama ou é medo e porque depende da pessoa. Ela tendo filho ou não, se não tem dinheiro, como que ela vai seguir em frente? Se largar não tem para onde ir, não tem o que fazer. Fora que a pessoa apanha e tem medo da Lei não funcionar também. (E15/H)

A ideia de ausência de funcionamento da Lei, assim como de respaldo policial e jurídico, também aludiu à negação social, uma vez que os adolescentes não consideraram encontrar amparo no poder público. Ademais, os relatos evidenciaram a dependência não somente financeira, mas também emocional, dificultando o rompimento do relacionamento íntimo, especialmente quando quem sofreu a violência não possuía uma rede de suporte familiar e social.

Como posto, a reação e o sentimento de indiferença diante da violência vivida, assim como a decisão pela manutenção do relacionamento foram as respostas enfatizadas pelos adolescentes. Para maior compreensão e visualização do leitor, os fatores citados para tal posicionamento foram sistematizados na Figura 5. Diante deste quadro, constatou-se que todas as ações e decisões tomadas frente às situações de violência experienciadas, bem como os motivos que encontraram para a manutenção do relacionamento, partiram da ideia do adolescente da existência de um amor idealizado, que a tudo suporta; as ações correlatas giraram em torno de um amor perfeito e completo, como um tipo ideal, na acepção weberiana. Dessa maneira, o amor romantizado colaborou para o estabelecimento da dependência emocional, a qual se encontrou atrelada à violência emocional e psicológica. Esses elementos configuraram-se como os principais motores para a ocorrência da violência na relação íntima entre os adolescentes, e os mesmos favoreceram a manutenção do relacionamento por parte de quem a sofreu.

Figura 5. Fatores explanados pelos adolescentes para a reação e o sentimento de indiferença diante da violência vivida e a decisão de manutenção do relacionamento íntimo. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

7. Discussão

Investigar as vivências e construções dos relacionamentos íntimos entre os adolescentes configura-se como desafiador, principalmente ao fundamentá-los e analisá-los pelo olhar do Paradigma da Complexidade. Para este fim, foi necessário adotar uma postura sensível para o ser humano, adolescente, cheio de elementos e características peculiares e, ao mesmo tempo, iguais e diversos, para que se criasse a abertura de um espaço que viabilizasse o compartilhamento e a exposição de pensamentos, experiências e contextos. Desse modo, o compartilhamento de ideias, crenças e conhecimentos a respeito de relacionamentos íntimos, violências e amor romantizado foram essenciais para, em seguida, analisar o sentido da violência nas relações de intimidade sob a ótica dos adolescentes e, assim, explorar e refletir sobre essa teia de saberes sob o viés do Paradigma da Complexidade.

Ao adotar como marco teórico-conceitual e metodológico o Paradigma da Complexidade, que fomenta o Pensamento Complexo, o presente estudo confirmou a predominância de uma análise integrada das categorias que emergiram na pesquisa, visto que os componentes estavam em profunda articulação e interação, impossibilitando a separação das partes para assim compor o todo. Da mesma forma, a discussão realizada a seguir, expressa as articulações e conexões entre os elementos e características encontrados nas declarações dos adolescentes que se estabeleceram e se encontraram nos princípios que este trabalho se propôs a aprofundar.

Optou-se por apresentar a discussão dos resultados na ordem dos princípios dialógico, recurso organizacional e hologramático, separados meramente por fins didáticos, para facilitar o entendimento dos leitores. Ressalta-se que os princípios se encontram em profundo diálogo, pois “a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica” (MORIN, 2007, p.75), e apresentam ligação entre os diversos elementos que compõem o fenômeno, como ilustrado na Figura 6.

Figura 6. Interação entre três princípios da Teoria da Complexidade e os textos. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

7.1. Princípio dialógico

Por meio do princípio dialógico averígua-se lógicas que, ao mesmo tempo, são antagônicas e complementares, e coexistem em todas as interações dos seres humanos em sociedade e na natureza (MORIN, 2002). No presente estudo, foram observadas a relação e as codependências existentes entre afeto e agressão presentes nos relacionamentos íntimos dos adolescentes, fatores estes que se completaram e foram opostos nas relações.

Os relacionamentos íntimos circunscrevem a construção e o estabelecimento da confiança mútua e o consentimento dos riscos envolvidos na manutenção da relação. Como esta última possibilita a revelação de vulnerabilidades e a troca de segredos e informações, a preservação da confiança é essencial para a sustentação da intimidade no relacionamento (ALMEIDA; CALDAS, 2012). Mesmo com o acordo dos riscos, há a expectativa de que o parceiro não causará sofrimento, prejuízos, traição, tristeza, frustrações e decepções, e que, como parceiros, saberão enfrentar as instabilidades com êxito. Os adolescentes lidaram com estas instabilidades através da não distinção entre amor e violência em suas experiências

cotidianas, e da interpretação do controle ou do desejo de dominação do parceiro como “melosa” e “amorosa” demais.

Alguns filósofos discorrem sobre o tema: Foucault concebe esse mecanismo de “dominação” como sinônimo de poder, ou seja, um desejo de poder sobre o outro (FOUCAULT, 2008); na concepção de Nietzsche, “dominação” não é o mesmo que “poder”, mas a “vontade de poder” (NIETZSCHE, 2001). Para Nietzsche, o amor é o desejo ambicioso de possuir o outro, é a “vontade de poder”, porque ao perceber que a pessoa amada tenta resistir à posse, ele busca mais poder, busca autossuperar-se, e não se importando com a dor que possa causar, ele pretende superar a resistência. A “vontade de poder” na relação amorosa representa não somente a posse física, mas também a posse do pensamento e do sentimento; por isso, para Nietzsche a posse verdadeira/total é impossível (NIETZSCHE, 2001; CONSTANCIO, 2016).

A análise da interpretação dos adolescentes sobre o sentimento de ciúmes revelou que, se não houvesse ciúmes, não havia amor, ainda que manifesto de forma considerada “obsessiva”. De modo semelhante, notou-se o desejo de controle do/a parceiro/a, manifesto pela permissão de onde ir e do que fazer, como práticas sinônimas ao amor. Esses dados corroboram estudos demonstrando que adolescentes associaram atos de ciúmes ao amor e consideraram a violência como um ato de amor e aceitável nas relações afetivas. Além disso, os adolescentes têm certa dificuldade em reconhecer ações violentas e expressões de amor, as quais se misturam em suas percepções (JONHSON et al., 2005; CECCHETTO et al., 2016)

Neste estudo, pode-se considerar que a dialógica afeto-agressão foi tratada pelos adolescentes como aspectos totalmente opostos e separados, apesar de seus relatos evidenciarem que se encontravam vinculados e de maneira solidificada, mas também ocultos e num processo de invisibilização. Concomitantemente a esta constatação, evidenciaram-se dificuldades no discernimento entre as práticas amorosas, como beijos, e a coação para a prática sexual, como exposto pelos participantes P7/M-G2, P9/H-G4 e P9/M-G3. Nesse sentido, para eles um beijo não poderia se enquadrar na categoria de uma coação sexual, logo, um beijo forçado “cedido” a um parceiro íntimo seria um fenômeno inexistente. Esses dados estão em consonância com um estudo realizado em Portugal, que demonstrou um alto índice de adolescentes que afirmaram ter sofrido alguma forma de coação sexual por parte dos parceiros. Dentre os 170 participantes do estudo, 30% afirmaram que foram beijados e 10% admitiram que foram tocados sexualmente contra a sua vontade; somados a esses percentuais alarmantes, 7,1 % relataram que foram forçados a ter relação sexual e 4,1% admitiram que foram ameaçados para ter a relação sexual (FILIPA, 2016).

A OMS caracteriza a violência sexual como atos, investidas ou tentativas sexuais não desejados, com uso de coação, e abarca atos como estupro, definido como penetração forçada, e assédio, caracterizado como atos e investidas, na forma de coerções e favorecimento sexual nas relações hierárquicas, podendo ser em ambiente escolar, de trabalho, entre outros (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010). Esse fenômeno pode ser exercido por parceiros íntimos, dentro de um relacionamento informal, em namoros e casamentos, e por estranhos e em qualquer contexto. No Brasil, segundo as normas da Lei 12.015/09, beijar e agarrar à força ou puxar o cabelo são consideradas agressões sexuais e crimes contra a dignidade sexual, e a pessoa que pratica esses atos pode ser severamente punida (BRASIL, 2009).

No Brasil, a violência sexual, dentre todos os tipos de violência perpetrada por parceiros íntimos é a que possui menor índice, sendo este fato decorrente de um sentimento de constrangimento da pessoa que sofre a violência justamente por ser perpetrada por um parceiro íntimo e estar associada à questão de poder. Diante disso, a violência sexual entre os parceiros íntimos sofre o processo de invisibilização, por uma questão de tabu (ser velado na sociedade) e da crença errônea de que apenas é praticada por desconhecidos (COELHO; SILVA; LINDNER, 2018). Ademais, estudos recentes apontam que os adolescentes que possuem uma rede social frágil e uma autoimagem negativa ou baixa autoestima, propendem a aceitar com maior facilidade atos e comportamentos de coação sexual por parte de seus parceiros íntimos (RODRIGUES, 2007; GÓMEZ, 2012; FILIPA, 2016).

Outra forma dos adolescentes lidarem com as instabilidades do relacionamento íntimo foi a aceitação da violência, principalmente da agressão física perpetrada pelo sexo feminino, como expresso nas declarações dos participantes P5/M-G3, P2/H-G3, P6/M-G3, E13/H, P11/H-G2 e P8/M-G3. Revela-se aqui (i) uma estigmatização social das garotas pelo meninos, que na acepção de Goffman (2004, p.4) é “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”; e (ii) a reprodução do machismo pela desqualificação do ato realizado por uma mulher, como se a prática, fosse categorizada como de menor potencial ofensivo pelos adolescentes (CECCHETTO et al., 2016). O descrédito da existência ou possibilidade desta do homem como dominado e não como dominante, presente nas falas de que “homem não apanha de mulher”, é a reprodução de um discurso milenar patriarcal e masculinizante.

Alguns estudos realizados no Brasil revelam a mulher como autora de atos de violência física com maior dominância do que o homem e com taxas maiores em violência bidirecional (LINDNER, 2015; ALLY, et al., 2016; CECCHETTO et al., 2016; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018). O relato do participante E11-H de que quando o homem apanha

não vai atrás de seus direitos porque não existe “a lei José da Penha”, torna explícita a falta de conhecimento sobre a legislação brasileira que respalda a segurança e a proteção de qualquer pessoa, incluindo do sexo masculino. Sabe-se que a Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, foi criada especificamente para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, sejam elas cisgênero, transgênero, transexuais e homens homossexuais, ou seja, assegura a proteção contra todos os tipos de violência contra qualquer pessoa que desempenhe papel social de mulher (BRASIL, 2016). Essa Lei ficou muito conhecida no país por meio das campanhas e iniciativas de movimentos feministas, de advocacias e do governo brasileiro, mas não foi divulgado, com a mesma veemência, que o homem que sofre a violência doméstica e familiar também tem a proteção judicial para a sua segurança, sendo respaldado pelo Código Penal brasileiro. Assim, o homem deve procurar a delegacia e registrar o boletim de ocorrência para que o Código Penal seja aplicado.

A falta de conhecimento sobre a garantia dos direitos dos homens, além de ser resultado dos baixos índices de divulgação nos meios de comunicação e delegacias, estão mais relacionados com o processo de invisibilidade que este fenômeno sofre. Pensar em um homem como vítima de violência doméstica é um tabu, pois através do imaginário social o homem tem que manter a sua honra e seria vergonhoso para ele sofrer violência de uma mulher. Isto fica claro nos relatos dos participantes E11/H e P1/M-G4 de que “o homem não pede ajuda por vergonha” e não teria coragem de ir à delegacia falar que apanhou de uma mulher – “como que eu vou lá [na delegacia] assim falar que apanhei da minha mulher? Onde que vai a minha cara?” Esse tabu e a ideia de perda da honra do homem por ser a vítima, é fruto de uma violência social da relação de gênero e de uma visão androcêntrica.

A cultura androcêntrica fortemente presente no Brasil e no mundo todo, é a supervalorização do discurso masculino em detrimento do feminino ao longo dos séculos (SAFFIOTI, 2001). Ela produz e legitima as desigualdades de gênero, muitas vezes de uma maneira sutil e dispersa através de piadas, ditados populares e linguagem usual, e naturaliza e reforça, por exemplo, a menor inserção e participação política, cultural e social das mulheres e a divisão sexual e social do trabalho na sociedade, assim reforçando a hegemonia masculina contra a “fragilidade” feminina e a hierarquia entre os sexos (SCOTT, 1990). Por viverem nessa esfera androcêntrica, as mulheres também acabam reproduzindo o discurso e o preconceito (SAFFIOTI, 2001; SCOTT, 1990; BOURDIEU, 2007).

Dessa forma, a cultura androcêntrica legitima a violência social na relação de gênero, que estabelece papéis estereotipados, construídos socialmente para homens e mulheres. São impostos, de maneira velada ou não, características, valores e padrões generalizados e rígidos

para os diferentes sexos e gêneros, para que exerçam determinados esquemas psicológicos e de comportamentos. Diante de muitos exemplos recorrentes na sociedade, propagam-se as ideias de que mulher é sexo frágil, não sabe dirigir, é dividida entre mulher para casar e para curtir; homem é forte, não pode chorar, não pode usar rosa e lavar louça por ser “coisa de mulherzinha”.

Neste ínterim, percebe-se o quão é presente o fenômeno da misoginia em nossa sociedade que, sendo configurada como uma aversão e preconceito à mulher, é traduzido na expressão corriqueira que é “mulherzinha”, que inferioriza e subestima a mulher perante a sociedade. Assim, prática da misoginia torna-se evidente nos comerciais de cerveja e pornografia, nos quais as mulheres são tratadas como objetos sexuais, no elevado índice de feminicídio no Brasil, e em muitos outros exemplos que denotam bem o que é entendido por “ser homem” e os hipotéticos direitos que lhes são conferidos. Recentemente, a Lei 13.642/18 atribuiu à Polícia Federal a competência para investigar conteúdos misóginos, que propaguem o ódio ou a aversão às mulheres na internet (BRASIL, 2018).

Os homens também sofrem, mesmo que de modo distinto e em menor proporção ao da mulher, as consequências e privações impostas pela relação de gênero (LOW; MELO, 2012). Por exemplo, um adolescente homem que demonstrou preocupação em ter um corte de cabelo curto e assumir um perfil, para que não se tornasse vulnerável e estigmatizado socialmente (LOW; MELO, 2012). Um estudo realizado com adolescentes brasileiros reforça essa concepção e expõe a naturalização e a invisibilidade da violência contra os homens por esta não ser considerada por muitos como violência de gênero (CECCHETTO et al., 2016):

Contudo, a violência de gênero, estrito sentido, não deve ser confundida com a violência contra as mulheres [...]. Além de naturalizar atributos sexuais nos marcos estritamente heteronormativos, tal perspectiva não problematiza as hierarquias de poder, tratando-as como dadas e universais. Por isso as violências que atingem os homens não são entendidas como violência de gênero, o que pode contribuir para a naturalização da agressão entre casais.[...] Assim, episódios violentos, em suas diversas formas de manifestação, refletem vulnerabilidades diferenciadas por sexo. (CECCHETTO et al., 2016, p.860-861).

A violência de gênero em conjunto com o mito do amor ideal – que também é deturpado em termos de poder – viabilizam e propiciam as violências entre os parceiros íntimos, presentes tanto nas relações heterossexuais quanto nas homossexuais (SAFFIOTI, 2001; GÓMEZ, 2012; LOW; MELO, 2012). Estudos recentes explicitam que o mito do amor ideal é um dos principais motivos para a aceitação da violência e o mecanismo cultural mais dominante para a manutenção da sociedade patriarcal (GONDENBERG, 2010; GÓMEZ, 2012; BEZERRA et al., 2013; MATOS; CARIDADE, 2013; CECCHETTO et al., 2016).

O Paradigma da Complexidade vem contribuir e oferecer uma reflexão importante para a superação do amor romantizado, dos tabus e das crenças que favorecem a violência entre os parceiros e para as transformações nas relações íntimas entre os adolescentes. Para Morin (2002, 2005), toda organização, sistema e relação social contempla e produz, de forma concomitante, antagonismo e complementariedades, necessários para existência e equilíbrio destas. Para pensar a dialógica entre amor e violência, antes de tudo é necessário refletir sobre quais são, especificamente, as inter-relações mais estáveis dentro da relação, que comportam as forças que são antagônicas que propendem à violência (e que ao mesmo tempo são mantidas e neutralizadas), a fim de que, ao superá-las, haja equilíbrio das forças antagônicas e, concomitantemente, os equilíbrios organizacionais do relacionamento íntimo (DI CIOMMO, 2003; MORIN, 2005).

Ressalta-se que são as forças antagônicas que propendem a violência que devem ser superadas e não qualquer força antagônica, pois estas também são compostas por forças de refutação, exclusão e dissociação, que são mantidas pela organização das diferenças, as quais são fundamentais para a existência de qualquer sistema e relação humana (MORIN, 2002). Assim, perante as instabilidades, conflitos e atos violentos desenvolvidos nos relacionamentos de intimidade, as complementariedades existentes nessas relações não devem eliminar a diferenciação, mas organizar a segregação entre os antagonismos, pois são a indiferença e a homogeneidade responsáveis pelo enfraquecimento e distorção dos relacionamentos de qualquer sistema (DI CIOMMO, 2003; MORIN, 1987, 2005).

Assim, a organização de sistemas e relações humanas estabelecem relações complementares entre as partes divergentes/dísparas e entre as partes e o todo (MORIN, 1987). Para que isso ocorra, o Paradigma da Complexidade aponta que as forças de atração, diálogos, afinidades, ligações, comunicações precisam superar as forças de exclusão e dissociação (MORIN, 2002, 2005). Posto isto, as lógicas equivocadas do mito do amor ideal, das crenças, dos tabus e dos demais elementos viabilizadores da violência, precisam ser desconstruídos – daí a importância de forças antagônicas de dissociação, por exemplo, na manutenção da equalização ou ‘afinamento’/redução de ruído do relacionamento –, para que outras lógicas/elementos como diálogos, comunicações e pedagogia sejam propagados desde já e durante décadas, para que ocorra uma mudança na nossa cultura, e assim, uma transformação nas relações íntimas entre os adolescentes.

Conforme o Paradigma da Complexidade, em todo sistema e relação humana há conflitos (ruídos), sendo estes essenciais para seu equilíbrio e avença. Diante disso, ressalta-se que em todo relacionamento íntimo há conflitos, os quais são negociados a todo tempo pelos

parceiros, pois são mutáveis e dinâmicos. Quando em uma relação de intimidade há violência, esta não é culpa ou de responsabilidade dos conflitos; ela é uma estratégia utilizada por muitos sujeitos, adolescentes ou não, para a resolução de problemas na relação. O que o Paradigma faz é possibilitar alternativas para que outras estratégias e ferramentas surjam, sem serem permeadas por violências e baseadas em dominação/poder.

Destarte, faz-se necessário debater as relações de gênero e sexualidade nas esferas da educação, segurança e saúde, para repensar a tradicional educação sexual. Não raras vezes, somente na prática profissional de saúde se desenvolve uma educação reducionista em relação ao tema e ao público adolescente, informando apenas sobre infecções sexualmente transmissíveis, drogas, gravidez e planejamento familiar. Como muitos profissionais do campo da saúde e educação são despreparados e não sabem/conseguem fazer uma abordagem aproximada ao fenômeno, os julgamentos são elaborados e desqualificam o risco de consequências mais graves (ALMEIDA et al., 2012; APOSTÓLICO; EGRY, 2013). Além disso, torna-se relevante abarcar nos currículos da educação básica e dos cursos de graduação de saúde e educação a compreensão da relação da violência não somente às mulheres, mas também aos homens como vítimas e não autores, como um problema que foge do âmbito privado, bem como o entendimento da violência (social) de gênero. Diante disso, avançar em um currículo que olhe para a questão da violência na intimidade e na formação de profissionais sensíveis ou indiferentes ao fenômeno são essenciais para que ocorra uma educação sexual efetiva, com o intuito de promover relacionamentos saudáveis.

7.2. Princípio do recurso organizacional

No princípio de Recursão Organizacional foi possível compreender os adolescentes como produtos e produtores de seus processos interacionais e da sociedade em que vivem, para assim olhar a interconexão que dá características à violência no relacionamento íntimo. Ao refletir sobre o princípio do recurso organizacional constata-se que todas as relações sociais dos seres humanos, assim como as diferentes formas e configurações de relações de intimidade entre os adolescentes, são construídas e desconstruídas de acordo com o contexto sócio-histórico-político-econômico-cultural de cada época (MORIN, 2002). Isso quer dizer que (i) da mesma forma que as intersubjetividades do ser humano são influenciadas e construídas por valores, condutas, padrões, modelos de relações, mitos, ideais e práticas de vida, também são influenciadoras e construtoras destas; (ii) os estilos e modos de relacionamentos íntimos são desfeitos e produzidos ao mesmo tempo; e (iii) se desfazem e

produzem novas formas de relações como *crush*, “pegar”, “ficar”, namorar e casar (ROLNIK, 1994; LOW; MELO, 2012).

A livre propagação de crenças equivocadas e o sentimento de ciúmes entre os adolescentes do presente estudo – evidenciados no relato da participante P7/M-G1 de que deixou de fazer coisas que o namorado pedia para assim ter um relacionamento saudável, e traduzidos nos relatos dos participantes P1/M-G1, P9/M-G1 e P3/M-G4 como dois pólos opostos, o saudável/menor potencial e o obsessivo/maior potencial –, tanto viabilizam quanto propiciam aos adolescentes estabelecerem relacionamentos íntimos não saudáveis e prejudiciais, além de difundirem a falsa ideia do que pode vir a ser um relacionamento saudável. Assim, grande parte dos relacionamentos íntimos entre os adolescentes foram baseados nos sentimentos de impaciência/intolerância, ao invés das almejadas noções de confiança, autonomia e compreensão.

Os relacionamentos íntimos baseados nos princípios de ciúme e posse legitimaram a violência, justificaram ações irrefletidas e isentaram a responsabilidade do autor da violência. Além disso, muitas formas de violências se tornaram invisíveis e, frequentemente, tanto o autor quanto a vítima da violência não tiveram ciência da sua manifestação e do seu significado na relação ou, quando cientes, tornaram-na aceita e consentida. Nos depoimentos dos participantes P9/H-G3, P4/H-G3 e E13/H durante os grupos focais e entrevistas semiestruturadas, emergiram os vários significados dados à violência, como fenômeno normal e aceitável, algo que acontece comumente nas relações de intimidade entre os adolescentes. Esses achados convergem com relatos recentes da naturalização da violência nas relações dos jovens brasileiros, demonstrando que os/as adolescentes agredidos/as pelos parceiros/as acham normal ou indiferente e que dificilmente elaboram sentimentos acerca da agressão. As crenças de que esta violência é algo normal e aceitável pela sociedade ou quando esta se manifesta velada, caracterizam-se como proteladora do fenômeno entre os adolescentes (MINAYO; ASSIS; NIJAINÉ, 2011; BESERRA et al., 2015; CECCHETTO et al., 2016).

Neste contexto, percebe-se a existência do paradoxo da atualidade, característico da contemporaneidade, nas relações de intimidade desses adolescentes em que há a busca pelo prazer, a ética hedonista, a individualidade, as redes de relações efêmeras, em que pessoas e objetos são facilmente descartáveis (BAUMAN, 2011). As intersubjetividades dos adolescentes são dirigidas para uma noção de si, dos outros, do mundo enquadrada na lógica do imediatismo e, assim, se veem frente a modelos de relações baseados em valores de consumo que tornam os indivíduos consumíveis e substituíveis (BAUMAN, 2011; ALMEIDA; CALDAS, 2012).

Os adolescentes, mesmo ao se depararem com essas dissoluções e quererem sentir e possuir uma autonomia e liberdade em seus relacionamentos íntimos, simultaneamente, reproduzem condutas frente a situações de violência baseadas em referências tradicionais, fazendo com que elementos patriarcais se façam tão presentes como os de 40, 50, 60 anos. Esta modernidade líquida, tão enfatizada por Bauman (2011), exhibe os sentimentos vigentes de indiferença, aceitação e naturalização dos adolescentes perante as situações de violência nas suas relações de intimidade, fazendo menção à ideia dos participantes E7/M, E6/M e P1/M-G4 de que “se ele me bater hoje não importa, vai passar” e colaborando para a banalização do fenômeno.

As redes de relações efêmeras e os amores líquidos (BAUMAN, 2011) são configurados na contemporaneidade pelos diferentes tipos de relações íntimas entre os adolescentes – que são, ao mesmo tempo, produzidos e produtores de outros – identificados e nomeados em *crush*, “pegar”, “ficar” e namorar. Os três primeiros tipos de relações traduzem o anseio e o desejo dos adolescentes de possuir relações livres e autônomas, despreocupados com as opiniões alheias e as regras da sociedade; entretanto, não são protegidos de vivenciarem situações de violência nelas.

A violência psicológica se fez presente tanto no relacionamento íntimo mais duradouro quanto nas relações mais fugazes, características do *crush* ou o “pegar”, quando o autor da violência foi o/a companheiro/a, conforme evidenciado nos relatos das participantes P5/M-G3 e P7/M-G4. Essas expressões se caracterizam por meio da coibição, da intimidação, das ofensas em público ou ainda, pela chantagem emocional, sendo esta última manifestada, principalmente, como ameaça de rompimento da relação (OLIVEIRA et al., 2014; CECCHETTO et al., 2016; FILIPA, 2016). Verifica-se assim, a existência da violência logo no início da construção do relacionamento, o que pode acarretar a sua naturalização ou passividade, e até mesmo a ocorrência desta de modo abrangente e contínuo ao longo do tempo (McDONELL; OTT; MITCHELL, 2010; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BESERRA et al., 2016).

Contemplando esses paradoxos da contemporaneidade presentes tanto nas formas de relacionamentos quanto nas intersubjetividades e ideais dos adolescentes, o Paradigma da Complexidade propõe um recurso às ideias, práticas de vida, valores, noções e conceitos sociais e culturais que sofreram um esvaziamento de seus conteúdos pela modernidade (líquida) por meio do método e forma de pensar do Pensamento Complexo, que conduz a ressignificação e produz/origina novos significados a todos esses elementos (MORIN, 1987, 2002, 2005).

Ao procurar elaborar novos significados e romper com reducionismos, o princípio do recurso organizacional revela que ações e vivências violentas nos relacionamentos são produtos e produtores de outras experiências e condutas. Este aspecto torna-se claro na bidirecionalidade, evidenciada em diversos estudos nacionais e internacionais, em que ambos os sexos, mutuamente se agrediam e eram agredidos (FLAKE et al., 2013; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2014; DARDIS et al., 2014; OLIVEIRA et al., 2014; TANAKA; WEKERLE, 2014; BESERRA et al., 2015; LINDNER, 2015; ALLY et al., 2016; CECCHETTO et al., 2016; FILIPA, 2016; MADRUGA et al., 2017; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018).

A análise de estudos recentes revela que homens e mulheres adolescentes possuem a mesma probabilidade de serem vítimas e autores de violência nas relações de intimidade, e constata padrões de violência dentro da bidirecionalidade:

- i) Adolescentes do sexo feminino e masculino perpetuando violência verbal na mesma proporção (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2014; CECCHETTO et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2016; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018).
- ii) Adolescentes do sexo feminino e masculino perpetuando e sofrendo violência psicológica e emocional, como ameaças de término de namoro, causar mágoas propositas e tentar assustar o outro, na mesma proporção (FILIPA, 2016; OLIVEIRA et al., 2014; TANAKA; WEKERLE, 2014).
- iii) Adolescentes do sexo masculino perpetrando violência psicológica e verbal como, falar em tom agressivo, fazer e dizer coisas para deixar a parceira furiosa, insultar e humilhar a parceira, em maior proporção que as adolescentes mulheres (LINDNER, 2015; FILIPA, 2016; OLIVEIRA et al., 2016)
- iv) Adolescentes do sexo feminino e masculino praticando e sofrendo violência psicológica como controlar com quem o/a parceiro/a conversa e onde vai, e provocar ciúmes, na mesma proporção (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2014; TANAKA; WEKERLE, 2014; BESERRA et al., 2015; ALLY et al., 2016; FILIPA, 2016).
- v) Adolescentes do sexo feminino e masculino perpetrando e sofrendo violência patrimonial, destruindo objetos ou qualquer forma de bens do outro, podendo ter valor sentimental ou não, na mesma proporção (OLIVEIRA et al., 2014; FILIPA, 2016; MADRUGA et al., 2017).

- vi) Adolescentes do sexo feminino e masculino praticando e sofrendo violência física de nível moderado, como atirar objetos no parceiro, fazer chacoalhões, beliscões, arranhões e apertos que deixam marcas, na mesma proporção (TANAKA; WEKERLE, 2014; BESERRA et al., 2015; LINDNER, 2015; FILIPA, 2016).
- vii) Adolescentes do sexo masculino exercendo violência física severa, como chutes, socos, quebrar algum membro do corpo, em maior proporção que as adolescentes do sexo feminino (OLIVEIRA et al., 2014; BESERRA et al., 2015; LINDNER, 2015; OLIVEIRA et al., 2016; MADRUGA et al., 2017).

Os resultados do presente estudo permitiram inferir que os adolescentes que vivenciaram a violência bidirecional em suas relações de intimidade tenderam a sofrer mais, corroborando relatos da literatura (OKUDA et al., 2015; FILIPA, 2016). Os adolescentes que admitiram sofrer e atuar com violência, ou seja, de forma bidirecional, em seus relacionamentos íntimos, também indicaram possíveis padrões das agressões, entre eles:

- i) Houve maior proporção de violência física leve ou moderada, configuradas nos tapas, beliscões e arranhões por parte das mulheres, confirmando estudos de Oliveira et al. (2014), Beserra et al. (2015) e Cecchetto et al. (2016).
- ii) A proporção de violência psicológica foi semelhante em ambos os sexos, manifestada como coibir e afastar os parceiros das amizades do sexo oposto, tentar controlar com quem o parceiro conversa e o local que frequenta, corroborando os estudos de Barreira, Lima e Avanci (2013), Barreira et al. (2014), Tanaka e Wekerle (2014), Beserra et al. (2015), Ally et al. (2016), Cecchetto et al. (2016) e Filipa (2016).
- iii) Houve maior proporção de violência psicológica como ciúme excessivo e possessivo, coibir e afastar a parceira de sua família e amigos, controlar as atividades de lazer e as roupas, por parte dos homens, confirmando os estudos de Barreira, Lima e Avanci (2013), Barreira et al. (2014), e Oliveira et al. (2016).
- iv) Houve maior proporção de violência psicológica e emocional severa como chantagem emocional, ameaças de morte ou de rompimento da relação por parte dos homens, em consonância com os relatos de Oliveira et al. (2014), Lindner (2015), Cecchetto et al. (2016), e Oliveira et al. (2016).

Ao averiguar a simetria da violência dentro das relações entre parceiros íntimos, Ally et al. (2016) fazem críticas aos instrumentos e escalas utilizados nas análises qualitativas e

expõem que o Instrumento Violência contra as Mulheres da OMS (VAWI) é a única ferramenta validada no português brasileiro. Entretanto, este instrumento foi desenvolvido apenas para avaliar a violência contra as mulheres, e ainda não existe um instrumento que avalie especificamente a violência contra os homens. O presente estudo demonstrou que as mulheres apresentaram maiores índices não só como autoras da violência, mas também daquelas que declararam vivenciar violência bidirecional em suas relações, em comparação aos homens.

Os adolescentes do sexo masculino, enquanto autores da violência, possuem características de personalidade antissociais, executando-a com o propósito de intimidação e autoridade, e apresentam maiores índices de aspectos vinculados a um baixo nível educacional e econômico e maior duração de tempo de namoro. Já a autoria de violência por parte dos adolescentes do sexo feminino está intensamente associada a sintomas de depressão por elas vividos, sentimentos de raiva, hostilidade frente à traição e à violência perpetrada pelo parceiro; portanto, suas atitudes violentas frequentemente são decorrentes de autodefesa (ZALESKI et al., 2010; MATOS, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; DARDIS et al., 2014; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018).

Diante disso, encontra-se um relevante número de mulheres que afirmam revidar a violência quando sofrida, o que possibilita explicar os elevados índices de violência de autoria feminina (DARDIS et al., 2014; FANSLOW et al., 2015; OKUDA et al., 2015). As limitações metodológicas encontradas no instrumento CTS, que é o mais usado nesses estudos, também ajudam a explicar o elevado número de mulheres autoras de violência relatado recentemente. O CTS não abarca a magnitude de todos os tipos possíveis de violência ocorridos entre parceiros nos relacionamentos de intimidade e ressalta principalmente os eventos mais graves (CASIMIRO, 2008; MATOS, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; DARDIS et al., 2014; FANSLOW et al., 2015; ALLY et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2016).

Outro motivo seria que os estudos que apontam as mulheres como as principais autoras do fenômeno não contextualizam a situação em que ocorreu a violência, se foi uma ação intencional de dominação, reação a algum acontecimento, uma maneira de revidar a violência sofrida anteriormente, o sentimento de justiça ou vingança, ou autodefesa. Ou seja, a não contextualização da violência impede o conhecimento de elementos importantes para uma situação de violência, por exemplo se houve empoderamento das autoras em relação às potencialidades femininas e, perante isso, um recorte de classe social e racial. Assim, a ocultação de elementos resulta em limitações e omissões de dados em determinados estudos. No presente trabalho, a contextualização da situação e da vivência dos parceiros íntimos, e a

análise das taxas de mulheres que foram autoras de violência não motivada por resposta ou autodefesa, sugere que este índice seja bem menor.

Nesta conjuntura, estudos apontam que, quanto mais grave é a violência, independentemente do tipo que for, mais os adolescentes do sexo masculino prevalecem como autores das agressões, enquanto que as adolescentes do sexo feminino são mais vulneráveis e tendem a sofrer ferimentos mais graves (ZALESKI et al., 2010; ALLY et al., 2016; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018). Mesmo que haja um elevado percentual de violência bidirecional dentro de um relacionamento de intimidade entre os adolescentes, os malefícios e prejuízos consequentes da violência são maiores, mais graves, e de maior duração para as mulheres do que para os homens, seja esta física, emocional, verbal, psicológica ou patrimonial (CARIDADE; MACHADO, 2013; DARDIS et al., 2014; MACHADO; MARTINS; CARIDADE, 2014; ANACONA, 2015; FANSLOW et al., 2015; OKUDA et al., 2015; BESERRA et al., 2016; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018).

Neste estudo, os adolescentes participantes que vivenciaram/experimentaram a violência em seus relacionamentos íntimos mostraram sentimento de negação do impacto psicológico e emocional na subjetividades deles, corroborando outro estudo realizado com adolescentes brasileiros (CECCHETTO et al., 2016). Acredita-se que os adolescentes tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino desconhecem as consequências psicológicas e emocionais do impacto da violência em suas formações subjetivas, e que necessitam de apoio e atenção especializados (INQUE; RISTUM, 2008; CECCHETTO et al., 2016).

Sabe-se que os danos e malefícios causados pela violência bidirecional nos relacionamentos de intimidade dos adolescentes podem se manifestar à curto e à longo prazo, perdurar, e configurar em prejuízo no desenvolvimento social, físico e psicológico, gerando sintomas depressivos e aumentando a probabilidade de consumo excessivo de álcool, tanto nas mulheres quanto nos homens (ALLY et al., 2016; FERREIRA et al., 2014; FILIPA, 2016). No Brasil, na bidirecionalidade do fenômeno, o consumo de drogas ilícitas é mais significativo para os homens, enquanto que o uso de medicamentos sedativos é altamente relacionado às mulheres (ALLY et al., 2016).

Considerando-se que para o Paradigma da Complexidade são os próprios indivíduos que produzem a sociedade que os produz (MORIN, 2007), realizar uma investigação sobre a bidirecionalidade da violência dentro do relacionamento íntimo entre os adolescentes é algo fundamental para a compreensão do fenômeno em toda a sua complexidade. O uso do recurso organizacional visou romper com o reducionismo, com relações lineares, de causa e efeito, e

com o círculo vicioso contemplado pela visão cartesiana e positivista. Segundo Edgar Morin (1999, 2007):

A sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz. Se não houvesse a sociedade e sua cultura, uma linguagem, um saber adquirido, não seríamos indivíduos humanos. Ou seja, os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos (MORIN, 2007, p.74).

[...] só podemos começar a reforma do pensamento na escola primária e em pequenas classes. Não quero dizer que na Universidade já seja muito tarde, que tudo seja perdido, não seria tão desrespeitoso. Diria, porém, que é esse nível que devemos nos beneficiar da maneira natural e espontaneamente complexa do espírito da criança, para desenvolver o sentido das relações entre os problemas e os dados. Sempre nos deparamos com este problema de fundo, o fato de que a reforma do pensamento só pode ser realizada por meio de uma reforma da educação. Só que sempre retornamos a aporia bem conhecida: é preciso reformas as instituições, mas se as reformamos sem reformar os espíritos, a reforma não serve para nada, como tantas vezes ocorreu nas reformas do ensino de tempos passados. Como reformar os espíritos se não reformamos as instituições? Círculo vicioso. Mas se tivermos o sentido da espiral, em dado momento começaremos um processo e o círculo vicioso se tornará em círculo virtuoso. O problema no segundo paradoxo colocado por Marx a respeito da educação: quem educará os educadores? É preciso que eles se eduquem a si mesmos. Era o que eu desejava dizer nesta introdução a reforma do pensamento (MORIN, 1999, p.34).

Nesse sentido, torna-se necessário substituir o círculo vicioso pelo virtuoso, que constitui “uma espiral em que o regresso ao começo é precisamente aquilo que afasta do começo” (MORIN, 1997, p. 25). Dentro das relações humanas, que se produzem e são produzidas, há numerosos *feedbacks*, que são mecanismos que possuem dois modos: estabilizador ou inflacionista; o modo negativo reduz desvios e estabiliza sistemas, e a forma positiva é amplificadora (MORIN, 2010). Independente de qual seja a configuração dos *feedbacks*, “são numerosas nos fenômenos econômicos, sociais, políticos ou psicológicos” (MORIN, 2000, p. 16).

Em um cenário em que ocorre o ápice de um conflito dentro de um relacionamento íntimo entre adolescentes, uma ação violenta pode suceder; assim, o/a autor/a desta excita uma reação violenta, que desencadeia outra reação ainda mais violenta. Por exemplo, quando um indivíduo quer controlar o lugar que o seu parceiro frequenta, acaba por provocar, dentro dele mesmo, uma tensão indesejável, que poderá se espalhar pela relação como um todo e provocar conflitos (permeados por violência ou não), em maior número e intensidade. Por isso, faz-se necessário exercitar no dia-a-dia, dentro das relações íntimas, *feedbacks* positivos

e negativos, para que ocorra um movimento equalizador que será alimentado sempre por novas ações (MORIN, 2010).

Um paradigma é tido como o organizador do sistema de ideias, pois “[...] os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles” (MORIN, 1992, p. 188) e “o paradigma que produz uma cultura é ao mesmo tempo o paradigma que reproduz essa cultura” (MORIN, 2000, p. 67). No presente estudo, a importância desse novo Paradigma, por meio do Pensamento Complexo e do princípio do recurso organizacional, é justamente demonstrar que atos e condutas de violência dentro das relações íntimas entre os adolescentes são reflexos e resultados das interações entre eles e deles com a sociedade em que estão inseridos, ao mesmo passo que também são os responsáveis e protagonistas ao gerarem comportamentos e pensamentos violentos. Ao serem, simultaneamente, resultados e geradores de condutas e ideais, a forma como eles lidam e agem frente às instabilidades, aos conflitos, às violências sofridas dentro da relação de intimidade, seja fomentando novas práticas violentas ou novos ideais e novas formas de interações entre eles e a sociedade, é um marco que torna cada adolescente, nesta fase da vida, indivíduos tão universais e ao mesmo tempo, diversos e singulares.

A proposta do Paradigma da Complexidade é justamente proporcionar e fomentar novos significados, para que os adolescentes consigam elaborar novas ideias, conceitos, noções e assim, engendrar novos modos de resolverem os conflitos de violência, sem serem autores da violência e sem responderem à situação da mesma forma, mas com estratégias que possibilitem novos diálogos, novas estratégias de comunicação, e a erradicação das ações violentas. De modo referenciado na atuação de profissionais da saúde, educação, segurança urbana e proteção social, e dos próprios adolescentes busca-se, multiprofissionalmente e com referência social, desenvolver um conjunto de interações que, no interior dos relacionamentos dos adolescentes entre si e destes com a sociedade, apontem novas possibilidades.

7.3. Princípio hologramático

Rompendo com a ideia cartesiana e positivista de que a verdade se encontra na clareza e na distinção de ideias, Edgar Morin expõe que “obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento” (MORIN, 2001, p.15) e acrescenta “[...] não poder haver uma verdade impossível de ser expressa de modo claro e

nítido. Hoje em dia, vemos que as verdades aparecem nas ambiguidades e numa aparente confusão” (MORIN, 2002, p.183).

Ao investigar o fenômeno da violência na intimidade entre os adolescentes, e pela ótica deles, o Paradigma da Complexidade propõe encontrar um meio, método e estratégia que detecte as implicações, articulações e interdependências, pois tudo o que é humano é multidimensional: psíquico, histórico, econômico, demográfico e sociológico (MORIN, 2002). Sendo assim, não se pode ocultar as solidariedades e separar os elementos existentes nem escolher apenas uma dimensão do fenômeno, para não afastar/ocultar a complexidade do real (MORIN, 2005, 2007). Somente assim constituir-se-á uma visão poliocular do fenômeno estudado.

O Pensamento Complexo convida a considerar as realidades dos adolescentes e da sociedade na qual estão inseridos como repletas de antagonismos, dialéticas, singularidades e diversidades de forma contextualizada. Esse é o modo de olhar hologramático pois, assim como a forma recursiva organizacional, requer considerar os relacionamentos íntimos dos adolescentes como construções sociais, que são concebidas e desenvolvidas em uma sociedade traçada e regulada, de forma dominante, pelo capitalismo, racismo, classicismo, misoginia, patriarcalismo e heteronormativismo.

O princípio hologramático proporciona uma perspectiva ampliada dos fenômenos, logo, a violência nas relações de intimidade entre os adolescentes deve ser apreendida e compreendida em suas distintas dimensões, antagônicas e complementares. Esse princípio possibilita analisar a violência em sua totalidade, mas a desmembrada em dimensões distintas, sem perder suas especificidades e conectividades (MORIN, 2002, 2007). Portanto, neste estudo, apesar do alto índice de violência física relatada entre os adolescentes, as agressões verbais e psicológicas foram mais frequentes e muitas delas ocorreram concomitantemente.

A literatura aponta que, ao iniciar um relacionamento íntimo, os adolescentes manifestam condutas e refletem expectativas moldadas na infância, as quais podem orientar escolhas e estabelecer padrões nas relações interpessoais (FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ et al., 2012; WEKERLE, GOLDSTEIN, 2012; CECCHETTO et al., 2016; FILIPA, 2016). A perpetuação desses cenários de violência praticadas entre parceiros íntimos, sejam domésticos ou em ambientes de sociabilidade, têm resultado em prejuízos psicossomáticos, maior exposição à violência, e maior risco de ser autor e/ou vítima de violência que, associada às vulnerabilidades sociais, tendem a se prolongar durante o curso da vida (FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ et al., 2012; WEKERLE; GOLDSTEIN, 2012; FONSEKA et al., 2015).

Muitos estudos nacionais e internacionais, em diferentes contextos, têm buscado analisar as associações entre violência parental presencial durante a infância e o envolvimento de adolescentes e adultos como vítimas ou autores da violência por parceiro em uma relação íntima (FONSEKA et al., 2015; ALLY et al., 2016; ISLAM et al., 2017; MADRUGA et al., 2017). Dois estudos relatam que os homens que afirmaram ter presenciado a violência exercida pelo pai contra a mãe estavam mais propensos a perpetrar a violência em seus relacionamentos íntimos contra as parceiras, principalmente a agressão física, sugerindo a transmissão intergeracional da violência entre parceiros, além de usarem a violência interpaparental como justificativa para a prática de violência em seu relacionamento (FONSEKA et al., 2015; ISLAM et al., 2017). Outros estudos apontam que, comparado aos adolescentes que não testemunharam o fenômeno, os adolescentes que presenciaram violência intrafamiliar tendem a aprovar a violência e a entendê-la como um fenômeno aceitável, por associá-la aos comportamentos e atitudes de seus pais; além disso, presumem que a violência melhorará sua reputação e a utilizam como justificativa para condutas violentas (EDLESON, 1999; ROBERTS et al., 2010; WHITFIELD et al., 2013; ISLAM et al., 2017; MADRUGA et al., 2017).

Estudos semelhantes atestam uma forte ligação entre sofrer algum abuso/agressão na infância e a perpetração e/ou vitimização da violência no relacionamento íntimo durante a vida adulta (ABRAMSKY et al., 2011; FONSEKA et al., 2015). Notadamente, os homens propendem a reproduzir a violência que experimentaram quando crianças contra seus parceiros, principalmente as violências físicas e sexuais (FONSEKA et al., 2015). Testemunhar a violência interpaparental propicia não só a perpetração da violência, mas também o uso de álcool e drogas psicoativas (ALLY et al., 2016; ISLAM et al., 2017). O consumo destes representa um importante fator de vulnerabilidade à violência no Brasil (ALLY et al., 2016).

De 2006 a 2012, o uso de drogas ilícitas aumentou em até 4,5 vezes a probabilidade de ser um perpetrador; quase 45% dos participantes que exerceram violência dentro de uma relação íntima consumiam álcool compulsivamente (ALLY et al., 2016). A primeira e a segunda Pesquisa Brasileira sobre Álcool e Drogas, realizadas respectivamente em 2006 e 2012, confirmaram a associação entre violência na relação de intimidade e consumo de álcool e outras substâncias ilícitas, sendo estes grandes fatores preditores de perpetração contra parceiro íntimo, tanto para o sexo feminino quanto para o masculino (ALLY et al., 2016). As declarações dos participantes P4/H-G1 e P2/M-G3 corroboram essas constatações, por exemplo *“Se tá violento é por causa da bebida e brigas dentro de casa. Igual foi com meu*

primo”, além de retratarem suas perspectivas a respeito da violência intrafamiliar e com os parceiros íntimos de maneira linear, através de exemplos ocorridos com tias, primas, padrastos e mães. No entanto, é necessário ressaltar que não há consenso entre os diversos campos do saber, como psicanalistas, comportamentais, ambientalistas ou outra vertente quanto à influência de um fenômeno sobre o outro, havendo grande risco de propagação de uma análise estigmatizante sobre as vítimas ou os autores de violência (EDLESON, 1999; MÉNDEZ; HERNÁNDEZ, 2001; CARIDADE; MACHADO, 2006; MATOS et al., 2006; ABRAMSKY et al., 2011; WHITFIELD et al., 2013).

Tendo em vista a força do senso comum a respeito do fenômeno da violência e sua faceta intergeracional, assim como as manifestações maniqueístas e estratégias reducionistas e simplistas sobre a solução do problema, torna-se necessária a superação dialética que, por meio do Paradigma da Complexidade, permite a edificação de uma análise poliocular do fenômeno. Contudo, as análises do tema a partir desse Paradigma ainda são escassas. Por exemplo, ainda não foram suficientemente pesquisadas (i) as violências experienciadas por meninas na infância quando estas assumem relacionamentos de intimidade na juventude, podendo ocasionar a reprodução da violência de outrora; (ii) como as mulheres adolescentes interpretam a violência intrafamiliar por ela assistida; ou (iii) quais os padrões comportamentais das mulheres autoras de violência. Essas lacunas ocultam facetas importantes das situações violentas, em seus diferentes modos de se manifestar, e refletem riscos e vulnerabilidades diferenciados entre os homens e as mulheres (CECCHETTO et al., 2016). Nessa direção, os resultados do presente estudo suscitam e reforçam a importância de investigações contínuas sobre a violência nos relacionamentos de intimidade entre adolescentes em sua complexidade. Para além do olhar reducionista, cuja intervenção disciplinar almeja a mudança de comportamentos pautada na adequação funcionalista das relações de intimidade, há que se compreender que violência é essa, a partir do prisma dos/das adolescentes, a fim de cobrir as inúmeras lacunas científicas sobre o fenômeno.

As dimensões e padrões das violências verbais e psicológicas foram as mais frequentes entre os participantes, manifestadas tanto na posição de autores quanto na de vítimas. As violências que se configuraram como emocionais e psicológicas foram as principais fontes que levaram os adolescentes a protelar uma possível ruptura do relacionamento íntimo, por se sentirem presos/as e incapazes sem o/a autor/a da violência. É importante ressaltar que a violência emocional não se caracteriza apenas pela ameaça de morte; num sentido mais amplo, concerne ao/a parceiro/a que diminui a autoestima do outro, humilha e desvaloriza continuamente, reverte a situação e joga a culpa sempre no outro, fazendo-o/a se sentir

culpado/a. As violências emocionais e psicológicas também aludem ao conceito de *Gaslighting*, que é o ato de distorcer e manipular informações e situações com a intenção de fazer o/a parceiro/a duvidar de sua própria memória ou pensamentos e sanidade, ou ainda correntemente o/a acusar ou fazê-lo/a sentir estar louco/a (ABRAMSON, 2014; BILLAND; PAIVA, 2017).

Os resultados do presente estudo reforçam relatos da literatura sobre a existência de violência verbal e psicológica manifestadas por xingamentos, demonstração de ciúmes, o desejo de controle do parceiro, traição e fofoca (OLIVEIRA et al., 2014; CECCHETTO et al., 2016), além de revelarem as conexões entre as diferentes dimensões de violência, de ordem física, verbal, psicológica, financeira e *cyberviolência* (redes sociais), que atuaram concomitantemente, segundo os relatos dos adolescentes.

A violência psicológica abarca diferentes elementos e condutas, principalmente a respeito do ato de controle, quando um parceiro deseja que o outro evite encontrar amigos; restrinja o contato com a família de origem; a ignora ou a trata de maneira diferente; não gosta que o outro converse com pessoas do sexo oposto; deseja saber os locais onde o outro frequenta o dia todo; e, suspeita frequentemente de traição (KRUG et al., 2002). Os adolescentes utilizam diferentes estratégias com seus parceiros, tanto na posição de vítimas quanto de autores da violência, as quais manifestam principalmente o desejo de posse e controle sobre o outro, advindo de ambos os parceiros (FILIPA, 2016). As estratégias mais comuns relatadas por Filipa (2006) são:

- i) Ameaçar terminar o namoro (64,1% eram autores e 34,7% eram vítimas).
- ii) Falar num tom agressivo (50% a executavam e 48,8% a sofriam).
- iii) Controlar com quem está o parceiro (49,4% a praticavam e 53,5% eram vítimas).
- iv) Dizer coisas para deixar o parceiro furioso (45,3% a perpetravam e 56,5% a sofriam).
- v) Provocar ciúmes (65,3% eram autores e 71,8% a sofriam).
- vi) Insultar com coisas humilhantes (26,5% a executavam e 24,7% eram vítimas).

Os relatos dos/as adolescentes P8/H-G2, P6/H-G3, P9/M-G3), E2/H, P3/H-G4, P7/H-G3 e P7/H-G4 corroboram dados da literatura (FILIPA, 2016; COELHO; SILVA; LINDNER, 2018) sobre as ações mais praticadas dentro da violência psicológica entre os adolescentes, as quais são abarcadas nas condutas controladoras: isolamento social da família e amigos; controle dos movimentos e atividades do outro; sentimento de ciúme quando o outro conversa com pessoas; limitação e monitoramento do uso de aparelho celular. As duas principais

configurações inseridas na violência psicológica entre os adolescentes do presente estudo foram:

- i) *O isolamento social da família e amigos*, atitude que se justificou, principalmente, pela falta de confiança nos integrantes da família e de outros círculos sociais do/a parceiro/a.
- ii) *O uso do controle em si*, ao tentar monitorar ou dominar os lugares que o/a parceiro/a frequentava e o que fazia; ao insistir no acesso das redes sociais digitais do outro a fim de o/a monitorar, sendo tais atitudes também justificadas, mais pela falta de confiança nas outras pessoas do que nos/as próprios/as parceiros/as, principalmente pelos homens.

Os resultados evidenciaram que essas estratégias foram utilizadas e sofridas pelos participantes, de ambos os sexos, e foram as mais encontradas na violência bidirecional. Dessa forma, o sentimento de insegurança no que concerne ao relacionamento e à postura do companheiro frente às mobilidades, incertezas, instabilidades, incontabilidades de acontecimentos da vida fomentava os comportamentos de controle como estratégias utilizadas pelos adolescentes em seus relacionamentos íntimos.

O tempo de duração do relacionamento íntimo foi revelado como elemento motivador para a violência, demonstrando que quanto maior a permanência da relação, maior a probabilidade de ocorrer a violência. Essa constatação confirma os resultados de estudos recentes (ZALESKI et al., 2010; AVANCI, 2013; DARDIS et al., 2014; BESERRA et al., 2016). Na presente pesquisa, a demonstração da perda da calma e da paciência aliada à fadiga gerada com as insistências de monitoramento das redes sociais digitais praticada pelos/as parceiros/as foram as principais justificativas para as violências físicas e psicológicas que emergiram ao longo do relacionamento, ou seja, ao longo do tempo.

Além do fator tempo de relacionamento, que potencializou a necessidade de controle, os adolescentes citaram o uso de álcool e drogas como intensificadores da violência entre os pais que, na compreensão dos mesmos, fora um aspecto justificador para a violência intergeracional. Pelo olhar hologramático, o fator tempo está articulado com diferentes elementos que, dependendo do nível da conectividade e interação entre eles, pode viabilizar e propiciar a violência entre os adolescentes, conforme ilustrado na Figura 7.

Figura 7. Interconexões dos elementos que potencializam e caracterizam a violência psicológica entre adolescentes com relacionamento íntimo, segundo o princípio hologramático. Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2018.

Os relatos dos adolescentes e suas interconexões por meio do princípio hologramático demonstraram que as tecnologias digitais, principalmente o *smartphone* e redes sociais virtuais, como *Facebook*® e o *WhatsApp*®, se converteram, paradoxalmente, em fatores de exposição às violências que se concretizaram pela insistência em obter a senha de acesso aos aparelhos e às redes, como forma de conseguir o controle sobre o/a parceiro/a. Para os adolescentes, o fundamento dessa crença residiu na desconfiança. Assim, a preocupação com o que o/a parceiro/a faz nas redes sociais digitais se tornou tão forte entre os adolescentes que pode se tornar obsessiva, pois pode provocar alterações de humor; ao mesmo tempo é decorrente da comunicação e da interação livre de espaço físico e de barreiras geográficas, viabilizada pelas novas tecnologias de informação e comunicação digital (NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2017).

Nesse cenário, o “[...] afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração [...], em que as relações sociais são mediadas digitalmente” (MISKOLCI, 2014, p. 273). Logo, a hiperconexão entre pessoas, mediada pelas tecnologias de informação e comunicação, revela não apenas a ausência de fronteiras físicas para as relações sociais, mas expõe, ao mesmo tempo, a fluidez dos vínculos que sustentam essas mesmas relações pois, de qualquer lugar, interesses, afinidades, paqueras e preferências são demonstrados (curtidos) com alguns cliques; e assim como foram feitos, poderão ser desfeitos com outros cliques. Essa realidade

tangente se manifesta como um pesadelo para aquele/a que quer, de alguma forma, controlar as atividades e conversas do/a parceiro/a em tempos de relações fluídas, pouco significativas e superficiais (BAUMAN, 2011; FONTANA, 2015; NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2017). Essa modernidade traz consigo a fragilidade dos laços humanos e dos amores líquidos, que atinge a capacidade de tratarmos uns aos outros com humanidade, pois os níveis de insegurança estão cada vez maiores, com prioridades em relações que são tecidas e desmanchadas com facilidade, dificultando a manutenção de laços duradouros; assim, tanto as relações amorosas quanto as familiares são afetadas (BAUMAN, 2011).

Com o advento das redes sociais e mídias digitais, uma nova forma de relacionamento conhecida como *crush* se engendrou. Este termo começou a ser utilizado nos aplicativos digitais e redes sociais como *Facebook*®, *Twitter*®, *Instagram*® e *WhatsApp*® para designar a pessoa que se paquera, tem uma “queda”, uma paixão, romance. A análise dos relatos dos participantes E2/H e E14/M, por exemplo “*Sim, já me pediram uma prova de amor: a senha do Facebook, WhatsApp [...]*”, evidenciou que a ideia de “prova de amor” também sofreu transformações, sendo novas formas engendradas e atualizadas, conforme o contexto social digital dos adolescentes.

Contudo, outras formas de violência nas relações de intimidade emergiram neste contexto de ambientes virtuais, como a *cyberviolência*³, demonstrada pelo recebimento e envio de vídeos e fotos sexuais sem o consentimento do/a parceiro/a. O temor das consequências da divulgação/propagação de fotos e vídeos sexuais foi utilizado por muitos adolescentes como forma de chantagem e ameaça para que o/a parceiro/a não rompesse a relação. Para mais, o relato do participante P5/H-G1 “*Mandar foto pelada pra qualquer coisa. Isso já é falta de vergonha na cara, a mulher manda porque quer, não tem essa de chantagem*” ressalta que, mesmo na esfera digital/virtual, a mulher não escapa de estar associada a uma visão estereotipada e de senso comum que a responsabiliza/culpabiliza pela violência sofrida; tal estereótipo retira a responsabilidade do homem como o autor e reforça crenças de que a mulher tem ‘gosto’ pela violência (CECCHETTO et al., 2016).

O presente estudo revelou a existência de interações entre elementos que circundam a esfera virtual e o fenômeno estudado. A violência se apresentou por meio da insistência do/a parceiro/a em querer os acessos ao celular e às redes sociais digitais do outro e a persistência

³ Um dos fatos recentes que ganhou repercussão no Brasil no final de 2017 foi o caso da adolescente Karina S.O. de 15 anos, frequentadora do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública no município de Nova Andradina (MS), que cometeu suicídio ao ter suas imagens íntimas divulgadas pelo namorado. O namoro com duração de um pouco mais de um ano havia terminado um mês antes do ocorrido e iniciado as ameaças e chantagens ao publicar as fotos íntimas (JORNAL O GLOBO, novembro, 2017).

para obter a senha de acesso aos mesmos, conforme relatado nos relatos dos participantes P8/M-G4, P3/M-G1 e P7/M-G3. Esse quadro frequentemente resultou em manipulação, no controle sobre o outro, e na ausência da privacidade de uma das partes, constituindo uma nova modalidade para atingir o equilíbrio emocional do/a parceiro/a íntimo/a. Ademais, as explicações dos adolescentes evidenciaram o não entendimento desse fenômeno como uma forma de violência.

Os adolescentes participantes deste estudo são considerados *Geração App* e/ou *nativos digitais*, por estarem imersos em um mundo digital/virtual constantemente; por isso, desenvolveriam outras estratégias para lidar com os conflitos nas relações (PRENSKY, 2000; GARDNER; DAVIS, 2014). Esse estilo de vida permeado pelo consumo de tecnologias digitais/virtuais condiciona os jovens e adolescentes a desvios das redes cognitivo-afetivas configuradas pela rápida adaptação e fluidez, fazendo com que estes sujeitos nem sempre usufruam de espaços para reflexão sobre eles e sobre as decisões tomadas (ALMEIDA; CALDAS, 2012).

Na busca de resoluções para os problemas e conflitos, os adolescentes tendem à ausência de criatividade e ao desejo de estratégias/alternativas pré-fabricadas (GARDNER; DAVIS, 2014). Uma das estratégias utilizadas pelos adolescentes estudados para lidar com a situação das redes sociais digitais e possíveis brigas/desconfianças foi a criação de um perfil em comum nas redes sociais digitais, como manifestação de um contrato estabelecido e desejado, em que ambos se permitem, para terem um controle mútuo de si mesmos.

A criação de um perfil em conjunto nas redes sociais digitais pelo casal revela um aspecto da díade relacional público *versus* privado pois, por mais que haja o assentimento de ambos para tal ato, permite-se a manipulação e o controle das “curtidas”. Dessa forma, a ideia de que haveria assuntos de foro íntimo, particular de um dos dois acaba sendo deixada em segundo plano e até mesmo sem importância. Isso remete a um mecanismo de anulação a que grande parte destes adolescentes se submetem, principalmente para a manutenção do relacionamento; ou seja, permitem-se anular, apegam-se a situações de abuso, sacrificam-se, perdem sua liberdade e suas redes sociais e afetivas, e fazem renúncias para assegurar a “harmonia do casal” (GÓMEZ, 2012).

A combinação entre afeto e abuso acarreta a destruição da autoestima e a formação de um sentimento de dependência (GÓMEZ, 2012). Essa dependência emocional se apresentou, na maioria das vezes, de forma sutil, conforme evidenciado pelos relatos dos participantes E7/M e P9/H-G2, respectivamente: “*preferi perdoar do que ficar sem ele e ele sem mim*” e “[...] *porque tem medo de perder ele. Porque quando ele vai embora, ela sente a falta dele e*

acha que ninguém nunca vai preencher aquele lugar. Prefere apanhar do que perder a pessoa [...]”. A baixa autoestima ou a forma negativa das adolescentes se olharem e se sentirem sem valor e indesejáveis, ou a visão negativa que elas acreditam que os outros têm sobre elas, influenciam a prática e a aceitação de condutas violentas por parte dos parceiros íntimos (FILIPA, 2016).

Um estudo realizado em Portugal (ALMEIDA; CALDAS, 2012), com uma amostra de 60 jovens, mostrou que a relação de intimidade baseada no sentimento/vivência de dependência emocional comprometeu 14% da sua saúde mental, e que há relação entre o rompimento de uma relação ou sensação de perda da pessoa que se ama com o adoecimento do corpo:

permanece enigmática e paradoxalmente evidente a relação entre uma intimidade doente e um corpo doente, devido à escassa investigação que visa analisar este impacto. Com a perda da pessoa, sofrimento interno (psíquico, profundo, mental) para o exterior que nos separa do resto do mundo, e que se individua na nossa base corpórea (física) idiossincrática, alimentando (ou deteriorando) a corrente que liga mente e corpo numa unidade biopsicossocial proativa e autodeterminada (ALMEIDA; CALDAS, 2012, p.8).

Considerando-se que “um bom estado de saúde parece associar-se a valores elevados de interdependência e baixos valores de dependência na relação amorosa” (ALMEIDA; CALDAS, 2012, p.1), torna-se necessária a construção de novas formas de relacionamentos íntimos (i) que sejam mais saudáveis, éticos e equitativos; (ii) que desempenhem efeitos positivos para o emocional, o mental, a sexualidade, o social e o intelectual; e (iii) deem novo significado para a compreensão do outro, da parceria/companhia, do amor real, do amor idealizado e da felicidade (COSTA, 1998; ALMEIDA; CALDAS, 2012). Essas novas construções e significados são essenciais para o desenvolvimento de relações de intimidade saudáveis, que comportem diferenças e complementariedades entre os diversos elementos/partes que as compõem e entre as partes e o todo; em outras palavras, os elementos/partes integram o todo das relações de modo a manter sua interdependência. Dessa forma, investigar e refletir sobre os relacionamentos íntimos dos adolescentes requerem o despertar da consciência de que a verdadeira totalidade é ainda incompleta, mas que o Pensamento Complexo possibilita fomentar entre eles alternativas e estratégias que transformem a estrutura emocional para que aprendam a se unir e separar em liberdade e assimilar/lidar com as perdas, não alimentando o sentimento de dependência (MORIN, 2002, 2005).

A premissa de que “A área da saúde não é a única responsável pelo enfrentamento das situações de violência. Contudo, além de atender os envolvidos, tem a função de elaborar estratégias de prevenção, promovendo a saúde” (COELHO; SILVA; LINDNER, 2018, p.10) reforça a necessidade dos profissionais da saúde e de diversas outras esferas, de reconstruírem o olhar para esses adolescentes da era contemporânea, que apresentam novas demandas às instituições da vida moderna (escola, saúde, segurança, entre outros) com o surgimento de novas formas de comportamento e de vivências (CAMPEIZ et al., 2017). Não considerar essas novas tramas tecidas pelos adolescentes “podem se manifestar como dificuldade para construção de modelos de atenção capazes de favorecer nesse momento peculiar da vida o protagonismo, a autonomia e o cuidado consigo e com o outro” (CAMPEIZ et al., 2017, p.59).

8. Considerações Finais

No que tange ao fenômeno estudado, toda investigação é relevante diante das demandas da sociedade, mas o avanço em direção a um paradigma que ultrapasse as fronteiras entre o micro e o macro e entre as ciências com a finalidade de assegurar relações íntimas mais saudáveis e seguras é imprescindível na atualidade. Ressalta-se, assim, o ineditismo do tema da violência no relacionamento íntimo analisada sob a ótica dos adolescentes e à luz do Paradigma da Complexidade.

Nos enunciados dos adolescentes encontraram-se diversas dimensões da violência manifestas em suas relações: verbais, psicológicas, físicas, emocionais e sexuais. Estas manifestações foram relatadas nas diversas formas de relações engendradas na contemporaneidade, a saber, *crush*, “ficar” e namorar. Nos relacionamentos caracterizados como *crush* e “ficantes”, as explanações concentraram-se na violência psicológica e emocional, enquanto que nos namoros as outras formas de violência também foram expressas.

Os resultados apontaram a dialógica afeto-ciúmes/controle presente nas relações íntimas entre os adolescentes e, em decorrência desta, constatou-se a desqualificação do ato violento advindo da mulher e sua estigmatização; a forte presença da violência social de gênero; a crença de que um beijo forçado tem que ser aceito e não caracterizado/interpretado como manifestação de violência; e, a associação de um amor romantizado/idealizado para a justificativa de aceitação da violência e manutenção do relacionamento.

Na recursão organizacional, caracterizou-se a relação autor-vítima da violência; a naturalização de atos violentos que atravessou questões de gênero, culturais e sociais; e, a bidirecionalidade presente em grande parte das relações. Um possível padrão das agressões entre eles, enquanto autores da violência, também foi formulado: maior incidência de violência física leve ou moderada (como tapas, beliscões e arranhões) perpetrada por mulheres; maior ocorrência de violência psicológica (como ciúme excessivo e possessivo, coibir e afastar a parceira de sua família e amigos, controlar as atividades de lazer e as roupas) e emocional severa (como chantagem emocional, ameaças de morte ou de rompimento da relação) perpetrada por homens. Além disso, em ambos os sexos constatou-se violência psicológica moderada (como coibir e afastar os parceiros das amizades do sexo oposto, tentar controlar com quem o parceiro conversa e onde frequenta).

No princípio hologramático, verificou-se a perspectiva dos adolescentes sobre os elementos tempo de relacionamento, tendência ao consumo de álcool e drogas ilícitas, e situações de violência intrafamiliar vividas/presenciadas, de modo articulado, como viabilizadores para ocorrência da violência. Isto remete ao senso comum perpetuado por eles, resultando na estigmatização das vítimas e na exclusão da mulher como possível autora da

violência. A tecnologia por meio das redes sociais digitais foi preponderante para a violência de intimidade entre adolescentes, denotando novas formas de controle e coerção. À vista disso, destaca-se aqui a escassez de pesquisas sobre as plataformas digitais como elementos e fatores de exposição que influenciam a ocorrência da violência nas relações de intimidade entre os adolescentes.

Encontrou-se o sentido da violência no relacionamento íntimo para os adolescentes em diferentes tramas tecidas por eles: (i) tentativa de conseguir algum controle/domínio sobre o parceiro (afastamento da família e amigos; acesso às senhas e redes sociais; *cyberviolência* entre outros); e (ii) expressão de amor (demonstração de ciúmes como prova de amor; demarcação de território por ambos de forma aceita e desejada; abrir mão de sua privacidade como prova de amor, entre outras). Diante desta não distinção entre violência e amor, evidenciou-se a construção e o estabelecimento da relação íntima entre os adolescentes na manifestação e demonstração de ciúmes. Desse modo, algumas estratégias foram estabelecidas nos relacionamentos íntimos dos adolescentes: revidação da violência como autodefesa; criação de perfil em comum para as redes sociais digitais; e ações violentas como tentativas para a consolidação da confiança.

O Pensamento Complexo leva a reflexão de que viver um relacionamento íntimo é uma caminhada que se faz caminhando, na qual imprevisibilidades, instabilidades e incertezas sempre surgirão. Por meio desse Paradigma percebe-se que a relação de intimidade é circular, a qual deve recusar/romper com o círculo vicioso (relação linear de causa e efeito e simplificação abstrata) e substituí-la pelo círculo virtuoso. O rompimento com os círculos das ações violentas herdadas e reproduzidas, inconscientemente ou não, é necessário para que ocorra a libertação e o fim do mito do amor ideal, do peso da hierarquia de poder entre o feminino e masculino e das imposições de papéis, das assistências de diversas áreas profissionais fragmentadas e reducionistas às pessoas que sofrem violência.

Pontua-se que professores, enfermeiros e outros profissionais da saúde na atenção primária encontram dificuldades em oferecer ações de educação sexual e promoção de saúde junto aos adolescentes, os quais estão em constante interação com as redes sociais digitais e engendrando novas formas de violências. Dessa forma, o desafio para a constituição de novas formas de relações íntimas com novas construções, ressignificações e significados baseados na Complexidade se faz presente e precisa ser aceito principalmente pelos profissionais da saúde e educação para a compreensão dos fenômenos complexos por meio das interações e interligações dos diversos elementos destes e assim, produzir novos conhecimentos e práticas realmente capazes de enfrentar o fenômeno.

Isto será possível por meio de uma verdadeira pedagogia dentro da instituição escolar, nas unidades básicas de saúde, mas também em diversas outras áreas institucionais. Debates fundamentados em referenciais e o Paradigma Complexo são essenciais para (i) a construção de um currículo escolar atento ao fenômeno entre os adolescentes, suas dimensões e gravidade; e (ii) para a formação e preparo dos professores e enfermeiros que lidam com o fenômeno no cotidiano, para que não só desenvolvam um olhar integral sobre o mesmo, mas também obtenham respaldo, tendo em vista o forte impacto emocional a que muitos estão sujeitos, e uma adequada proteção perante os casos de denúncia.

Ademais, ressalta-se aqui a necessidade do desenvolvimento de projetos de prevenção de violência na intimidade entre os adolescentes, com expressão promocional da saúde, e a atuação de profissionais baseados em níveis de intervenção capazes de empoderar os sujeitos para o processo de transformação de fatores vulnerabilizantes, valendo-se de estratégias de educação em saúde ativas e participativas que considerem suas características. Em suma, considera-se que um real enfrentamento da violência nas relações íntimas entre os adolescentes dar-se-á por meio da devida visibilidade do fenômeno.

Neste estudo, o grupo focal foi determinante para a apreensão dos vínculos entre os diferentes aspectos e dimensões da violência no relacionamento íntimo entre os adolescentes, de maneira articulada e de modo a distingui-los do contexto, porém de forma complementar, sem os isolar, com vistas a se captar a complexidade do fenômeno em estudo. Além disso, possibilitou apreender elementos interacionais (conflitos, união e negociação, por exemplo) e cognitivos (influências e opiniões). As entrevistas semiestruturadas apresentaram flexibilização no roteiro no desenvolvimento da pesquisa, o que foi importante para captar as subjetividades presentes nos relacionamentos e na individualidade de cada sujeito participante.

A realização deste estudo também foi marcada por algumas limitações. O fato de o fenômeno estudado constituir uma experiência pessoal pode ser associado por alguns participantes a sentimentos de vergonha, culpa, medo e insegurança e assim, haver uma tendência a respostas que sejam consideradas por eles mais aceitáveis pela sociedade. Outra limitação encontrada se diz respeito à bidirecionalidade da violência encontrada entre eles, como quem iniciou o ato, o quanto a ação cometida foi por autodefesa e resposta à violência ou não. Em vista disso, considera-se pertinente a realização de estudos específicos sobre a dinâmica da bidirecionalidade no fenômeno da violência íntima entre os adolescentes.

Ademais, as atividades foram realizadas durante o período de avaliações (outubro/novembro/dezembro/fevereiro/março/abril). Conforme combinado com a direção da

unidade escolar, os grupos focais e as entrevistas foram realizados no período escolar dos participantes; dessa forma, o tempo disponível para as entrevistas e grupo focais ficaram restritos à permissão dos professores para que os participantes saíssem da sala de aula e fossem para a sala reservada para as atividades. Assim, com dificuldades, ocorreu a conciliação entre as datas livres de avaliação, a disponibilidade de alguns professores e o curto tempo, decorrente da demora de alguns professores em dispensar os participantes da aula.

Destarte, o Paradigma da Complexidade proporcionou o apontamento de algumas possibilidades para superar as visões simplificadoras e reducionistas ainda muito vigentes sobre o fenômeno da violência nas relações de intimidade entre os adolescentes, e proporcionar maiores oportunidades e alternativas para que os adolescentes se conheçam e se desenvolvam como sujeitos autônomos, livres, diversos e singulares. Em suma, o Paradigma da Complexidade contribuiu de forma imprescindível para a busca do desenvolvimento de um olhar integral sobre a temática, proporcionando maior clareza sobre os elementos que compõem o fenômeno, e principalmente, sobre a interdependência e interconectividade entre eles, de modo articulado e contextualizado.

Referências

- ABOIM, S. Da pluralidade dos afetos: Trajetórias e orientações amorosas, nas conjugalidades contemporâneas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 107-122, 2009.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ABRAMSKY, T. et al. What factors are associated with recent intimate partner violence? findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. **BMC Public Health**, London, v. 11, p. 1-17, 2011.
- ABRANCHES, C. D; ASSIS, S. G. A. A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, p. 843-854, 2011.
- AFFONSO, S. A. B. **Estados emocionais e os modelos organizadores do pensamento: um estudo sobre violência de gênero**. 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.105-120, 2004.
- ALLEGRO, L. G. V. A reabilitação dos afetos: uma incursão no Pensamento Complexo de Edgar Morin. **Revista Inter-Legere** (UFRN), Natal, n. 6, p. 312-327, 2011.
- ALLY, E. Z. et al. Intimate partner violence trends in Brazil: data from two waves of the Brazilian National Alcohol and Drugs Survey. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 98-105, 2016.
- ALMEIDA, L. M. M. F.; CALDAS, J. M. P. Intimidade e saúde. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 737-755, 2012.
- AMARO, S. **Crianças vítimas de violência: das sombras ao sofrimento a genealogia da resistência**. Porto Alegre: AGE/EDIPUCRS, 2003.
- ANACONA, C. A. R. Variables asociadas a los malos tratos en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. **Acta Colombiana de Psicología**, Bogotá, v. 18, n. 1, p. 159-171, 2015.
- ARRIAGA, X. B.; FOSHEE, V. A. Adolescent dating violence: Do adolescents follow their friends' or their parents' footsteps? **Journal of Interpersonal Violence**, Beverly Hills, v. 19, n. 2, p. 162-184, 2010.
- BACKES, D. S. et al. Violência familiar na perspectiva do pensamento complexo. **Avances em Enfermería**, Bogotá, v. 29, n. 2, p. 225-233, 2011.
- BACKES, D.S. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise dos dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.

BAGGIO, M. A; ERDMANN, A. L. Relações múltiplas do cuidado de enfermagem: o emergir do cuidado "do nós". **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 5, p. 895-902, 2010.

BARREIRA, A; LIMA, M; AVANCI, J. Co-ocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 233-243, 2013.

BARREIRA, A. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 217-228, 2014.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas do Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v. IV, n.7, p. 91-99, 2015.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 1, p.183-191, 2016.

BLOOR, M. et al. **Focus groups in Social Research**. London: Sage Publications, 2011.

BOURDIEU, P. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 10 ago. 2009. Seção 1, p.1

BRASIL. Lei nº 13.642, de 3 de abril de 2018. Altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 4 abr. 2018. Seção 1, p.1

BRISSOS-LINO, J. Um em cada quatro jovens é vítima de violência no namoro. Disponível em: <<https://projectoserfamilia.wordpress.com/2008/07/07/um-em-cada-quatro-jovens-e-vitima-de-violencia-no-namoro/>>. Acesso em 7 Jul. 2008.

BRUM, Z. P. de; SINIAK, D. S. A gíria: a comunicação de adolescentes usuários de substâncias psicoativas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 1, n. 3, p. 403-411, 2011.

CANHA, J. **Criança maltratada: O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação**, estudo prospectivo de 5 anos. Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 485-493, 2006.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**, Lisboa, v. 27, n. 1, p. 91-113, 2013.

CARLOS, D. M. **O cuidado em rede a famílias envolvidas na violência doméstica contra crianças e adolescentes**: o olhar da Atenção Básica à Saúde. 2014. 2018 f. Tese (Doutorado, Enfermagem em Saúde Pública). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

CARVALHO, J. N. et al. A autonomia do cuidado exercido por adolescentes para um viver saudável: o olhar da enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 268-274, 2011.

CARVALHO, C. S. **Ciberstalking**: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado. Escola de Psicologia. Universidade do Minho, Portugal. 2011.

CASIMIRO, C. Violências na conjugalidade: a questão da simetria de gênero. **Análise Social**, Lisboa, v. XLIII, n. 3, p. 579-601, 2008.

CASSAB, A. L. Interfaces do namoro: A violência de gênero. **Polémicas Feministas**, Córdoba, n. 2, p. 77-88, 2013.

CECCHETTO, F. et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, 2016.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. Universidade Estadual de Passos - Minas Gerais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423-443, 2003.

COELHO, E.B.S; SILVA, A.C.L.G; LINDNER, S.R. Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias. In: COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Curso atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos** - modalidade a distância. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

COELHO, R. A maioria dos jovens acha normal a violência no namoro. **Jornal Diário**. Portugal. Maio 2013. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3230117>. Acesso em: 30 mai. 2013.

CONSTANCIO, J. Lutas por reconhecimento e vontade de poder: uma afinidade entre Hegel e Nietzsche? **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 88-144, 2016.

COSTA, A. P. M. Adolescência brasileira e o contexto de vulnerabilidade a violência. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, n. 6, p. 123-162, 2012.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, M. **À procura da intimidade**. Porto: Asa. 2005.

- CUNHA, O; GONÇALVES, R. A. The current practices of intervention with batterers. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 40-48, 2014.
- DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl., p. 1163-1178, 2006 .
- DARDIS, C. M. et al., An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: a review of the literature. **Trauma, Violence & Abuse**, Thousand Oaks, v. 16, n. 2, p. 136-152, 2014.
- DE LA ROSA, E. Violência em el noviazgo: en nombre del amor. **Revista Violeta**, Nuevo León, n. 7, p.18-19, 2005.
- D'OLIVEIRA, A. F. P. L., SCHRAIBER, L. B. Violência de gênero, saúde reprodutiva e serviços. In: GIFFIN, K.; COSTA, S.H. (org.) **Questões da saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999. p. 337-355.
- EDLESON, J. L. Children's witnessing of adult domestic violence. **Journal of Interpersonal Violence**, Beverly Hills, v. 14, n. 8, p. 839-870, 1999.
- EHRENSAFT, M. K. et al. Intergenerational transmission of partner violence: a 20-year prospective study. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, Washington, v. 71, n. 4, p. 741-753, 2003.
- FANSLOW, J.L. et al. Hitting back: women's use of physical violence against violent male partners, in the context of a violent episode. **Journal of Interpersonal Violence**, Beverly Hills, v. 30, n. 17, p. 2963-2979, 2015.
- FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. S; ZIVIANI, C. Conyugalidad de los padres y proyectos vitales de los hijos frente al matrimonio. **Revista Cultura y Educación – Familia y Pareja**, v. 18, n. 1, p. 95-108, 2006.
- FERREIRA, C; MATOS, M. Violência doméstica e *stalking* pós-rutura: dinâmicas, *coping* e impacto psicossocial na vítima. **Psicologia**, Lisboa, v. 27, n. 2, p.81-106, 2013.
- FERREIRA, J. P. M. **Stalking como forma de violência nas relações de namoro**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense e Criminal). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada, Portugal. 2013.
- FILIPA, C. S. T. C. **Associações entre a violência nas relações de intimidade, as experiências precoces adversas e a vergonha numa amostra de adolescentes institucionalizados**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.
- FLAKE, T. A. et al. Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 801-816, 2013.

FONSEKA R.W. et al. Impact of adverse childhood experiences on intimate partner violence perpetration among Sri Lankan men. **PLoS ONE**, San Francisco, v. 10, n. 8, e0136321, 2015.

FONTANA, M.V.L. **Complexidade e reconhecimento**: as dinâmicas do afeto e do conflito na EAD. 2015. 283 f. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

FOSHEE, V. A. et al. A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. **Journal of Adolescent Health**, New York, v. 53, n. 6, p. 723-729, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo, Graal, 2008.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p.139-152, 2004.

GARCÍA, F; CASADO, E. **Violencia em la pareja**: gênero y vínculo. Madrid: TALASA, 2010.

GIDDENS, A. **La transformación de la intimidad**: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas. Madrid: Cátedra, 2008.

GLASER, B.G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter. 1997.

GLASS, N. et al. Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. **Journal of Obstetric, Gynecologic, and Neonatal Nursing**, New York, v. 32, n. 2, p. 227-238, 2003.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 2004.

GOLDENBERG, M. **Intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GOLDENBERG, M. **Novas famílias nas camadas médias urbanas**. Terceiro encontro de Psicólogos Jurídicos, Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ, p.18-26, 2003.

GOMES, F. S. N.; CORDEIRO, R. de L. M. Namoro e violência: a compreensão dos jovens sobre esse fenômeno. **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos. p. 1-9, 2010.

GOMES, R. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K (Orgs.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 141-151.

GOMES, N. P. et al. Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 514-522, 2012.

GÓMEZ, A. H. La prevención de la violencia de género en adolescentes. Una experiencia en el ámbito educativo. **Apuntes de Psicología**, Sevilla, v. 25, n. 3, p. 325-340, 2007.

GÓMEZ, C. H. Violência de gênero e amor romântico. **Pikara**. Magazine Online. 2012. Disponível em: <http://www.pikaramagazine.com/2012/11/la-violencia-de-genero-y-el-amor-romanticocoral-herrera-gomez-expone-que-el-romanticismo-es-el-mecanismo-cultural-mas-potente-para-perpetuar-el-patriarcado/>

GRANGEIA, H; MATOS, M. Da invisibilidade ao reconhecimento do stalking. Em A. I. Sani, **Temas de Vitimologia: Realidades Emergentes na Vitimação e Respostas Sociais** (pp. 61-84). Coimbra: Almedina. 2011.

GUARESCHI, P. A. Relações comunitárias: relações de dominação. In R. H. F. Campos (Org.), **Psicologia social e comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. São Paulo: Cortez, 1998.

GUIMARÃES, M. C. **A formação pessoal de psicólogos/as e o trabalho com violência doméstica contra a mulher**. 2014. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GUIMARÃES, S. P; CAMPOS, P. Norma Social Violenta: Um estudo da representação social da violência em adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 188-196, 2007.

HASSELMANN, M. H; REICHENHEIM, M. E. Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1083-1093, 2003.

HERRERA, C. G. **La construcción sociocultural del amor romántico**. Madrid: Fundamentos, 2011.

HICKMAN, L. J.; JAYCOX, L. H.; ARONOFF, J. Dating violence among adolescents. Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. **Trauma, Violence & Abuse**, Thousand Oaks, v. 5, n. 2, p. 123-142, 2004.

INQUE, S.R.V, RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estud Psicol** (Campinas). 2008; 25(1):11-21.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais**. 2016. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350590>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ISLAM, J. Assessing the link between witnessing inter-parental violence and the perpetration of intimate partner violence in Bangladesh. **BMC Public Health**, London, v. 17, p. 183, 2017.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, 2005.

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. 2.ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

KAUR, R. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KERMAN, E; POWERS, J. Teen dating violence. Research facts and findings. **Act for Youth Upstate Center of Excellence**, New York, 2006. Disponível em: <<http://www.actforyouth.net/documents/Febo6.pdf>>. Acesso em 14 mai. 2018.

KINSFOGEL, K. M; GRYCH, J. H. Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional and peer influences. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 18, n. 3, p. 505-515, 2004.

KRUG, E. G. et al. (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LAGARDE, M. R. **Amor y sexualidad, una mirada feminista**. Madrid: Universidad Menéndez Pelayo, 2010.

LEASE, S. H. et al. Masculinity and interpersonal competencies: Contrasting white and African American men. **Psychology of Men & Masculinity**, Washington, v. 11, n. 3, 195-207, 2010.

LETTIERE, A. **A rede de atenção à mulher em situação de violência sob a perspectiva do pensamento complexo**. 2014. 133 f. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

LETTIERE, A; NAKANO, A. M. S. Rede de atenção à mulher em situação de violência: os desafios da transversalidade do cuidado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-8, 2015.

LOW, T. S. J.; MELO, D. S. P. de. O mito do amor romântico e a violência de gênero: distanciamentos e aproximações nas vozes de meninas e meninos adolescentes. In: Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, 2012, Recife. **Anais**. Recife: UFPE, 2012. v.1, p.1-13.

MACHADO, C; MARTINS, C; CARIDADE, S. Violence in intimate relationships: a comparison between married and dating couples. **Journal of Criminology**, v. 2014, article ID 897093, 2014.

MACHADO, C; MATOS, M; MOREIRA, A. I. Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. **Psychologica**, Coimbra, v. 33, p. 69-83, 2003.

MADRUGA, C.S. et al. Pathways from witnessing parental violence during childhood to involvement in intimate partner violence in adult life: The roles of depression and substance use. **Drug and Alcohol Review**, Abingdon, v. 36, n. 1, p. 107-114, 2017.

- MALTERUD, K. Qualitative research: standards, challenges and guidelines. **The Lancet**, London, v. 358, p.483-488, 2001.
- MARIOTTI, H. Competitividade e violência estrutural. In: ESTEVES, S.P. **O dragão e a borboleta: sustentabilidade e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Axis Mundi/AMCE, 2000. p. 265-282.
- MATOS, M. A. V. **Violência nas relações de intimidade: estudos sobre a mudança psicoterapêutica na mulher**. Tese (Doutorado). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2006.
- MATOS, M. Avaliação psicológica de vítimas de violência doméstica. In: MATOS, M.; GONÇALVES, R. A.; MACHADO, C. **Manual de Psicologia Forense: Contextos, práticas e desafios**. Braga: Psiquilíbrios, 2011. p. 175- 197.
- MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 8, n.1, p.55-75, 2006.
- MATOS, M. et al. **Stalking: Boas práticas no apoio à vítima**. Manual para profissionais. Comissão para cidadania e igualdade de gênero. Porto: Portugal.2011.
- McDERMOTT, R. C; LOPEZ, F. G. College men's intimate partner violence attitudes: Contributions of adult attachment and gender role stress. **Journal of Counseling Psychology**, Washington, v. 60, n. 1, p. 127-36, 2013.
- McDONELL, J.; OTT, J.; MITCHELL, M. Predicting dating violence victimization and perpetration among middle and high school students in a rural southern community. **Children and Youth Services Review**, New York, v. 32, n. 10, p. 1458-1463, 2010.
- MEDEIROS, R. A.; STRAUS, M. A. Risk factors for physical violence between dating partners: implications for gender-inclusive prevention and treatment of family violence. In: HAMEL, J.; NICHOLLS, T. (Eds.). **Family approaches in domestic violence: a practitioner's guide to gender-inclusive research and treatment**: Springer, 2006. p. 59-85.
- MÉNDEZ, R. G.; HERNÁNDEZ, J. D.S. **Violencia en parejas jóvenes: análisis y prevención**. Madrid: Pirámide, 2001.
- MENEZES, M. C. O mito do amor romântico. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 17, n. 5/6, p. 539-572, 2007.
- MESSEDER, S. A. Namorei não, peguei: o pegar como uma forma de relacionamento amoroso-sexual entre os jovens. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais**. Belo Horizonte: Abep, 2002.
- MESSMAN-MOORE, T. L; WALSH, K. L; DILILLO, D. Emotion dysregulation and risky sexual behaviour in revictimization. **Child Abuse and Neglect**, Oxford, v. 34, n. 12, p. 967-976, 2010.

- MINAYO, M. C. de S. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 646-647, 2004.
- MINAYO, M.C. S; ASSIS, S. G; NJAINE, K. (Orgs.). **Amor e Violência**: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre os jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- MINAYO, M.C.S. et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MORAES, C. L.; HASSELMANN, M. H.; REICHENHEIM, M. E. Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 163-176, 2002.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice
- MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G; CARVALHO, E. A;
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Elaine Lisboa. 4ª ed. Porto
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3a ed. Lisboa: Stória Editores; 2001.
- MORIN, E. **O Método 5**: A humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulinas, 2002.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2006.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- NASCIMENTO, F. S; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 516-525, 2011.
- NAVARRO, M. F. **Amor, adolescentes y violencia de género**. 2004.
- NELAS, P. et al. Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior. **Revista INFAD de Psicología**, Badajoz, v. 2, n.1, p. 357-364, 2016.
- NEVES, A. S; ROMANELLI, G. A violência doméstica e os desafios da compreensão interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 299-306, 2006.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NOGUEIRA, M. F. M; SILVA, R. M. da; SILVA, T. T. N. Onde está meu crush? Interação via mídias locativas e cibersexualidade feminina no happn. **Panorama**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 6-8, 2017.

OKUDA, M. et al. Correlates of intimate partner violence perpetration: results from a National Epidemiologic Survey. **Journal of Traumatic Stress**, New York, v. 28, n. 1, p. 49-56, 2015.

OLIVEIRA, D. C. et al. “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007.

OLIVEIRA, D. L. The use of focus groups to investigate sensitive topics: an example taken from research on adolescent girls’ perceptions about sexual risks. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 7, p. 3093-3102, 2011.

OLIVEIRA, Q. et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.

OLIVEIRA, Q. et al. Violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M.; ASSIS, S.; NJAINE, K. (Eds). **Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiro**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

OLIVEIRA, R. N. G. et al. Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 134-143, 2016.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 15 ed. Campinas: Papirus, 2013.

PÁDUA, E. M. M. **Pesquisa e complexidade: estratégias metodológicas multidimensionais**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2014.

PEIXOTO, J.; MATOS, M.; MACHADO, C. Violência sexual no namoro: Os atletas universitários como grupo de risco? **Psicologia**, Lisboa, v. 27, n. 1, p. 133-156, 2013.

PIETRO, A. T.; YUNES, M. A. M. A violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões imprescindíveis. In: SILVA, F. F.; MELLO, E. M. B. (orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana: UNIPAMPA, 2011.

PIEXAK, D. R. et al. Cuidado de enfermagem na perspectiva da Teoria da Complexidade: algumas reflexões. In: GOMES, L.M.X. (org.). **Cadernos de Ciência e Saúde**. Vol. 4, n. 2, 2014.

PRADUBMOOK-SHERER, P. Youth attitudes toward dating violence in Thailand. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, London, v. 55, n. 2, p. 182-206, 2011.

RANDLE, A.A; GRAHMAN, C. A. A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. **Psychology of Men & Masculinity**, Washington, v. 12, n. 2, p. 97-111, 2011.

RIBEIRO, F. M. L. et al. Entre o 'ficar' e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (ORG.). **Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

ROBERTS, A. L. et al. Witness of intimate partner violence in childhood and perpetration of intimate partner violence in adulthood. **Epidemiology**, Cambridge, v. 21, n. 6, p. 809-818, 2010.

ROSSI, C. Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: GOMES, P. B. (Org.). **Vínculos amorosos contemporâneos**. São Paulo: Callis, 2003. p. 77-108.

SÁ, M. C. V.; VERÍSSIMO, C. Intervenções de prevenção primária da violência no namoro, Saúde, Prevenir a violência no namoro - N(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença. **Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde**, Coimbra, v. 5, p. 43-69, 2013.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANI, A. I. As variáveis mediadoras do impacto na criança da exposição à violência interparental. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 111- 133, 2006.

SANTOS, P. F. B. B. et al. O que tenho a ver com isso? Aula-vivência sobre violência contra crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 11, n. 4, p. 1049-1053, 2009.

SANTOS, S. S. C. S; HAMMERSCHMIDT, K. S. A. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 4, p. 561-565, 2012.

SANTOS, T. M. B. et al. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: Revisão Integrativa. **Revista de Atenção à Saúde**, São Caetano do Sul, v. 13, n. 44, p. 64-70. 2015.

SARTORI, A.T. Posições enunciativas entre namorar e ficar: Jovens escrevendo na escola. **Revista Prolíngua**, João Pessoa, v.10, n. 2, p. 25-36, 2015.

SCHRAIBER, L. B., et al. Assistência a mulheres em situação de violência – da trama de serviços à rede intersetorial. **Athenea Digital Revista Pensamento e Investigação Social**, Bellaterra, v. 12, n. 3, p. 237-254, 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, 1990.

SILVA, G.R. et al. Uma discussão de forma lúdica, sobre a sexualidade e métodos preventivos-contraceptivos com adolescentes da rede estadual de ensino. **Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 9, n. 3, p. 668-679, 2014.

SIMON, V.A.; FURMAN, W. Interparental conflict and adolescents romantic relationship conflict. **Journal of Research on Adolescence**, Hillsdale, v. 20, n. 1, p. 188-209, 2010.

SOUSA, V. F. F. de; NUNES, M; MACHADO, C. J. S. “FICAR É ...”: um código de relacionamento entre adolescentes. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 136-157, 2012.

SOUZA, M. C. **A intergeracionalidade na violência por parceiros íntimos: Revisão Sistemática**. 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

STRAUS, M. A. Measuring intrafamilial conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. **Journal of Marriage and the Family**, Malden, v. 41, p. 75-88, 1979.

STRAUS, M. A. et al. The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. **Journal of Family Issues**, Beverly Hills, v. 17, n. 3, p. 283-316, 1996.

STRAUS, M. A.; GOZJOLKO, K. Intimate terrorism and gender differences in injury of dating partners by male and female university students. **Journal of Family Violence**, New York, v. 29, n. 1, p. 51-65, 2014.

STRAUS, M. Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment. **Aggression and Violent Behavior**, Tarrytown, v. 16, n. 4, p. 279-288, 2011.

THONGPRIWAN, V.; McELMURRY, B. J. Thai female adolescents' perceptions of dating violence. **Health Care for Women International**, Washington, v. 30, n. 10, p. 871-891, 2009.

VIDAL, M. C. A. **Percepções de jovens acerca do uso da violência em relações de namoro: estudo exploratório**. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2008.

WHITFIELD, C. L. et al. Violent childhood experiences and the risk of intimate partner violence in adults: assessment in a large health maintenance organization. **Journal of Interpersonal Violence**, Beverly Hills, v.18, n. 2, p. 166-185, 2003.

WEISZ, A. N.; BLACK, B.M. Help-seeking and help-giving for teen dating violence. **The Prevention Researcher**, Eugene, v. 16, n. 1, p. 12-16, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing intimate partner and sexual violence against women**. Geneva: World Health Organization, 2010

XAVIER, C. S. F. **Do Silêncio à Raiva!** Relação entre a exposição à violência interparental e a manifestação de comportamento anti-social. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2008.

ZALESKI, M. et al. Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 53-59, 2010.

Apêndices

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO***

(Destinado aos pais ou responsáveis e aos adolescentes menores de 18 anos)

Pesquisa: A violência nas relações afetivas entre adolescentes pela Perspectiva do Paradigma da Complexidade de Edgar Morin

Prezado(a) Senhor(a),

Meu nome é Ana Beatriz Campeiz, sou mestranda no Programa de Saúde Pública, pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP (EERP/USP) e sou responsável por esta pesquisa sob orientação da Profa. Maria das Graças Bomfim de Carvalho.

Gostaríamos de convidar o(a) senhor(a) e seu(ua) filho(a) para participar desta pesquisa, a qual tem como objetivo analisar a violência nas relações afetivas entre adolescentes pela perspectiva do Paradigma da Complexidade de Edgar Morin. O Paradigma da Complexidade considera as contradições e imprevisibilidades ao analisar a violência nas relações afetivas e a compreende nas conexões entre seus elementos pessoais, sociais e processuais de maneira articulada e contextualizada.

Salientamos que a referida pesquisa se dará por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada e de um grupo focal. A entrevista semiestruturada é uma entrevista já organizada com algumas questões predeterminadas e outras em aberto e podendo também surgir outras questões ao longo da conversa. O grupo focal é uma conversa em grupo, mediada por mim, e que será gravada e posteriormente registrada. A entrevista e o grupo focal serão realizados na escola, com autorização dos gestores e professores, em horário que não prejudicará as atividades escolares de seu(ua) filho(a).

No momento da entrevista, se seu(ua) filho(a) não souber responder ou se não quiser responder a uma pergunta, não tem problema. Você e seu(ua) filho(a) não serão prejudicados em nada e poderão pedir explicações. O tempo necessário para interação na entrevista será de aproximadamente 30 minutos e da participação do grupo focal será de aproximadamente 01 hora. A entrevista e o grupo focal serão realizados somente com as pessoas que aceitarem espontaneamente em participar da pesquisa.

Quando terminarmos a pesquisa, o resultado final poderá ser divulgado em revistas e encontros científicos sem que vocês sejam identificados. A aceitação para participar não trará nenhum risco físico ou gasto financeiro para você e/ou para o(a) seu(ua) filho(a), sendo que será mantida em segredo suas identificações, ou seja, vocês não serão identificados por nome, apelido ou qualquer outro meio que possibilite suas identificações. Assim sendo, as informações serão usadas

exclusivamente para esta pesquisa.

Você e seu(ua) filho(a) não terão nenhum benefício direto, nesse momento, pela sua participação, mas será uma oportunidade para conhecer mais sobre seus direitos enquanto cidadão, onde buscar assistência caso precisem, além de poder compartilhar suas experiências de maneira sigilosa, colaborando para que os resultados da pesquisa possam nos ajudar a analisar a violência nas relações afetivas entre adolescentes e quais sentidos são atribuídos a esse fenômeno sob o olhar dos adolescentes frequentadores do ensino médio.

Da mesma forma, ao participar da entrevista e do grupo focal, caso haja algum desconforto, como por exemplo, ao falar de situações vivenciadas de sua afetividade, seu(ua) filho(a) poderá interromper a participação imediatamente, continuando ou não mais tarde. Nestes casos, se necessário, o adolescente poderá ser encaminhado para atendimentos específicos. Além disso, garante-se o direito à indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da sua participação na pesquisa. Lembramos que a qualquer momento da pesquisa você ou seu filho (a) poderão desistir da participação, uma vez que esta participação é voluntária. Este termo possui duas vias assinadas, sendo que uma ficará com o pesquisador e outra será entregue para você e seu(a) filho(a) para conhecimento.

O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da EERP/USP, responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Aspectos esses que ressaltam a necessidade de revisão ética e científica das pesquisas envolvendo seres humanos, visando a salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito da pesquisa.

Se tiver alguma dúvida, você e seu(ua) filho(a) poderão entrar em contato conosco pelo telefone (16) 3315-3413 de 2ª à 6ª feira das 8 às 17 horas ou pelos e-mails gracacarvalho@eerp.usp.br e biacampeiz@usp.br. Vocês poderão também contatar o CEP no endereço da EERP/USP - Avenida dos Bandeirantes, 3900 - Campus USP - Ribeirão Preto - SP - 14040-902 - Telefone (16) 3315-9197 ou no ramal 9197 – de 2ª à 6ª feira das 8 às 17 horas.

Agradecemos a sua colaboração!

Consentimento do responsável e assentimento da participação da pessoa como sujeito da pesquisa

Após ter conhecimento sobre como poderei colaborar com esta pesquisa, concordo com a participação do meu filho(a) nesta pesquisa, não tendo sofrido nenhuma pressão para tanto.

Responsável - Eu, _____, RG/CPF nº _____, ciente das informações constantes no verso deste termo, sobre o estudo e os meus direitos, aceito a participação no estudo acima especificado. Foi-me garantido que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer penalidades ou prejuízos. Também me foi afirmado que não terei nenhum risco físico, moral ou gasto financeiro, sendo que será mantida em segredo minha identificação. A minha assinatura representa o meu consentimento da participação do meu filho(a) no estudo. Este termo é assinado em duas vias, uma via ficará comigo e a outra com a responsável pela pesquisa, e tive a oportunidade de discuti-la com a mesma.

Adolescente - Eu, _____, RG/CPF nº _____, ciente das informações constantes no verso deste termo, sobre o estudo e os meus direitos, aceito a participação no estudo acima especificado. Foi-me garantido que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer penalidades ou prejuízos. Também me foi afirmado que não terei nenhum risco físico, moral ou gasto financeiro, sendo que será mantida em segredo minha identificação. A minha assinatura representa o meu assentimento em participar da pesquisa. Este termo é assinado em duas vias, uma via ficará comigo e a outra com a responsável pela pesquisa, e tive a oportunidade de discuti-lo com a mesma.

Batatais, ____ de _____ de 201__.

Responsável pelo Adolescente

Adolescente Participante (Assentimento)

Ana Beatriz Campeiz - Nº USP 9386095
(Pesquisadora responsável)

APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido***TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO***

(Destinado aos adolescentes menores de 18 anos)

Pesquisa: A violência nas relações afetivas entre adolescentes pela Perspectiva do Paradigma da Complexidade de Edgar Morin

Prezado(a) Adolescente,

Meu nome é Ana Beatriz Campeiz, sou mestranda no Programa de Saúde Pública, pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP (EERP/USP) e sou responsável por esta pesquisa sob orientação da Profa. Maria das Graças Bonfim de Carvalho.

Gostaríamos de convidá-lo para participar desta pesquisa, a qual tem como objetivo analisar a violência nas relações afetivas entre adolescentes pela perspectiva do Paradigma da Complexidade de Edgar Morin. O Paradigma da Complexidade considera as contradições e imprevisibilidades ao analisar a violência nas relações afetivas e a compreende nas conexões entre seus elementos pessoais, sociais e processuais de maneira articulada e contextualizada.

Salientamos que a referida pesquisa se dará por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada e de um grupo focal. A entrevista semiestruturada é uma entrevista já organizada com algumas questões predeterminadas e outras em aberto, podendo também surgir outras questões ao longo da conversa. O grupo focal é uma conversa em grupo, conduzida por mim, que será gravada e posteriormente registrada.

Tanto a entrevista quanto o grupo focal serão realizados na escola, com autorização dos gestores e professores, em horário que não prejudicará suas atividades escolares. No momento da entrevista ou durante o grupo focal, se você não souber ou se não quiser responder a uma pergunta, não tem problema. O tempo necessário para interação da entrevista deverá ser aproximadamente de trinta minutos e do grupo focal de aproximadamente 01 hora.

Sua participação é voluntária e deverá ser devidamente autorizada pelos seus pais ou responsáveis. A aceitação para participar não trará nenhum gasto financeiro para você ou sua família, sendo que será mantida em segredo suas identificações, ou seja, vocês não serão identificados por nome, apelido ou qualquer outro meio, sendo, as informações usadas exclusivamente para esta pesquisa.

Toda pesquisa com seres humanos pode gerar alguns riscos e desconfortos. Levando-se em conta o tema abordado, caso haja desconforto como, por exemplo, ao falar de situações vividas de sua afetividade, você poderá interromper a participação imediatamente, continuando ou não mais

tarde, e se necessário será encaminhado para serviços especializados. Além disso, garante-se o direito à indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da sua participação na pesquisa.

Você não terá nenhum benefício direto, nesse momento, pela sua participação, mas será uma oportunidade para conhecer mais sobre seus direitos enquanto cidadão, onde buscar assistência caso precise, além de poder compartilhar suas experiências de maneira sigilosa, colaborando para que os resultados da pesquisa possam nos ajudar a analisar e a violência nas relações afetivas entre adolescentes e quais sentidos são atribuídos a esse fenômeno sob o olhar dos adolescentes frequentadores do ensino médio. Quando terminarmos a pesquisa, o resultado final poderá ser divulgado em revistas e encontros científicos.

Lembramos que a qualquer momento da pesquisa você poderá desistir de sua participação, uma vez que esta participação é voluntária. Este termo possui duas vias assinadas, sendo que uma ficará com o pesquisador e outra será entregue para você sob sua responsabilidade para conhecimento.

O projeto da pesquisa foi aceito e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da EERP/USP, responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Aspectos esses que ressaltam a necessidade de revisão ética e científica das pesquisas envolvendo seres humanos, visando a salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito da pesquisa.

Se tiver alguma dúvida, você poderá entrar em contato conosco pelo telefone (16) 3315-3413, de 2ª à 6ª feira das 8 às 17 horas ou pelos e-mail Pogracacarvalho@eerp.usp.br e biacampeiz@usp.br. Poderá contatar o CEP no endereço da EERP/USP - Avenida dos Bandeirantes, 3900 - Campus USP - Ribeirão Preto - SP - 14040-902 - Telefone (16) 3315-9197 ou no ramal 9197 – de 2ª à 6ª feira das 8 às 17 horas.

Agradecemos a sua colaboração!

Assentimento da participação da pessoa como sujeito da pesquisa.

Eu, _____, RG/CPF nº _____, ciente das informações constantes no verso sobre o estudo e os meus direitos, assumo a participação no estudo acima especificado. Foi-me garantido que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer penalidades ou prejuízos. Também me foi afirmado que não terei nenhum risco físico, moral ou gasto financeiro, sendo que será mantida em segredo minha identificação. A minha assinatura representa o meu consentimento em participar do estudo. Este termo é assinado em duas vias, uma via ficará comigo e a outra com o responsável pela pesquisa, e tive a oportunidade de discuti-lo com o mesmo.

Batatais, ____ de _____ de 201__.

Adolescente Participante

Ana Beatriz Campeiz - Nº USP 9386095
(Pesquisadora responsável)

APÊNDICE C – Roteiro para grupo focal (Atividade nº 1)

1. Acolhimento dos presentes pela pesquisadora.
2. Explicar a dinâmica do grupo focal e de seus objetivos em relação à pesquisa.
3. Orientações:
 - Orientar os participantes de que não existem opiniões corretas, não há interesse em opinião em particular, e todas as opiniões são bem-vindas.
 - Solicitar que os participantes falem um de cada vez, evitando interrupções desnecessárias.
 - Solicitar a permissão para gravação.
4. Preparação:
 - Apresentação dos participantes.
 - Início da discussão com a apresentação de duas figuras impressas de situações entre casais de namorados (*print* / pessoa tirando foto da cozinha para provar que está em sua própria casa e casal de mãos dadas), norteadas as perguntas:
 - O que é um namoro (ideal)?
 - Qual o objetivo de um namoro?
 - Quais comportamentos são positivos e quais são prejudiciais numa relação de namoro?
5. Dinâmica principal:
 - Atividade: colocar várias figuras na mesa com palavras ou imagens de amor, respeito, “me manda uma foto nua sua?”, “Se você largar de mim vou espalhar sua foto”, “foi mal, faço isso porque te amo”, “me dá uma prova de amor?”, brigas entre duas pessoas, brigas na família, celular e redes sociais, amor romantizado, “você é tudo para mim”.
 - Pedir para os participantes olharem para aquelas figuras e refletirem sobre o que eles pensam sobre:
 - O que é violência.
 - Formas de violência no namoro e suas causas.
 - Motivos da permanência em uma relação violenta.
6. Finalização:
 - Perguntar “Como foi participar do grupo?” e “Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa?”
 - Informar os participantes sobre a futura divulgação dos resultados.
 - Agradecer a participação de todos.

APÊNDICE D – Roteiro para grupo focal (Atividade nº 2)

1. Acolhimento dos presentes pela pesquisadora.
2. Explicar a dinâmica do grupo focal e de seus objetivos em relação à pesquisa.
3. Orientações:
 - Orientar os participantes de que não existem opiniões corretas, não há interesse em opinião em particular, e todas as opiniões são bem-vindas.
 - Solicitar que os participantes falem um de cada vez, evitando interrupções desnecessárias.
 - Solicitar permissão para gravação.
4. Preparação:
 - Apresentação dos participantes.
5. Dinâmica principal:
 - Para discussão do tema “Crenças sobre violência e relações de intimidade dos adolescentes”, solicitar aos adolescentes que se manifestem sobre os itens a) a j), levantando o braço quando a pesquisadora mostrar a plaquinha com a resposta com a qual eles se identificam.

1	2	3	4
Não concordo	Concordo pouco (talvez)	Concordo	Concordo muito

- a) O álcool ou a droga é responsável pela violência das pessoas, por isso quem usa não tem culpa de ser violento.
- b) Lugar de mulher é na cozinha.
- c) O namorado pode forçar a namorada ter relação sexual com ele, porque ela sempre tem que agradar as vontades dele.
- d) O namorado(a) tem o direito de controlar onde a(o) namorada/(o) vai ou com quem conversa.
- e) Xingar ou apertar o braço do namorado(a) na hora de uma discussão não há problemas, pois estavam de “cabeça quente”.
- f) Obrigar o companheiro(a) dar a senha do celular ou *Facebook*[®] é normal em um relacionamento.
- g) Em briga de casal ninguém pode se intrometer.
- h) As pessoas que são maltratadas e não pedem ajuda é porque não se importam com a situação.
- i) É pior uma mulher bater num homem do que um homem bater numa mulher.

- Discutir cada item acima, estimulando os adolescentes a discorrerem mais sobre suas convicções.

5. Finalização:

- Perguntar: “Como foi participar do grupo?” e “Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa?”
- Informar sobre a futura divulgação dos resultados.
- Agradecer a participação de todos.

APÊNDICE E – Roteiro para entrevista semiestruturada

Caracterização do Participante:

1. Identificação:

Nome (código do participante): _____

Idade: _____

Cor/raça: _____

Estado civil: _____

Ano escolar: _____

Trabalho: _____

Profissão: _____

Filhos: _____

2. Núcleo familiar:

Quantas pessoas residem na sua casa?: _____

Quem reside na sua casa?: _____

Qual a sua renda familiar (1,3,5 salários mínimos)?: _____

Namoro e Violência

1. O que é namorar ou estar em um relacionamento íntimo para você?
2. Pode existir violência em uma relação de intimidade? Como?
3. Você já vivenciou alguma situação de violência?

Finalização

1. Como foi para você participar dessa entrevista?
2. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Anexos

Anexo A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

Centro Colaborador da OPAS/OMS para o
Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3315.3382 - 55 16 3315.3381 - Fax: 55 16 3315.0518
www.eerp.usp.br - eerp@usp.br

Ofício CEP-EERP/USP nº 279/2016, de 31.08.2016

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa abaixo especificado foi analisado e considerado **aprovado "ad referendum"** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-EERP/USP) em 29 de agosto de 2016.

Protocolo CAAE: 56894116.0.0000.5393

Projeto: A violência nos relacionamentos afetivos entre adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade de Edgar Morin

Pesquisadores: Ana Beatriz Campeiz

Maria das Graças Bomfim de Carvalho (orientadora)

Em atendimento à Resolução 466/12, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof.ª Dra. Angelita Maria Stabile

Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Prof.ª Dra. Maria das Graças Bomfim de Carvalho

Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP